



Carlos Alberto Bastos de Matos

Ygino Rodrigues
o poeta da pinta preta

Migalhas

Apresentação

Este é o resultado de extensa pesquisa realizada por Carlos Alberto Bastos de Matos em arquivos da Franca e de outras cidades paulistas, mineiras e goianas que testemunharam a passagem deste “boêmio genial”, deste autor de “estrofes divinamente inspiradas”, deste poeta de estilo “ardente como ferro em brasa”. Nas infindáveis pesquisas, o autor logrou reunir 142 poemas de Ygino Rodrigues, a maior parte publicada em jornais da Franca no início do século passado. Historiador, reconstituiu - com a ajuda de inúmeros colaboradores - sua atribulada biografia, percorrendo as velhas coleções de periódicos da antiga “Vila Franca do Imperador”, garimpando cuidadosamente notas esparsas, comentários, questiúnculas e intrigas; ao final completou o agitado painel da vida deste “malgrado poeta” com o levantamento dos muitos processos judiciais nos quais se envolveu. Reunido o precioso material e traçado com exatidão o itinerário biográfico de Ygino Rodrigues, tratou de divulgá-lo entre francanos, mineiros e goianos. Cedo, todavia, antes de ver os trabalhos publicados, Carlos Alberto Bastos de Matos enfeixou o soneto de sua existência. De fato, jovem ainda, aos 57 anos, deixou-nos, em 4 de agosto de 2004; nesse dia, em uma “canoa lavrada na fantasia”, chegou à foz do rio de sua vida.

Ygino Rodrigues

o poeta da pinta preta

Carlos Alberto Bastos de Matos

Ygino Rodrigues

o poeta da pinta preta

1ª edição
2008

Mgalhas

Ygino Rodrigues

o poeta da pinta preta

Carlos Alberto Bastos de Matos

1ª edição, 2008.

Editora Migalhas.

Editora responsável: Patrícia Cardeal

Capa: Fábio Shimo

Matos, Carlos Alberto Bastos de. (1946 - 2004)

Ygino Rodrigues - o poeta da pinta preta.

/Carlos Alberto Bastos de Matos. - 1ª ed. - São Paulo: Migalhas, 2008.

268 p. ; 14x21 cm.

Inclui bibliografia

1. Literatura Brasileira. I. Título.

ISBN: 978-85-61707-00-2

CDD - B869

Editora Migalhas

Rua Afonso Taranto, 450

Ribeirão Preto, SP - CEP: 14.096-740

Telefax: (16) 3617.1344

www.migalhas.com.br

e-mail: editoria@migalhas.com.br

SUMÁRIO

Parte I

1. Itinerário Biográfico9
2. Pseudônimos Utilizados25

Parte II

Poemas de Ygino Rodrigues

1. Poemas publicados em jornais de Franca29
2. Poemas de “Pampeiros”163
3. Poemas publicados em Goiás181

Parte III

1. Estudos, citações e referências ao poeta205
2. Notícias e elogios fúnebres237
3. O Mausoléu253

Bibliografia261

Índice dos Poemas263

Parte I |

1

Itinerário Biográfico

“Eginio Venancio”

Este haveria de ser na verdade o nome de quem afinal se consagrou, após curta e atribulada existência, como o inspirado poeta “Ygino Rodrigues”.

Seu pai, Salvador José Venâncio¹, emigrado da Bahia para a cidade de Goiás, aí casou-se em 12 de maio de 1867 com Luiza Alves Barboza², filha de Antonio Barboza e de Josepha Alves de Carvalho.

Nasceu o poeta a 11 de janeiro de 1872, sendo levado, em 28 de fevereiro, à pia batismal da “Capella de Nossa Senhora da Boa Morte da Cidade de Goyaz”, e – como registrou no termo o vigário José Iria Xavier Serradourada³ – foi o reverendo Nicolas de Almeida Pinto Vieira quem “pos os santos oleos ao innocente Eginio”, afilhado de “Thomas Rodrigues da Fonceca” e de “Joana Masdoma dos Santos”.

Há, pois, de ter sido do padrinho que Ygino herdou o sobrenome “Rodrigues”. E isto era, na época, costume comum entre gente simples.

“*Filho de família humilde*”⁴, não foram certamente de muito conforto seus primeiros anos às margens do rio Vermelho, na antiga Villa Boa. Aliás, as próprias condições da então capital da província de Goiás eram, naqueles tempos, de todo desfavoráveis. Exauridos os veios auríferos que haviam feito sua riqueza no século XVIII, a cidade nada oferecia aos desprovidos de terras para plantar, ou criar gado. Isolada no sertão goiano, distante dos centros de decisão

1 Filho de José Venâncio de Mello e de Custódia de Mello, “ambos já falecidos” por ocasião de seu matrimônio.

2 Presentes na Catedral as testemunhas José Carvalho de Oliveira e d. Francisca Alexandrina de Arruda e Oliveira, as bênçãos nupciais foram dadas pelo padre Antonio Marques de Santarém, conforme registra o assento lavrado sob nº 8, às fls. 105 vº, do Livro 4 de Registros de Casamentos (1836-1887) da diocese de Goiás.

3 Cfr. fls. 167 do Livro de registros da paróquia do curato de S. Ana de Goiás.

4 Veiga Netto, 1944, p. 213.

nacional, a capital parecia traduzir a “*imagem goiana de calma, de gado no pasto, de tempo de sobra, de lento, mas contínuo, passar das horas*”⁵. Realmente, “*uma apatia mortal parece dominar tudo*”, pois, “*longe de prosperar, a cidade de Goiás tem decaído: quem passeia por seus arrabaldes sente-se constantemente entristecido pelo aspecto das ruínas que observa*”. Assim descrevendo o “*caos trevoso*” em que se debatia a capital sob seu governo em 1863, Couto de Magalhães arremata, fulminante: “*Em uma palavra, Goiás, não só não reúne as condições necessárias para uma capital, como ainda reúne muitas para ser abandonada*”⁶.

É, portanto, nessa nada propícia quadra histórica da outrora vivaz cidade de Goiás, é por seus becos de aspecto tão pouco animador, de “*ar sombrio*” e de “*velha umidade andrajosa*”, que o menino dá seus primeiros passos.

Um século mais tarde, traçando a biografia de quem já então era o patrono da cadeira nº 24 da Academia Goiana de Letras, Humberto Crispim Borges conta que Ygino, sob a proteção de seu padrinho Thomas Rodrigues da Fonseca, iniciou o estudo das primeiras letras em 1879. Em 1884, revelando inteligência incomum, ingressou no “Lyceu de Goiaz”, concluindo aí os estudos em 1888.

No ano seguinte assentou praça no 20º batalhão da Infantaria, mas dois anos depois, em 1891, deixou as fileiras do Exército, passando a colaborar ativamente, em 1892 e 1893, na **Gazeta de Goiás**, do monsenhor Inácio Xavier da Silva⁷. Também publicou poemas em **O Goiás** (1892) e no **Jornal de Goiás** (1893).

Seu conterrâneo Victor de Carvalho Ramos registrou que o jovem Ygino, “*quando em Goiás, andou às turras*

5 Chaul, 1997, p. 91.

6 Couto de Magalhães, 1957, p. 41-46.

7 Borges, 1977, p. 227.

com a polícia dado à irascibilidade de seu gênio inquieto e turbulento” (Ramos, 1968, p. 56-57).

Em 1894, “desgostoso”⁸, retirou-se da modorrenta Goiás.

Mas, com certeza, não há de se ter incompatibilizado com sua cidade natal, que cantava em carinhosos versos (“*Não há terra melhor do que a nossa, / É uma plaga encantada e gentil! / E essa terra que é minha e que é vossa / É Goiás, coração do Brasil*”⁹.) e a quem dedicou o livro “Pampeiros”, editado em 1895 (“*À minha estremecida pátria goiana / Com um preito mesquinho / De amor e gratidão / Oferece este livrinho / Do melhor coração*”). Aos chãos goianos o poeta reservou sempre, vida afora, os melhores vaticínios:

“(…)

*Do Amazonas o irmão menor, o Parnaíba,
Há de cantar comigo a homérica peleja
Que do Brasil Central mostre o porvir jucundo!...*

*Ó terra do Anhangüera, avante! avante! arriba!
Se és o coração do Brasil, que Este o seja
Da América do Sul, quiçá do Novo Mundo*”¹⁰!

Sua mudança de Goiás deveu-se, certamente, a seu irrequieto espírito, a seus anseios de vãos altos noutros lugares. Havia de ter consciência de seus dotes de jornalista e de seu valor como poeta, que não haveriam de permanecer confinados nos limites estreitos da terra que o vira nascer.

8 Veiga Netto, 1944, p. 213.

9 Versos que encimam o soneto “Goiáz”, de Gastão de Deus Victor Rodrigues (in “Agapantos”, Tipografia da Livraria Século XX, Uberaba, 1905).

10 “Por Goiás” (Tribuna da Franca, 15.4.1904).

Ei-lo então em Uberaba, acolhido por Quintiliano Jardim, diretor do **Lavoura e Comércio** e proprietário da Tipografia Jardim, onde é impresso o primeiro livro de Ygino, “Dinamites”¹¹. Mais tarde, em 1908, já morto Ygino, o jornalista lembrava que ele lhe chegara do “*Goiás tropical, trazendo o cérebro ardendo em fantasias e o coração aflorado de esperanças, fantasias, falenas doiradas que espalhava a mãos cheias numa prodigalidade nababesca por jornais e folhetos; esperanças, minarettes aurilavrados erigidos nos seus sonhos de poeta...*”¹². Irrequieto, Ygino segue para o Rio de Janeiro, onde trabalha como redator de **O Nacional** (dirigido por Aníbal Mascarenhas, Lindolfo Azevedo e Henrique Cândia) e onde, no ano de 1895, imprime “Pampeiros”, em edição da Tipografia da Papelaria Ribeiro.

Pouco depois, todavia, já está em São Paulo, tentando levar adiante um pequeno jornal, **A Mogyana**, de curta e intermitente vida¹³.

Afinal, em meados de 1901, surge em Franca.

E surge fulgurante, publicando no **Sétimo Distrito** de 26 de maio dois sonetos que fazem imediata fama: “Flor de Maio” e este “Ato de Contrição”:

11 **A Tribuna da Franca** de 7.7.1907, em elogio póstumo a Ygino, diz que Dinamites, “versos de propaganda nacionalista, foi publicado em três volumes”. Quintiliano Jardim informa tratar-se de “uma versalhada revolucionária, escrita sobre os joelhos, cheia de adjetivos vermelhos, com rimas explosivas no fim de cada verso. Deviam ser mesmo assim aquelas estrofes, eram dedicadas à memória de Floriano, o super-homem, por quem ele tinha uma admiração fanática” (“Poeta morto”, Jardim, 1908, p.33).

12 Jardim, 1908, p. 33.

13 **A Tribuna da Franca** traz nota, em 17 de novembro de 1900: “Recebemos, anteontem, a visita dos nossos colegas Agostinho Nogueira Penido, d’O Cruzeiro, de São Paulo, e Hygino Rodrigues, d’A Mogyana”. Depois, na edição de 30 de março de 1901, o mesmo jornal informa: “A MOGYANA - Acaba de reaparecer em São Paulo, sob a sempre aplaudida redação do talentoso moço, Ygino Rodrigues, esse valente campeão da imprensa moderna. Agradecendo ao colega a gentileza da visita, desejamos-lhe prosperidades, na sua nova fase”. E **O Francano** (de Álvaro Abranches Lopes), nessa mesma data, detalha: “Recebemos e agradecemos o nº 8 d’A Mogyana, órgão dos interesses da zona servida pela Cia. Mogyana, redigida pelo conhecido escritor e poeta Hygino Rodrigues”.

*Eu sei que Deus que é bom, que é Infinito,
Há de lenir-me o sofrimento, em breve,
E hei de ficar tão puro, como a neve,
Pelo perdão que peço-lhe contrito*

*Eu sei que Deus escuta a voz do aflito
E violar seu poder ninguém se atreve;
Minha alma subirá qual pena leve,
Pois eu creio em Jesus e no seu rito!*

*Arranca-me, Senhor, deste planeta
Onde arrasto duríssima grilheta,
Onde, em seis lustros, quase não vivi!...*

*Dá-me forças no transe derradeiro,
Como as tiveste embaixo do madeiro...
Dá-me coragem p'ra subir a Ti!*

E o poeta, desde aí, desde maio de 1901, não mais abandona Franca. Em agosto publica a brochura “Faíscas”; apenas dois meses após, em outubro, vem a lume “novo opúsculo de poesias líricas” denominado “Flores do Deserto”, como noticiam a **Tribuna da Franca** de 19 de outubro de 1901, e **O Francano** de 1º de dezembro do mesmo ano. Ambos, “Faíscas” e “Flores do Deserto”, editados pela Tipografia Espírita de Franca.

Seus versos, políticos, líricos ou satíricos, são continuamente divulgados nos jornais da terra.

Mas, ao mesmo tempo, Ygino envolve-se em confusões e arranja alguns inimigos que cultiva com visível prazer. Era um “incurável boêmio” - como classificou o historiador francano Affonso José de Carvalho - que vivia “*em deplorável estado de permanente incontinência alcoólica*” (na dura frase de uma petição de Álvaro Abranches Lopes,

em questão que veremos adiante).

Assim, é preso na cidade de Amparo porque, muito ébrio, queria por força que o delegado de polícia, Dr. João Guedes, comprasse um seu livro de poesias¹⁴. Logo a seguir abre dura campanha contra a Santa Casa e principalmente contra seu zelador, Domingos, a quem acusa de “*esmurrar os doentes*” e até de “*lhes negar água*”¹⁵. Meses depois é surrado, a vassouradas, pela cozinheira Gregória, num restaurante da rua da Estação¹⁶.

Por essa época, corre pela Franca a notícia de sua morte; ao boato, Ygino responde em versos:

Ainda não morri!

*(a propósito de minha pretendida morte,
propalada gratuitamente por alguns
ociosos boateiros)*

*Ainda não morri! Não estou morto,
D’agouros maus dispenso a sombra escura;
Embora viva doente e sem conforto,
Ainda não descí à sepultura!*

14 O fato se dá a 7 de janeiro de 1902, e Ygino remete telegrama ao jornal **Commercio de São Paulo**: “Ante-ontem, fui preso ilegalmente e despojado do dinheiro pelo escrivão de policia. Edificante! Ygino Rodrigues”. A 15 de fevereiro, a **Tribuna da Franca** publica artigo de Ygino contra o Dr. João Guedes, mas logo depois, no dia 23 de fevereiro, ele volta ao assunto, admitindo que estava embriagado.

15 A crítica, publicada na **Tribuna da Franca** no dia 8 de março, provoca virulento protesto do jornal **O Francano**; o poeta é qualificado como um “cérebro desequilibrado”, um “irresponsável que, por não ter eira nem beira, só sabe dizer asneira”, um “leão sem juba”, cuja atitude é uma “pasquinada”.

16 Da leitura dos autos do processo então instaurado pode-se deduzir que Ygino, embriagado, teria provocado a confusão, no dia 2 de outubro de 2002, exigindo dinheiro e chamando o dono do restaurante de “galego”. Os agressores – Manoel Pinto, proprietário do restaurante, e Gregória M. de Jesus, conhecida como Maria Amélia – foram conduzidos à delegacia e Ygino submetido a exame de corpo de delito. Gregória foi presa, na pronúncia (1º de novembro), mas absolvida em 11 de dezembro, sob a alegação de legítima defesa.

*Ainda não morri! Neste meu horto,
Aonde bebo o fel da desventura,
Indiferente a tudo, sempre absorto,
Inda em meu corpo a vida está segura.*

*Querem que eu morra? Ah! Eu compreendo o gosto
Que terão de lançar sobre o meu rosto
Um punhado de terra, um torrão frio...*

*Mas não morri, hipócritas perversos,
Ainda continuo a fazer versos,
Portanto, ó mochos, cessai vosso pio!*

Franca – 10 - 1902¹⁷

Parece que, sobranceiro, Ygino não se abala. E, com a pena satírica que de quando em quando brandia, continua a golpear um e outro. Todavia, prossegue encantando os francanos com líricos poemas que os jornais estampavam a toda semana.

Embevecida, a cidade lê certa manhã, para memória até nossos dias, uns versos que - segundo se diz – teriam sido escritos de um jato, em mesa de botequim, a pedido de uma jovem, Joanelinha, filha do dono do bar e que possuía na face uma delicada pinta preta:

*A pinta preta que tu tens no rosto
É uma pinta mimosa e tão pequena,
Que te dá mais encanto e mais amena
Graça, qual nuvem leve em céu de agosto.*

17 O Francano, 25.10.1902.

*Faz um soldado abandonar seu posto,
Faz queimar-se na luz uma falena,
Invejam os anjos da mansão serena
A pinta preta que tu tens no rosto.*

*E eu imagino até, bela menina,
Que Deus de ti, um dia, enamorou-se
E chorou de pesar e de desgosto...*

*Chorou... e a branca lágrima divina,
Gota do céu, caindo, transformou-se
Na pinta preta que tu tens no rosto...*

Entretanto, fazendo editar em São Paulo a obra “Aerólitos”¹⁸ e publicando em Franca outro festejado livro de poesia, “Trinos e Trenos”¹⁹, Ygino não deixa de dar asas às turbulências de seu espírito.

A bengaladas, agride-o Elias Mota na rua do Comércio: Ygino, no inquérito, atribui isto a “*boatos que correm na cidade a respeito de seu casamento com a mãe*” de Elias Mota, mas desconversa, dizendo que não tem “*a menor participação neste assunto*”. O agressor, no entanto, confirma que o móvel é realmente esse e que, de fato, se opõe ao matrimônio porque o poeta, “*um homem que constantemente acha-se em estado de em-*

18 A **Tribuna da Franca**, em 15 de maio de 1904, noticia a publicação de “Aerólitos”, livrinho de 25 páginas dedicado a Santos Dumont e impresso nas oficinas gráficas Rosenhaim e Meyer, de São Paulo.

19 “Trinos e Trenos”: Por estes dias sairá destas Oficinas aquele novo fascículo de versos do inspirado poeta Ygino Rodrigues” - assim a **Tribuna da Franca** de 21 de maio de 1905 anunciava o último trabalho de Ygino, impresso pela Tipografia daquele periódico francano. E, na edição de 28 de maio, a **Tribuna da Franca** estendia-se em elogios a esta “coleção de sonetos e poesias de aprimorado gosto artístico e de forma bem cuidada e que merece de sobra o amparo da mocidade da Franca, a quem é dedicado”. No mesmo 28 de maio de 1905, o jornal **Cidade da Franca** referia-se, usando termos laudatórios, ao “pequeno folheto”, reproduzindo um poema, “que aprouve a Hygino dedicar aos mortos”: o “Necropolitano”. O livro abria-se com o poema “Intróito”.

briaguez”, não está “*na altura*” de receber sua mãe²⁰.

Põe-se como feroz inimigo do Intendente municipal, o jornalista Álvaro Abranches Lopes, d’**O Francano**²¹.

Nesse período, certamente, já sofria a doença dos pulmões, agravada pela vida desregrada e pelo álcool. A **Tribuna da Franca** de 4 de novembro de 1903 traz, em nota: “*Hygino Rodrigues - Acha-se em tratamento na Santa Casa de Misericórdia, o talentoso poeta Hygino Rodrigues, que se acha enfermo*”.

E, ao meio desse turbilhão, casa-se com uma rica viúva, Maria Thereza Espíndola, bem mais velha que ele: era a sogra de Álvaro Abranches; era a mãe de Elias Mota²²...

Não há notícia de que o casamento, que não lhe deu filhos, tivesse trazido sossego à alma do poeta.

Ygino continua a se crer um incompreendido – e, ante a dor da fria indiferença de que se supõe cercado, lamenta em tristes versos sua orfandade que “*nenhum prazer (...) aquece*”. Mas, a isto, diz que reage:

*Vingo-me, desprezando essa horda à toa,
Bebendo pinga, seja ruim ou boa,
Que não bebe por gosto quem padece*²³!

20 O incidente ocorreu em 11 de abril de 1903, mas anteriormente já teriam ocorrido alterações; Elias Mota foi absolvido, por legítima defesa, em júri realizado dia 11 de junho de 1903.

21 Contra ele foram escritos os poemas “Espoletas” I e II (**Tribuna da Franca**, dias 7 e 18.2.1904), ambos dedicados “a um pasquineiro imundo”; “Vandalismo” (18.2.1904) e “Eu e o Sr. Intendente” (21.2.1904). Nestes últimos, denuncia a invasão de sua casa e ameaças de espancamento a chicote, por parte de Álvaro Abranches.

22 Maria Theresa Espíndola, filha do Tenente Coronel Thomaz José da Motta e de dona Anna Luiza da Conceição, era natural de Franca; estava com a idade de 45 anos, era viúva e tinha 8 filhos: a mais velha, Anna, era esposa de Álvaro Abranches Lopes; o segundo filho era Elias Mota; depois vinham Maria Luiza, Eduardo, Laudicena, Laudemira, Waldomiro e Sabina. Ygino contava 32 anos de idade. O casamento realizou-se dia 10 de fevereiro de 1904, sendo noticiado na **Tribuna da Franca** do dia seguinte: “Consórcio – Realizou-se ontem o casamento do festejado poeta Ygino Rodrigues com a sra. Maria Thereza Espíndola. Aos recém-casados enviamos sinceras felicitações, desejando-lhes ridentes dias de felicidades”.

23 “Dor e desprezo”, **Tribuna da Franca**, 19.1.1904.

Já casado, apanha de Sabino Loureiro que, a bengaladas, responde ao mordaz soneto no qual o professor gaúcho, em versos que punham dúvidas sobre sua virilidade, era ferinamente apelidado de “*Chuchu Branco*”²⁴... Meses após o casamento, inicia-se longa contenda entre Álvaro Abranches e Ygino, a respeito da tutela dos filhos menores de Maria Thereza, e da herança de um sobrado, no qual a filha mais nova, Sabina, teria parte²⁵.

Quintiliano Jardim, em visita a Franca, reencontra Ygino “*muito magro, o rosto socavado, coberto de um livor esverdeado e os olhos com um brilho sinistro*”. Viu-o “*tomando aguardente aos copos (...), longe dos fregueses, num canto, solitário e abandonado das gentes – como sempre ébrio, bastante ébrio e falando cavernosamente, arrastando as palavras*”.

Não se reconheceram de pronto: do boêmio, a tuberculose “*devastara horrivelmente o corpo, e transformação acentuada se fizera em sua fisionomia*”. Só a custo o che-

24 Sabino Loureiro, na época professor municipal, também era poeta e “vivía em boa paz com o situacionismo” (Chiachiri, revista *Vilafranca*, n.16, jun. 1960). Ygino relata no processo que, no dia 8 de março de 1904, às 7h30 ou 8h da noite, estava na “Gruta Francana”, rua do Comércio, quando foi agredido inopinadamente por Sabino, a bengaladas. Atribui a agressão ao fato de ter publicado um soneto na *Tribuna da Franca*, em represália a insultos de Sabino no *Diário da Franca*. Antes do poema publicado no dia da agressão, já Sabino Loureiro havia sido criticado – chamado por Ygino de “alma de lodo, coração de hiena” – em outro poema, “Resposta a Uruguaiano Brasileiro, o professor sabichão, embora sensaborão”. Depois, no poema “Paz Varsoviana”, Ygino ainda critica Sabino Loureiro, e assina Xico III (*Cidade da Franca*, 12.8.1906).

25 Ygino pretendia permutar o sobrado, necessitado de reparos, por uma casa; o tutor, Álvaro Abranches Lopes, não concordava. A tutela dos filhos de Maria Thereza havia sido pedida por Álvaro, seu genro, alegando ser ela binuba (e citando o art. 94 do Dec.181, de 24.1.1890); ainda segundo ele, a tutela não poderia recair sobre Hygino Rodrigues “por lhe falecer, em absoluto, capacidade moral para tal encargo, visto viver em deplorável estado de permanente incontinência alcoólica, como é público e notório nesta cidade”. Em petição de 23 de agosto de 1904, Maria Theresa acusa o genro de não zelar por Sabina, que não residia com ele porque, de tenra idade, não lhe podia servir de criada ou servente; e diz que Álvaro é seu “inimigo capital”. Em 30 de abril de 1905, Ygino desfere “Perguntas inocentes”, no jornal *Cidade da Franca*: “Com que direito o abaixo assinado, padraсто da órfã menor Sabina Spindola, deve fornecer à mesma teto e alimento ou ‘mesa e cama’, sem para isso receber o que pertence à referida órfã da casa hoje pertencente ao sr. Antonio Alves?”

gante, que há dez anos fora seu editor, deu-se a conhecer àquele freguês de “*casaco ensebado, puído nos cotovelos*”. O boêmio, continua ele, “*levantou-se então, cambaleante, arrastando cadeiras, quebrando copos, e veio para mim abrindo os braços esqueléticos e compridos*” para, logo a seguir, “*com aquela sem-cerimônia que lhe afugentava os amigos*” pedir ao jornalista um dinheiro:

- “*Passa-me uma de cinco aí, é para o vício*”²⁶.

Sobre esse Ygino, boêmio desmiolado, escreveu seu amigo Ricardo Paranhos, do jornal **Goyaz e Minas**, que “*se o tico-tico lhe almoçasse o juízo*” é bem certo “*que o modesto e sóbrio animalzinho ficaria em jejum*”. É o mesmo Ricardo Paranhos quem noticia a publicação de mais um trabalho de Ygino: “*Versos Diversos*”, “*impresso nas oficinas a vapor dos srs. Rosenhain e Meyer, de São Paulo*”. Segundo Paranhos, “*o mimoso livrinho (...) prima, não só pela confecção typographica, que não pôde ser mais caprichosa e artistica, como pelas preciosidades que enfeixa*”²⁷.

O atormentado poeta enveredou ainda pelas sendas da literatura em prosa: o **Lavoura e Comércio**, de Uberaba, noticia, em outubro de 1904, estar Ygino “*angariando assinaturas*” para a publicação de um romance de sua autoria, denominado “*Justiça Reta*”; e a **Tribuna da Franca** registra que Ygino publicou “*grande número de folhetos de versos e novelas*”. Infelizmente, de novelas e romances não se guardou registro; restam apenas artigos esparsos, nos jornais. É de 1904 um poema em que Ygino traça a autobiografia poética:

26 Jardim, 1908, p. 33-34.

27 Apud **Cidade da Franca**, 15.6.1905.

Hoje

*Aos doze anos amei e fui traído,
Aos quinze comecei de poeta o fado;
Chego aos dezoito... e fiz-me então soldado...
Aos vinte e três já era um foragido.*

*E do destino sempre perseguido,
Vivendo sempre a amar sem ser amado,
Agora aos trinta e dois eis-me chegado
E inda não sei p'ra que fui eu nascido!*

*E se do amor jamais banhou-me a espuma,
Fortuna nunca achei em parte alguma...
Não tenho amigos, nem do 'arame' a luz!...*

*E contudo o meu nome faz estrondo!
Serei muito feliz inda transpondo
Os trinta e três, a idade de Jesus²⁸!*

Seu casamento se deu a 10 de fevereiro de 1904 e o poema acima transcrito, da mesma época, traduz profundo desencanto amoroso: seria então procedente a afirmação de alguns autores, que Ygino teria sido expulso da casa de Maria Thereza, escorraçado pelos filhos da viúva²⁹? Não encontramos nos jornais francanos a confirmação desse fato. A saúde, no entanto, a essa altura já dava mostras de que fugia do maltratado corpo do poeta. Várias notas nos jornais referem-se aos longos padecimentos pulmonares de Ygino³⁰

28 **Cidade da Franca**, 2.4.1908.

29 Teles, 1964, p. 70; Teles, 1983, p. 29; Brasil, 1997, p. 34.

30 "Tem melhorado bastante de seus incômodos de saúde o inspirado poeta Ygino Rodrigues" (**Tribuna da Franca**, 25.10.1906); "Hygino Rodrigues – Tem-se agravado ultimamente os incômodos de saúde daquele conhecido e festejado poeta nacional, uma das figuras mais em evidência em o nosso mundo parnasiano" (**Cidade da Franca**, 26.5.1907).

Afinal, na fria e chuvosa tarde de 4 de julho de 1907, uma enorme multidão leva, da Santa Casa para o cemitério da Saudade, os restos mortais do desditoso poeta de 35 anos. A Banda do Grêmio executa a marcha fúnebre, composta por seu diretor para aquela ocasião. A Estudantina Francana comparece, trazendo seu estandarte com o sinal de luto. Uma “rica coroa” depositada sobre o caixão tinha os dizeres: “Recordação do Povo da Franca”. É a Franca que se despede de Ygino Rodrigues, por certo recordando, comovida, sua “Última Súplica”³¹:

*Quando, cansado da mundana lida,
Meus frios ossos entregar à terra,
Na sepultura que meu corpo encerra
Não quero pompas, ouropéis da vida!*

*Nem mesmo uma elegia dolorida,
Triste como um luar prateando a serra,
Não vá dos vermes perturbar a guerra
Sobre meu corpo na final jazida!*

*Escuta, ó Tu que foste meu querido
Amor, escuta o último pedido
Que venho te fazer, banhado em pranto:*

*Por mim ergue uma prece à Divindade,
Planta no meu sepulcro uma saudade,
Não te esqueças de mim que te amei tanto!*

31 O Francano, 5.7.1902.

Pseudônimos Utilizados

Os que se detêm a observar detalhes nos poemas publicados em periódicos são atraídos pela diversidade de pseudônimos adotados por Ygino Rodrigues: Hamlet, Ashaverus, Conjugo, Leão d'Oeste, Alceste, Ariel, Ygnis, Xico III.

Ele muitas vezes recorria a pseudônimos, especialmente nas produções satíricas, mas nota-se que não havia nenhuma preocupação em preservar sua identidade: em diversas ocasiões revelou, em seguida, ser ele o autor do poema ou artigo publicado sobre este ou aquele pseudônimo.

Parece-nos que os pseudônimos faziam parte da brincadeira, um jogo pueril de esconde-esconde, fruto daquela mente inquieta e zombeteira.

Parte II |

1

Poemas publicados em jornais de Franca

Carne!

Dizem que és Santa e nimbo da virtude
Tua fronte puríssima circunda,
- Que tens no olhar de soror moribunda
A Luz que afasta o Vício negro e rude!

Qual nota sonora de alaúde
Mágico, a tua voz d'alma e jocunda
Doçura, (dizem), de fervor inunda
Os peitos tristes. E eu, por mais que estude

Essas linhas austeras do teu rosto
Onde parece um íntimo desgosto
Desabrochar nas lágrimas da prece

Só vejo a Carne embaixo do cilício
Carne rota entre as garras do suplício
De um desejo que abafas, porém cresce³².

32 *Correio Comercial*, 7.7.1904

Ato de Contrição³³

Eu sei que Deus que é bom, que é Infinito,
Há de lenir-me o sofrimento, em breve,
E hei de ficar tão puro, como a neve,
Pelo perdão que peço-lhe contrito

Eu sei que Deus escuta a voz do aflito
E violar seu poder ninguém se atreve;
Minha alma subirá qual pena leve,
Pois eu creio em Jesus e no seu rito!

Arranca-me, Senhor, deste planeta
Onde arrasto duríssima grilheta,
Onde, em seis lustros, quase não vivi!...

Dá-me forças no transe derradeiro,
Como as tiveste embaixo do madeiro...
Dá-me coragem p'ra subir a Ti³⁴!

33 Em **O Francano**, de 27 de dezembro de 1902, encontra-se o mesmo poema com pequenas modificações.

34 **O Sétimo Districto**, 26.5.1901

Acte de Contrition

Je sais que Dieu, très-bon et très-puissant, immense
Soulagera, sous bref, ma douleur effrayante;
De la neige j'aurai la blancheur éclatante,
Je me suis repenti! Il pardonne l'offense!

Il écoute celui qu'a une faible espérance
Et nul n'ose affronter sa main toute-puissante;
Mon âme montera vers Lui très-rayonnante,
Car je crois en Jésus qui fait ma délivrance!

Délivrez-moi, Seigneur, de ce monde, sauvage,
Monde où pendant trente ans d'un terrible esclavage
Je fus presque toujours persecuté du sort!

S'il me manque du coeur à cette heure dernière
Donnez-moi votre bras, Jésus, mon Dieu, mon Père,
Votre bras qu'a vaincu le démon et la mort³⁵!

35 O Francano, 27 12.1902; antecede a versão em vernáculo

Flor de Maio

A menina tão cheia d'encanto,
A francana que eu tanto estremeço
Por quem choro, suspiro e padeço,
De sorriso puríssimo e santo

A açucena da Franca que eu canto,
Essa virgem de quem eu careço,
Essa deusa que nem eu mereço
Da modéstia se envolve no manto!

Essa virgem da minha poesia
Tem um nome suave, Maria;
É por ela que às vezes desmaio...

É virtuosa, é modesta, é morena,
Tem olhar d'expressão tão serena
Que o apelido lhe dei Flor de Maio³⁶...

Original

Pelas turbas eu passo indiferente.
Ora finjo-me alegre ora tristonho,
Ora calculo planos, ora sonho
Versos que lidos são por toda a gente.

De um elogio repetido e quente
Desconfio, porque não sou bisonho;
Também não faço caso do medonho
Vociferar de injúrias em torrente!

Sou esquisito, original em tudo:
Ora sou tagarela, ora sou mudo,
Mas tudo isto é conforme a ocasião...

Rio-me às vezes, vendo alguém de luto,
Choro sozinho, se a Alegria escuto...
Nem sei mesmo se tenho um coração³⁷!

37 *Tribuna da Franca*, 12.11.1903

De luto!

(Nota discordante na
orquestra laudatória ao **15 DE NOVEMBRO**)

Ó 15 de Novembro, ó data memorável,
Tu prometeste muito ao Povo Brasileiro,
Porém tudo ficou no fundo do tinteiro,
Pariste ratos só, montanha formidável!

Aqui empastelou-se um jornal indomável,
Lá houve o assassinato oficial e traiçoeiro,
P'ra fazer-se a eleição de um fósforo grosseiro,
Linchamentos além de horror inenarrável!

E à miséria do Povo os déspotas sem freio
Respondem gargalhando em cínico recreio:
“Ponham selo em tudo e selem a canalha!”

Ó memorável data, ó 15 de Novembro!
Retalhaste o Brasil sem dó membro por membro,
Agora falta só que faças-lhe a mortalha*!

Franca – novembro – 1903

Monólogos místico-espíritas

Peço aleluias, dão-me sambenito!
Eu peço flores, dão-me só espinhos!
Cospem-me quando eu vou pedir carinhos,
Que fiz, meu Deus, que fiz p'ra ser maldito?

Não, é engano talvez, não sou precito,
Eu nunca andei à beira dos caminhos
Massacrando, roubando esses mesquinhos
Viajantes!... Minha Pátria é o infinito!

Sempre ao redor de mim surge a Celeuma,
Quem será esse Espírito, esse pneuma
Que erradamente me conduz assim?

Expição de delitos já passados,
Será? Cometi eu muitos pecados?
Reencarnado sou? Serei Caim³⁹?

39 Tribuna da Franca, 17.11.1903

Lucis lacrima...

Por que chorar? A lágrima conforta?
Dizem que sim, mas eu não sei ao certo;
Bebe a lágrima a areia do deserto
E não revive mais a esp'rança morta!

O deserto é egoísmo vil! De porta
Em porta pode um coração aberto
Das chagas mais cruéis, todo coberto
De luto, de terrível dor que corta

Bater! É em vão, porque ninguém responde;
Caridade, onde estás, aonde, aonde?
Na esmola feita por vaidade, é nisto?

Não, não! Choremos, pois, a nossa pena,
Também com choro outrora a Madalena
Cheia da Caridade ungiu a Cristo⁴⁰!

Trilogia mística

Aqui, neste remanso, neste oásis,
Onde o silêncio confortante paira,
Doce ninho de uma alma que desvaira,
Ó Santa Inspiração, o que me trazes?

Coberto de luar, de finas gases,
Cheio da unção de eleitos mensageiros,
Mais alvo que os alvíssimos nevoeiros
Que desce do alcantil da serra às bases,

O Espírito me disse: - Avante! Segue!
Resiste à tentação, que não te cegue,
A luz falsa do mundo e da vaidade...

Dou-te três companheiros de viagem
Co'os quais não perderás tua coragem:
Trago-te a Fé, a Esp'rança e a Caridade⁴¹!

41 *Tribuna da Franca*, 21.11.1903

Monólogos místico-espíritas

II

Já o asterismo agora o céu pintalga
De pedrarias lúcidas, tauxia
De estrelinhas a abóbada! Irradia
A lua, a velha deusa tão fidalga!

A onça, que rompendo as trevas, galga
A serra, ulula... o olhar seu esfuzia...
Por uma noite assim, serena e fria,
Quantos choram no mar d'água tão salga⁴²!

Por uma noite assim, quanta agonia!
Quantos padecem dentro da enxovia
Olhando a lua, esse astro tão fidalgo!...

Quantos, sem travesseiros, sem baeta,
Sem colchão, sem lençol, numa sarjeta
Dormem, famintos como um pobre galgo⁴³!

42 “Salgo, salga, participio passado irregular do verbo salgar; a gramática, já tendo estabelecido as suas regras que nunca vão de encontro à etimologia, nada tem que ver que este ou aquele termo seja ou não consagrado pelo uso, conforme a senha que vem dos pontífices monopolizadores da literatura, os quais arrogam-se a si somente o direito de fazer inovações e neologismos”.

43 **Tribuna da Franca**, 23.11.1903

Mãos...

(Impressões de uma visita)

Mãos como aquelas que apertei um dia,
Tão delicadas, finas e mimosas,
Que tinham mista cor de leite e rosas,
Nunca mais vi nem ver jamais podia;

Que maciez de veludo! Ó Deus! Dir-se-ia
Que eram iguais às das Frinês formosas
Ou lânguidas Ofélias vaporosas,
Que excedem o poder da fantasia!

E eram aquelas mãos tão pequeninas
Como a c'rola das humildes boninas...
(‘Digo a verdade sã, não é incenso;)

Magnéticas!... pequenas!... No entanto
Nelas cabia – nessas mãos que eu canto –
Meu coração que é um mundo vasto, imenso⁴⁴!

44 *Tribuna da Franca*, 12.7.1902

A Divina Virgem

*(Hino religioso dedicado ao dileto amigo e valioso
protetor das artes, exmo. Revmo.
Padre Alonso Ferreira de Carvalho)*

Deus te salve, Maria, ó Virgem Santa,
Ó Virgem Mãe de Deus!
Maria, escuta o pecador que canta,
Escuta os filhos teus!

Virgem, consola
O pecador!
Dá-nos a esmola
Do teu amor!

Roga por nós, Maria, ao Padre Eterno,
Por nossa salvação!
P'ra nos livrar das tentações do inferno
Com sua proteção!

Virgem, consola
O pecador!
Dá-nos a esmola
Do teu amor!

Astro da imaculada claridade,
De sublime esplendor!
És fonte da Luz e da Verdade,
És mãe do Salvador!

Virgem, consola
O pecador!
Dá-nos a esmola
Do teu amor!

Em nossa alma derrama os teus fulgores,
Estrela de Belém!
Com teu olhar aplaca as nossas dores
Da vida no vaivém!

Virgem, consola
O pecador!
Dá-nos a esmola
Do teu amor!

Tens a pureza ideal dos brancos lírios
Sob um divino véu...
Espinhos que sofreste em teus martírios
Já são rosas do céu!

Virgem, consola
O pecador!
Dá-nos a esmola
Do teu amor!

Pelas mágoas que outrora suportaste
Vendo o Filho na Cruz,
Não deixes que nossa alma ainda se arreste
Num deserto sem luz!

Virgem, consola
O pecador!
Dá-nos a esmola
Do teu amor^{is}!

(Franca - 1902)

Soneto Elegíaco

*(Ao velho venerando vigário da Franca –
Monsenhor Cândido Rosa)*

Prostrou-se! Já morreu, não é mais vivo!
Daquela fonte augusta de eloquência
Daquele olhar tão cheio de inocência
Jamais há de sair o verbo altivo!

Morreu, mas pode ser redivivo,
Porque não morre a primitiva essência!
Subiu, buscando o Azul, a Onipotência,
Desceu da Terra ao ninho primitivo!

Morreu o Monsenhor Cândido Rosa!
Deixa, porém, recordação saudosa
No coração dos páramos da Franca...

Já morreu esse apóstolo convicto
Do “Bem”... mas vive agora no Infinito
Sob o dossel da “Via-Láctea” branca⁴⁶!

Franca – 22.9.1903

46 *Tribuna da Franca*, 6.10.1903

Rompimento

(A M...)

Não volvas mais p'ra mim esses olhares
De uma paixão tão ardega repletos;
Não podes conhecer os meus secretos
Pensamentos, meus íntimos pesares!

Renego o teu amor! Estejam quietos
Esses lábios de olímpicos luars
No sorriso gazil... P'ra que chorares
Mais tarde ao ver teus sonhos incompletos?

Esquece-te de mim!... E, se quiseres,
Supõe, mulher, que nunca tu me viste,
Não quero mais teu virginal desvelo!

Pois não creio no amor nem em mulheres,
Dar tu não podes alegria ao triste
E nem calor a um coração de gelo!

Não creias

(A João de Lima)

Não creias que vivi sempre esquecido
Da inf'licidade no terrível ermo,
Passando como um pobre foragido
Que busca alívio ao coração enfermo!

Não creias que eu também não tive amigos,
- o afeto de uma delicada amante -,
não creias que andei aos desabrigos,
cumprindo a sina de um judeu errante!

Não creias que eu também não tive amores
Ungidos da esperança pelo beijo...
Marejados do Sonho nos fulgores,
Soluçando na febre do Desejo!

Hoje, porém, da Dor, do Desespero,
Prisioneira inf'liz, chora minha alma,
Como um preso espanhol no "Saladero"
Ou como um "clown" que não ganha uma palma!

Tive um peito, - catacumba escura -,
Um coração que amou, sofreu... e é morto!
Porque não teve, em transes de amargura,
Quem lhe desse uma esmola de conforto!

Tive ambições mais vastas que o oceano,
Fantasias mais rubras que a aurora...
Eu fui outrora agitador insano...
Hoje?!... nem guardo as tradições d'outrora!

Não creias que eu não tive uma quimera
Tive amor, tive fé, tive entusiasmo..
Mas hoje oculto a dor que me lacera
Sob a pompa escarlate do “Sarcasmo”⁴⁸!

48 *Tribuna da Franca*, 24.5.1902

Metamorfose

(A I...)

Por ti já suspirei, louco d'amores,
Já padeci tormentos lancinantes,
Via-te, em sonho, a todos os instantes,
Minha vida era um pélago d'horrores;

Teu olhar ou sorriso (um céu de flores!)
Sempre almejava em poemas delirantes...
Tinha por ti visões fosforegantes
Consteladas de sons e estranhas cores!

Por ti, então, Deus mesmo eu renegara...
Sim! Deus!... E ao próprio inferno que eu me arrojara
Da febre e paixão no desvario!

Hoje, porém, (repara que mudança!)
Passo junto de ti, bela criança,
Altivo e calmo, indiferente e frio⁴⁹.

49 Tribuna da Franca, 28.9.1901

Saudade (fragmento)

(Ao prezado amigo José Felício Gomes)

Longe de teus pais que amas e estremeças
Tu sentes dentro d'alma o agudo espinho
Da saudade cruel... e do carinho
De tua noiva ausente estás!... Padeces?

Em que calor de peito amigo aqueces
Agora o coração triste e sozinho?
Artista, és livre e honrado! O teu caminho
É largo e escuta ao redor mil preces!

Choras, artista, de pesar transitivo,

Será por teus amigos escutado⁵⁰!

Franca, julho 1901

Dor e Desprezo

*(Ao simpático viajante e distinto amigo
Sr. Alfredo Ribeiro, uma dessas raras almas leais que não
se confundem na onda dos egoístas)*

Eu tenho nojo e horror desta vil horda
Que só me pede escritos para a imprensa
E nada... nada dá-me em recompensa,
Só me oferece o punhal, o tiro e a corda!

Mesmo que vejam-me do abismo à borda,
Sofrendo o horror da infelicidade intensa,
Porque minha alma livre não incensa,
Bezerros d'ouro, ela jamais acorda!

Não acorda p'ra ouvir meus ais, meu treno,
E enquanto a Dor propina-me um veneno
Sempre, nenhum prazer minha alma aquece;

Vingo-me, desprezando essa horda à toa,
Bebendo pinga, seja ruim ou boa,
Que não bebe por gosto quem padece^{si}!

51 Tribuna da Franca, 19.1.1904

Espoletas

(A um pasquineiro imundo)

I

Não pode falar contra a carraspana
Quem vegeta na crápula seguida;
A hipocrisia torpe e delambida
Não me incomoda e a ninguém mais engana.

Se “a ordem pública alterei” na lida
De “chupar muito o liquido da cana”,
Como alguém disse e rabiscou com gana
Viperina de uma alma corrompida,

Deve esse alguém primeiro corrigir-se
P’ra depois entre os santos impingir-se
Porque é também um chuva jubilado

E há bem pouco ele fez nos cavalinhos
Com companheiros seus mil burburinhos
E ninguém deu denúncia ao delegado⁵²!

52 *Tribuna da Franca*, 7.2.1904

Espoletas

(A um pasquineiro imundo)

II

Por causa de dinheiro tanta briga,
Tantas conspirações abomináveis!
Tantas calúnias baixas, execráveis,
Tamanha faina de se urdir a intriga!

Por causa de dinheiro fazem liga
O Ódio e a Inveja e vis inimputáveis
Tipos aferram dentes implacáveis
Na honra alheia, ó cáfila inimiga!

Na indigestão dos queijos e presuntos,
De chocolates, vinhos e cerveja
Que acham pelos “cafés” (casas de orates),

São importunos mais do que a vareja
E a sonhar com sapatos de defuntos
Nem merecem a apóstrofe dos vates³³!

Sem título

(Sem dedicatória)

Se um amor firme e puro não me tinhas,
Se tal amor não era verdadeiro,
Com que direito perturbaste as minhas
Lucubrações de poeta e aventureiro?

Com que direito, Lúcifer brejeiro,
Tomaste a forma de mulher e vinhas
Atirar contra mim tuas daninhas
Garras, anjo maldito, anjo primeiro?

Com que razão fizeste tal? Mistério!
Também eu nunca tomei isto a sério,
Quiseste rir, talvez, à minha custa!

Rir de graça é lesar do CLEMENTINO
AO CLOWN!!!... Tens, meu enigma feminino,
Voz de sereia e uma alma de Locusta⁵⁴!

Moeda falsa

*(A um moralista hipócrita que vê o argueiro nos meus
olhos e não vê a trave nos seus)*

Não venhas dar-me hipócritas conselhos
Que eu não aceito, como sempre digo;
Sim! Não venhas, a título de amigo,
Sermões pregar-me! Mete os teus bedelhos

Em tua vida e cuida em teus fedelhos
Só e não incomodes-te comigo!
Tu não me dás o arame, a carne, o trigo,
O teto, roupa nova ou trapos velhos!

Portanto, meu lapuz, com que direito
Tu agora me faltas co' o respeito?
Aconselha ao teu filho, ao teu criado!

Eu nunca com sermões comprei camisas
Ou paguei dívidas! Não como brisas...
Conselho é moeda falsa no mercado⁵⁵!

55 Tribuna da Franca, 14.1.1904

O Chuchu branco

Um bobo desfrutável, e que acode
Ao nome de Itaki ou de Gaúcho,
Que às moças faz “mingongos” e faz luxo,
Mas o amor delas conseguir não pode,

Talvez porque não tem farto bigode
Ou por não agüentar mesmo o repuxo,
Vagando por aí parece um bruxo
Que maus agouros ao redor sacode!

Anda triste como uma alma penada....
Forjica versos que só valem...? Nada!
E mora, aqui, na “Franca”, sem ser “franco”...

Pois é falso aos amigos.... Fementido!...
Por troça as moças deram-lhe o apelido
(Por ser sensaborão) de – Chuchu branco⁵⁶!

56 Tribuna da Franca, 8.3.1904

Parabéns

(ao velho amigo e companheiro de lutas,
Deocleciano Martyr⁵⁷)

Tu triunfaste, enfim, da Iniquidade,
Saindo vencedor da áspera luta
Que te movia uma canalha bruta
Só porque foste da Legalidade

Aí, no Rio, nessa grã cidade,
Teu maior crime (eu sei, escuta, escuta!)
Foi combater a negrada, astuta
Serpe que era a Revolta, isto é verdade!

‘Stás livre, enfim! É público e notório
Que apenas foste um bode expiatório
De boa fé caindo em negros tramas;

Porque também não se puniu Glicério?
E outros...? Farsa ridícula ou mistério⁵⁸?
São belezas da pátria que tanto amas⁵⁹!

57 Deocleciano, acusado como cúmplice do soldado Marcelino Bispo no assassinato do Mal. Carlos Machado Bittencourt (Ministro da Guerra de Prudente de Moraes), havido em 5.11.1897, foi absolvido em segundo julgamento, em 29.7.1904.

58 Como também ainda é mistério até hoje (*risum teneatis!*) o suicídio de Marcelino Bispo.

59 **Tribuna da Franca**, 3.8.1904

Anátema

*(a propósito da cocotte já hoje tristemente célebre,
Marcelle d'Avrou, que recentemente em S. Paulo
deu motivo a um lamentável drama de sangue entre os
srs. Armando Pontes e Pedro Reis)*

Mulher perversa e vil, mulher sem brio, infame;
Onde estás, desgraçada? Eu quero te insultar!

Ramos Arantes

Mulher perdida, ó torpe messalina
Quem foi que pôs-te n'alma tal dureza,
Tendo sempre uma vítima indefesa
Que o teu carinho pérfido assassina?

Teu sorriso ou olhar falso propina
Sempre a morte e o remorso não te pesa?
Vives sempre a trair! Tua felina
Garra anda a buscar sempre e acha uma presa!

Vil criatura, baixa entre as mais baixas,
Que milhares de vítimas sempre achas,
Porque nasceste, a luz do sol manchando?

Tua sede do MAL ninguém sacia,
Visto que passas, como estátua fria,
Tanta lágrima e sangue derramando⁶⁰!

Fumaças

(A Cícero Alvim,
depositário do famoso fumo goiano “Silvério Leme”)

Eu gosto de fumar! Fumo, és do meu gosto!
Vivo ou morto, no céu ou lá no limbo,
Cigarros ou charutos ou cachimbo,
Terei, se o fumo for forte e cheiroso!

Gosto de contemplar o vaporoso
Floco sutil que, devagar saindo
Do meu cigarro, às vezes, vai subindo
Como alma eleita para o céu formoso!

Fumo “Simila Havana” ou fumo louro,
Desfiado e pode ser também de corda,
O fumo é sempre bom, o fumo acorda
Mundos de pensamentos, que tesouro!

Eu gosto de fumar fumo goiano
Que é o melhor fumo que há no mundo inteiro
Fumando, eu zombo do poder humano
Co’a pena, co’o papel e co’o tinteiro!

Mineiro, dá-me fumo e palha branca,
Já que tens um depósito de fumo!
Tens a primeira fábrica na Franca,
De cigarros que têm muito consumo⁶¹!

61 *Tribuna da Franca*, 15.5.1904

Vindicta

Assim como te amei com fé ardente,
Cheio de esp'rança e pronto ao sacrifício,
Hoje te odeio, ó negra flor do vício,
Hei de pisar-te, ó pérfida serpente!

Não te perdôo! O meu rancor latente
Há de explodir com férvido bulício,
Eu te condeno a um rigoroso exício,
Eu arranco-te a masc'ra repelente!

Ah! Nem sabes o mal que me fizeste
Mostrando um rosto angélico, celeste,
E tendo uma alma de feroz chacal!

Ah! Nem sabes o mal que inda me fazes,
Mas eu hei de ferir-te co'as tenazes
Da minha sátira, ó mulher fatal⁶²!

Ygnis

Noturno

“Vamos, querida, a lua tão formosa
Está brilhando pura qual sacrário;
A brisa é fresca, o campo solitário,
Tudo envolve uma paz tão deliciosa!

Tremes?... Por que? Deixa de ser medrosa!
Meia-noite soou no campanário
E podemos gozar nosso fadário
Sem receio nesta hora venturosa!”

Que belo idílio o desses dois amantes,
A música das brisas soluçantes
Ouvindo misturar-se à do amor seu!...

Mas, de repente, enquanto um beijo estala,
Por detrás de uma nuvem cor de opala
Cheia de inveja a lua se escondeu⁶³!

Ygnis

63 *Tribuna da Franca*, 18.8.1904

?

Viver p'ra que, se a vida é tão ligeira,
Se temos de morrer como o cabrito
Morre, como também morre o mosquito
E tudo o mais que está na terra inteira?

Viver p'ra trabalhar! Que grande asneira!
Trabalhar p'ra morrer, sentir o atrito
Dos vermes?... E a PROMESSA do Infinito

Será verdade ou fábula grosseira?
Lutar p'ra que, se a real vida eterna
Dispensa esta canseira e esta lanterna
Que temos – um olhar que nada vê - ?

Areia ou pedra, fogo, água, carbono,
Planta o corpo será no último sono...
Mas, o esp'rito transforma-se... no quê⁶⁴?

Ygnis

64 Tribuna da Franca, 18.9.1904

Mimo

*(A uma senhora distinta, bela e modesta, que eu apelidei
“Flor do Martírio”, por causa dos seus sofrimentos)*

Intentei de fazer-te um régio mimo,
Sim, fazer-te uma dádiva brilhante
Que fosse deste coração amante
A fiel expressão, porque te estimo

E te amo com paixão febricitante
Que não confunde-se à paixão do limo!
Mas... do Parnaso fui em vão ao cimo
E voltei sem um rútilo brilhante!

Não tendo, pois, QUERIDA, para dar-te
Mimo em que a natureza unida à arte
Brilhe, fico tristonho, amargurado...

“Querer e não poder”, é dor suprema!...
Prende, como um bouquet, como um diadema,
Este soneto ao teu cabelo ondeado⁶⁵!

Hamlet

65 *Tribuna da Franca*, 22.4.1904. *Cidade da Franca*, 21.5.1908

Acróstico

(ao primogênito de Francisco Cunha)

A ti eu venho erguer os meus agouros
Risonho infante, virginal bebé;
Glórias e palmas, ideais tesouros
Eu te desejo com vontade e fé!
Mauro⁶⁶ te legará suas perfeitas,
Imarcessíveis qualidades d'alma,
Rirás, ganhando palma sobre palma!...
O humilde acróstico que fiz-te, aceitas⁶⁷?

⁶⁶ “Mauro” era o pseudônimo do jornalista Francisco Cunha, proprietário do jornal **Tribuna da Franca**.

⁶⁷ **Tribuna da Franca**, 15.5.1904

Através do Azul

I

Vem, Musa do Alto, dar-me o teu alento,
Para lutar nas garras da Miséria,
Pois não aceito como coisa séria
Este mundo venal e pestilento!

Sempre a sofrer, morrendo lento e lento,
Algemado ao horror de uma Sibéria,
Escada de Jacob para a sidérea
Mansão tentei fazer!... Foi baldo o intento.

À Virgem Mãe de Deus, à Virgem Santa,
Em cujos olhos a pureza canta
Mais doce do que a música de um rio,

Em vão pedi um raio de esperança...
Da Dor ferido pela dura lança
Meu coração murchou, está vazio⁶⁸!

Através do Azul

II

Cá, deste Azul, bem longe do mundano
Limo, bem longe dos vilões traidores,
Sem que possa temer dos corruptores
Vermes o dente do veneno insano.

Vejo em baixo correr o sangue humano
Ao som de mil clarins e de tambores,
E eu ouço gargalhar sobre estertores
Da “Hipocrisia” o corvo atroz, tirano!

Àquele que quiser, êxul da Terra,
(Onde matam-se irmãos em crua guerra)
Ter saudades de lá, direi: não ame-a!

Ergue o remígio pelo espaço afora,
Aspira o olor desta infinita aurora,
Longe, longe... do anélito da “Infâmia”⁶⁹!

69 O Francano, 1.3.1902

Através do Azul

IV

Mas onde está Aquele a quem procuro?
Em que jazigo astral Ele se esconde?
Jamais o encontro!... Aonde está? Aonde?
Irei buscá-lo à Terra – um til escuro - ?

“Aqui não há passado nem futuro,
Aqui do tempo não se vê a fronde!”
Uma vibrante voz assim responde
A mim e diz: “Caminha à Luz seguro!

Deus, Esse que os espaços ilumina,
Tu não encontras, alma peregrina,
Na sede imensa de um Ideal acesa!

Já viste o coração d’algum vivente?
Nunca, embora esteja perto; pois esse Ente
Imenso é o coração da Natureza”⁷⁰!

70 Tribuna da Franca, 5.5.1904

Eu e o Sr. Intendente

*(Ao meu nobre amigo e distinto magistrado
Dr. A. de Godoy, digno Chefe de Policia do Estado)*

O intendente assaltou, feroz e duro,
A minha casa, vindo pela frente,
Enquanto sua esposa, sutilmente,
Entrou pelo quintal, saltando um muro!

Ninguém pode dizer que está seguro
Hoje na Franca! O "Pau" ameaça a gente
Sob esta ditadura do intendente
Que ora faz da política um monturo!

Pois compromete os brios do partido,
Da imprensa atira à lama a honestidade,
Bras-dessus, bras-dessous com Seu Cardoso;

E EM MINHA PRÓPRIA CASA perseguido,
Para quem apelar? Esta cidade
É sertão inda do "Capim Mimoso"?!?

Vandalismo

*(Ao digno e venerando cidadão coronel
Francisco Martins Ferreira Costa)*

“Imprensa”, teus apóst’los (caso horrendo!)
Que se apregoam mártires de outrora,
Que por Ti dizem Ter sofrido, agora
Vandalismo pior estão fazendo!

Sim! A torto e a direito estão mordendo
Reputações alheias, muito embora
Causem nojo ao leitor, que, às vezes, cora,
Essas descomposturas que vai lendo!

Senhor! Vim vos pedir um auxílio,
Sei de vosso valor no “Diretório”
Onde sois veterano e não recruta!

Pois estava tranqüilo em minha casa
E o intendente, a arder como uma brasa,
Veio ameaçar-me pela força bruta⁷²⁻⁷³.

72 “O Sr. Álvaro Abranches Lopes, realmente, ameaçou-me em público de espancamento a chicote, às 10 horas do dia, mais ou menos”.

73 **Tribuna da Franca**, 21.2.1904

Resposta a Uruguaiano Brasiliense

*O professor sabichão,
Embora sensaborão*

Alma de lodo, coração de hiena,
Perfil de Jano e Jano até na fala,
De náusea até a viração se cala
Quando tu passas, tipo de Perpena⁷⁴!

Jamais busquei no anonimato a amena
Sombra para ferir como uma bala
Traíçoeira. És só fidalgo na senzala,
Como mostrado tens com tua pena!

Que mal já te fiz eu para comprares
Questões alheias? Vindo com teus ares
De fanfarrão estás cumprindo uma ordem?

És mesmo uruguaiano e não Brasília,
Nem a gramática do próprio Abílio
Sabes, adulando outros que me mordem⁷⁵!

⁷⁴ Personagem histórico da península ibérica e que simboliza a traição, como muitos outros, nas lutas heróicas de Viriato e de Sertório contra os romanos.

⁷⁵ **Tribuna da Franca**, 21.2.1904

Psique

*(Ao distinto colega e amigo
Absay de Andrade, diretor do "Goiás e Minas")*

Confesso que ninguém me compreende,
Visto que eu mesmo não me compreendo,
Levo a existência aos trambolhões, sofrendo
Co'a masc'ra de um sorriso de duende!

Quem quiser ler minha alma nada entende,
Ruge lá dentro um vendaval tremendo!
E eu sinto que já vai se enfraquecendo
A luz, que extinta, ali não mais se acende!

Minha alma é triste como um cemitério,
É negra como a sombra do mistério,
Dir-se-ia que ao Remorso anda jungida...

De uma cousa qualquer eu sinto a asa
Roer-me dentro como um ferro em brasa
Que não produz a morte nem a vida⁷⁶!

76 *Tribuna da Franca*, 8.4.1904

Por Goiás!

(Congratulações aos goianos em geral e especialmente ao povo de Catalão pelo projeto de prolongamento da via-férrea Mojiana até àquela cidade)

Nas asas do colosso indômito e possante,
O colosso de ferro, a rápida “Mojiana”,
Há de em breve chegar à plaga catalana
Do progresso o cortejo heróico e triunfante.

Há de em breve chegar esse feliz instante
Interpretando bem a aspiração goiana!
Goiás e Minas breve à Paulicéia ufana
Vinculados serão em cadeia brilhante!

Do Amazonas o irmão menor, o Parnaíba,
Há de cantar comigo a homérica peleja
Que do Brasil Central mostre o porvir jucundo!...

Ó terra do Anhangüera, avante! avante! arriba!
Se és o coração do Brasil, que este o seja
Da América do Sul, quiçá do Novo Mundo?!

Jeremiada

(Àquela a quem voto meu amor criminoso)

I

Ó deidade gentil dos meus sonhos
Se tu soubesses da paixão ardente
Que faz sofrer meu coração doente,
Se soubesses dos meus fundos pesares...

Se tu soubesses que por ti os ares
Eu encho com meus ais de dor pungente,
De mim terias pena certamente,
De mim, perdido náufrago nos mares!

Mas, não sabes, rainha das sereias,
Ou finges não saber!... Se não me odeias,
Ah! Então, co' o desprezo tu me feres!...

E eu sofro, por amar sem ser amado,
Eu sofro, porque sou um condenado
A amar-te mais que a todas as mulheres²⁸!

Jeremiada

II

Amar sem que ninguém perceba ou veja,
Amar sem ser amado é sorte dura,
Com certeza que dói e à sepultura
O homem conduz por mais forte que seja!

Se a brisa mansa, que passando beija
A tua face cheia de frescura,
Te revelasse acaso o que deseja
Minha alma entregue às vascas da loucura,

À brisa messageira não darias,
P'ra suavizar as minhas agonias,
Acolhimento favorável, terno?

Tenho sede de amor!... Dá-me uma esmola!
Minha alma está de luto, me consola,
Que amar sem ser amado é o próprio inferno⁷⁹.

Ashaverus

79 Tribuna da Franca, 20.4.1904

Os olhos flamejantes

*(Soneto dedicado a uma formosa dama que tem
o apelido MARQUESA DE POMPADOUR)*

Perdido nesse mar de mil paixões revoltas,
Mar de loucas paixões, cruéis, febricitantes,
Eu continuo a amar-te as negras tranças soltas,
Eu continuo a amar-te os olhos flamejantes!

E dá meu coração miríades de voltas,
Saltando co'o furor de leões ou gigantes
Triste qual criminoso ao ver minha escolta,
Triste por não beijar teus olhos flamejantes,

Perdido nesse mar – um mar cheio d'abrolhos -,
Não me importa morrer na flama de teus olhos,
Que eu amo porque são tão meigos e brilhantes...

Que me importa morrer nessa chama querida
(que pode dar a morte e pode dar a vida)
se eu hei de sempre amar teus olhos flamejantes⁸⁰?

Ashaverus

⁸⁰ *Tribuna da Franca*, 12.4.1904. *Cidade da Franca*, 7.6.1908, assinado: Ygino Rodrigues.

Marte e Vênus

*(Impressões da leitura do romance
“Os Três Mosqueteiros”)*

Ao meu prezado amigo Dr. Carlos E. de Avellar Brandão

D’Artagnan, o valente mosqueteiro
Que o romance francês tão bem descreve
E contra o qual guerreiro algum se atreve
Senão o conde Athos, seu companheiro,

D’Artagnan, o terror do carniceiro
Richelieu, também foi (e por mão leve)
Vencido, pois seu coração de neve
Não era feito!.. O caso é verdadeiro!

Nem há mister de muito engenho e arte
Para contar que Vênus venceu Marte
E Amor é rei, tem setas de cacique...

De Dumas dizem páginas doiradas:
Foram de D’Artagnan as gasgonadas
Rotas aos pés de Mylady Clarik⁸¹82!

Ygnys

81 “Por exigência dos acentos tônicos do hendecassílabo, aportuguesamos a pronúncia de – Dumas -, tornando-a breve, como a de – Mylady Clarik -, tornando-a longa”..

82 *Tribuna da Franca*, 22.9.1904

Covinhas

(A Mariquinhas, uma simpática virgem plebéia)

Essas duas simpáticas covinhas
Jurei cantar com todo o sentimento;
É, pois, mister cumprir meu juramento,
Dando-te um cetro igual ao das rainhas.

Cumpro!.. E por que não farei tal, se as minhas
Cordas de lira ainda têm alento,
Quer me fustigue rigoroso vento,
Quer sinta o afago d'auras bem mansinhas?

Essas covinhas que abrem-se, donzela
A um teu sorriso e tornam-te mais bela,
Bordando ou enfeitando-te as bochechas,

Parecem jóias que furtas-te a Vênus!
Mesmo em sonhos, de lágrimas e trenos
Deixa-me encher essas covinhas!... deixas⁸³?

83 *Tribuna da Franca*, 25.9.1904

Delito Mental

Falo sincero que não sou culpado
Desse amor criminoso, dessa treda
Paixão que enlouqueceu-me! Em tal vereda
Se acaso quis entrar, fui provocado!

Não merece perdão o meu pecado
De ir, co'a fome de amor, na labareda
Cair do crime, ao roçar-me a seda
Do seu vestido fino e delicado?

Sim! O perdão mereço e não tormentos,
Porque pequei, mas só em pensamentos...
E da condenação minha alma apela!

Mas, se pena não tem da minha sorte,
Pois bem! Que eu seja condenado à morte,
Seja eu pregado à cruz dos braços d'Ela^{sa}!

Ygnys

Ignota Déa

Feiticeira mulher dos olhos pretos,
Das tranças pretas, ó mulher formosa,
Como entre as flores brilha, impera uma rosa,
Brilhas, imperas entre os meus sonetos!

Mulher e virgem dos olhos irrequietos,
Tu és um anjo ou fada vaporosa,
Pois tens na voz a música radiosa
Dos aéreos ou edênicos coretos!

Das tuas asas nem sequer se escuta
O rumor quando passas, impoluta,
Como um espírito superno, eleito!

Formosura sem par e peregrina,
Foge da terra, encarnação divina,
Que o mundo inteiro para ti é estreito⁸⁵!

Ygnys

85 *Tribuna da Franca*, 16.10.1904

Campaspe

*(a propósito de uma cortesã grega,
amante de Alexandre Magno, pela qual apaixonou-se
o pintor Apelles, amigo íntimo daquele rei que, liberal
como era, fez presente da mesma ao referido pintor)*

Grega gentil que enlouqueceu Apelles,
Gentil Campaspe, amada de Alexandre⁸⁶,
Com que direito a FORMOSURA brande
Um gladio forte como o herói de Arbèles?

Quero que o céu deste soneto estreles
Como se estrela a noite em que se expande
Magnetismo sutil!... e que me mande
O teu espírito!... A escrever me impeles!

Grega formosa como a luz de uma astro,
Mais alva do que a opala ou o alabastro
Mais alva do que os lírios, do que o jaspe,

Pérola fina igual às do mar Jônio,
Foi mais feliz que o GRANDE MACEDÔNIO
Esse que foi o teu pintor, Campaspe⁸⁷!

86 Em carta à redação da **Tribuna da Franca**, publicada no número seguinte daquele periódico, Ygino Rodrigues, após longa argumentação, solicita uma errata: "Onde se lê Gentil Campaspe, amada de Alexandre, leia-se: Campaspe, amada de Alexandre o Grande".

87 **Tribuna da Franca**, 5.2.1905

Cápua

*(Sobre Aníbal, valente e ousado general cartaginês
e inimigo implacável dos romanos)*

Eu canto Aníbal, general famoso,
Terror de Roma, glória de Cartago,
Que, de espada na mão, fazendo estrago,
Dos Alpes sobe a cúspide assombroso!

À flor da História o nome seu, glorioso,
Bóia, qual nenúfar à flor d'um lago!
Forte até p'ra morrer, sorve de um trago
O cálix de veneno amarguroso!

Roma, invejosa de sua alta fama,
Diz, mandando Cipião batê-lo em Zama,
“Essa ‘Glória’ incomoda-me e eu solapo-a!”

Quem venceu esse herói, forte qual Marte,
Como Alexandre Magno e Bonaparte,
Foi Cipião, o Africano? Não! Foi Cápua⁸⁸!

88 Tribuna da Franca, 12.2.1905

Conselho de Guerra

(Fantasia elétrica ou cena única do teatro de um júri)

Seu nome? – O presidente ao RÉU pergunta.
Lauro Sodré, irmão dos FLORIANOS.
Profissão? – Engenheiro e traço planos.
Filho...? – De uma nação que é já defunta.

Idade? – A dos heróis e Veteranos.
Bem! Lê e escreve? – Sim e às vezes se unta
De sangue em letras minha mão consunta*
Na pira do Dever que assusta os Janos!

Conhece o crime seu? Tem dele nota?
Perfeitamente, sim! Sou PATRIOTA!
Não temo de pigmeus qualquer suplício! –

Outras perguntas mais. No fim de tudo
Pergunta o presidente carrancudo:
Tem advogado? – A minha FÉ D'OFÍCIO⁸⁹!

* Parece pilhéria, mas, enfim, é praxe indispensável da “sublesquecia” processualística.

** Ninguém estranhe o termo, não é neologismo nem erro; é partic. pass. irreg. do verbo “consumir”. Sustento. O AUTOR.

⁸⁹ **Tribuna da Franca**, 18.5.1905

Intróito⁹⁰

Os versos que ides ler, leitores e leitoras,
Versos feitos de luz e de trevores feitos,
Não têm emanções acariciadoras,
Não são áureos na forma e no fundo perfeitos...,
Ora eles timbre têm de vozes gemedoras,
Ora cantam, gazis pássaros satisfeitos...
Ora eles têm de Romeu alegre o canto ameno,
Ora eles têm de Eurico o amargurado treno.

Choram na mandolina intensa da Tristeza
E cantam na guitarra ardente da Alegria!
Vezez têm o esplendor musical da devesa,
Vezez, a roxa unção d'atra melancolia,
São baladas azuis dignas d'uma princesa
São blasfêmias cruéis que solta uma enxovia...
D'eleitos serafins são preces, são diademas,
De reprobos também são uivos e pocemas!

Deixai passar o meu harpejo solitário,
Embalado no vosso imáculo carinho...
Tem a vida o Tabor e tem o seu Calvário,
Como a rosa também tem o perfume, o espinho...
Forasteiro infeliz a seguir meu fadário,
Esta lembrança deixo à beira do caminho:
"Trinos e Trenos"! Eis convosco o meu abraço
a dádiva singela e humilde que vos faço⁹¹.

90 Trata-se da introdução ao seu livro Trinos e Trenos.

91 **Tribuna da Franca**, 28.5.1905

O “Cid”

(A Aquilino Esteves)

Se muitas outras glórias não tivesse
Já o nome de Espanha ou de Castela,
Uma só bastaria (e essa é a mais bela
Que na História mais alto resplandece).

Ao nome desse “Cid” inda estremece
Té hoje a maura gente, qual gazela
Que teme o caçador, pois na procela
Da guerra o “Cid” avança e não perece!

Pisando a meia-lua sarracena
D. Rodrigo Bivar ganha a vitória
Cujo alto prêmio é a posse de Ximena...

Sua vida é uma íliade tamanha
Que enche muitas mil páginas da História!...
Que maior Filho pode ter a Espanha⁹²?

O Futuro Presidente

Estão em cena dois campos paulistas:
Campos Salles, co'o selo da legenda
E Bernardino, o Campos que a fazenda
Outr'ora ministrou com altas vistas.

E ambos vão fazendo ótimas conquistas,
Votos a mendigar de tenda em tenda;
Demais, não há perigo de contenda,
São da mesma panela, os dois farsistas!

Um ou outro, afinal, que seja eleito (?)
O resultado é o mesmo p'ra a panela,
Pois TUDO FICA EM CASA COM BOM JEITO...

P'ra não subir um filho d'outro Estado
A "Comissão Central", de sentinela,
Tapêa⁹³ o Povo, que é trouxa, o espoliado!

Franca, 1º-6-1905

93 "Tapear" – termo que, embora não seja clássico, está consagrado pelo uso popular como sinônimo de – enganar, engazopar. – Y.

Em continência!

(Versos heróicos cultuantes ao Mérito cívico)

Ó Musa varonil, suarenta de epopéias,

D errama sobre mim inspirações bem grandes!
O teu beijo me acende o fogo das idéias,
U ngindo-me de fé para escalar os Andes!
T ribuno, o verbo teu impõe-se no comício
O u de Themis no templo, em ondas d'eloquência,
R uge qual vendaval, faz doer como um suplício,

J oga à vala comum o Crime e a Prepotência!
U fano quando a pena audaz de jornalista
L ivre manejas, como uma clava possante,
I rrompe-se a caudal do Gênio que conquista
O preito dos pigmeus em frente d'um gigante!

C antar posso outros dons que deu-te a Natureza:
A bondade que tens atraí a simpatia,
R ebelde contra o forte e do fraco em defesa
D esassombrado vais subindo dia a dia!
O meu plectro se cala imerso na Tristeza...
S enhor! Releva a mim a pequenez da oferta
O estro meu está frouxo e quase não desperta⁹⁴!

Franca, 14 – 7 – 1902

Ao mais digno!

- d'après l'histoire –

*(Dedicado ao grande cidadão, insigne médico
e leal amigo Dr. Oliveira Martins)*

Ao grande rei, conquistador famoso
D'Ásia, Alexandre Magno moribundo,
(Esse que quase conquistara o mundo
Todo) disse um vassalo prestimoso:

“A quem deixas o teu anel glorioso?”
E o guerreiro d'outrora, o furibundo
Assassino de Clito, com profundo
Sentimento no transe doloroso,

Tirando o anel, o vencedor de Arbèles,
Amigo dos artistas como Apelles
A quem dera Campaspe, diz, benigno,

Dando a Perdicas: “funerais de sangue,
Sei, me preparam!” E ainda diz exangue:
“Anel! De herança ficas ao mais digno”⁹⁵!

Alceste

Franca, 21-9-1902

No hospital...

Eu não suporto simultaneamente
Dor física e moral! É uma tortura!
Estou esp'rando em balde pela cura
E continuo cada vez mais doente!

Da medicina nunca fui um crente,
Que não é infalível nem segura;
Mas que fazer? Resignar-me-ei à dura
Sorte que me persegue cruelmente!

Vou dizer ao doutor que trata e zela
Com cuidados da minha erisipela:
- Mata-me de uma vez, cumpra-se a sorte!

Não vejo a cor do medo nem da morte,
Mas não quero morrer de morte lenta,
Se não não fico mesmo, ó ferramenta^o!

Alceste

Inferno

*(Ao distinto cavalheiro e prezado amigo
Signore Henrique Mangieri)*

Ninguém pode adivinhar qual o motivo
Porque ando triste, assim como um cipreste
E sou misântropo, grosseiro, agreste
Como um presa de remorso vivo!

O suplício tantálico em que vivo
Vem de longe a morder-me como a peste
E agora já não há p'ra o pobre Alceste
Consolo algum na terra ou lenitivo!

Sangue? Nunca manchei as mãos no Crime!
Sonho o infinito (que visão sublime!)
Mas não desce um olhar do Ente Superno,

Cá, onde há prantos e ranger de dentes,
Lugar de abutres, tigres e serpentes
Que me parece ser o próprio inferno⁹⁷!

Alceste

Franca, 21.9.1902

97 O Francano, 27.9.1902

Sol Nascente

Quando no oriente o belo sol levanta
A fronte orlada de purpúrea chama
E com um fugor que nos atrai, encanta,
De luz na terra um lagrimal derrama,

Quando o canário festival descanta
Seus madrigais numa virente rama
E o doce orvalho de pureza tanta
D' alvos diamantes uma flor recama,

A Natureza, ao despontar do dia,
Em pleno júbilo, um adeus envia,
Enverga o manto de infantil prazer...

E então, nessa hora soberana e casta,
Do peito sinto na amplitude vasta
Do estro a chama com ardor nascer⁹⁸!

Alceste

Última Súplica

Quando, cansado da mundana lida,
Meus frios ossos entregar à terra,
Na sepultura que meu corpo encerra
Não quero pompas, ouropéis da vida!

Nem mesmo uma elegia dolorida,
Triste como um luar prateando a serra,
Não vá dos vermes perturbar a guerra
Sobre meu corpo na final jazida!

Escuta, ó Tu que foste meu querido
Amor, escuta o último pedido
Que venho te fazer, banhado em pranto:

Por mim ergue uma prece à Divindade,
Planta no meu sepulcro uma saudade,
Não te esqueças de mim que te amei tanto⁹⁹!

Alceste

99 O Francano, 5.7.1902

Vita nuova

(Ao emérito cavalheiro e prestimoso amigo Vital Gomes)

Eu quero ressurgir do meu passado escuro,
Vou fazer vida nova, levantar-me agora;
Desse passado atroz, que inda hoje me aterrora,
Dissipe o cinerário a estrela do futuro!

Porque eu fui mau, eu fui de coração bem duro;
Estragando a existência ainda em plena aurora...
Porém hoje minha alma ensangüentada chora
Cercada, triste e só, por um imenso muro!

Não! Não hei de chegar à fatal hora extrema
Sem que possa quebrar essa pesada algema
Que me oprime e refreia o ânimo revoltado!

Eu enfrento o porvir, com calma decidida,
Banhado de suor da luta pela vida,
Cuspindo o meu desprezo à face do passado¹⁰⁰!

Franca - 10 - 1902

A Guiomar

*(Ao primeiro lustro natalício da infante Guiomar,
dileta filha do amigo Álvaro Abranches Lopes)*

A aurora da existência é sempre bela,

G alante como as rosas em botão!

U ma criança em si sempre revela

I menso oceano d'esperanças, não?

O s teus cinco anos, muito promissores,

M ais outros muitos possam te ajuntar,

A juntando-te mais outros primores,

R ico porvir em céu azul, sem par¹⁰¹!

Franca, 27.7.1902

101 O Francano, 2.8.1902

Não aceito!

Se oferecerem-me riqueza imensa,
Crendo que assim eu fique satisfeito,
Desta miséria na penumbra imensa
Eu responderei logo: “não aceito!”

Se por ventura lerem-me a sentença:
- P’ra que sejas feliz, acalma o peito
Num seio de mulher que te ame e incensa,
Eu responderia logo: “não aceito!”

Dirão: - eis um amigo, um confidente!
Mas, como da amizade eu sou um descrente,
Eu responderei logo: “não aceito!”

O tesouro melhor do mundo todo
É a paz do coração! Se neste lodo
Achasse esse rubim, diria: “aceito”¹⁰²!

Alceste

102 O Francano, 15.11.1902

Epigramas

I

Criando o mundo, Deus, que já fizera
O rei do mal, das trevas, o demônio,
Céus, terra e mar, o Atlântico, o mar Jônio,
Criou o abutre, a víbora, a pantera.

Resmungou Satanás, além, no espaço:
“Não há perigo, que Deus não me logra,
Um animal feroz eu também faço!”
E foi então que o diabo fez a sogra¹⁰³!

Alceste

A taça

(A Alberto Barbosa)

Eu fui outrora um cavalheiro andante,
Paladim corredor de grandes terras;
Derramou muito sangue em cruas guerras
De minha espada o gume flamejante!

Arranquei de mil mouros o turbante,
Mares atravessei e subi serras...
Por que teu estilete, ó dor, me enterras
E eu sofro sem cessar um só instante?

Que crime cometi, eu, um cruzado,
P'ra que meu peito, sempre consternado,
Um canto melancólico module?

Ah! É justa a expiação! Um grande crime
Outrora cometi! (Quem me redime?)
Roubei a taça ideal do rei de Thule¹⁰⁴!

Alceste

Diógenes

(Grande filósofo grego denominado “O Cínico”)

Eu gosto desse Diógenes da Grécia
Denominado – Cínico -, famoso,
Maior que Júlio César vitorioso,
Maior que Carlos XII da Suécia;

Olhando a multidão ignara e néscia
Com o máximo desdém, do mundo o gozo
Desprezava, empunhando o venenoso
Dardo de uma satírica facécia.

Morava num tonel, comendo ervas;
Não tinha carros, servos e nem servas...
Contam dele este original motejo:

Uma lanterna acesa na mão tendo,
Ao meio-dia, às ruas vai, dizendo:
“Ando em busca de um homem que não vejo”¹⁰⁵!

Alceste

105 O Francano, 20.12.1902

A grande viagem

*(Ao meu prezado amigo, o emérito cidadão e exímio
farmacêutico Sr. Gustavo Martins Cerqueira)*

Morrer na flor da idade é dolorido!
Quando a gente compõe tantas quimeras,
Ah! Quando a gente vê as primaveras
Cobertas de tão vivo colorido,

É triste então sentir ao nosso ouvido
A dura morte uivar como as panteras
E dizer: “Ora, vamos! Por que esperas?
Tenho fome e hoje tenho te escolhido!”

Alguns viajam para a eternidade
Levando agro pesar, funda saudade,
Té parecem gemer sob a mortalha!...

Outros, porém, os já desenganados,
Vão alegres, a rir como soldados
Que marcham para a última batalha¹⁰⁶!

Franca, 9.12.1905

Anquilose

(A um irmão do Parnaso que pediu-me uns versos)

Poeta por que não cantas
Nem de vida dás sinal?
Quero ouvir os sons melífluos
De tua lira divinal!
Raphael Torres

Antes que a morte te resfrie a mão,
Consente, poeta, que te chame irmão!
Rocha Lima

Não sei o que escrever! Não acho mais um tema,
Qual corpo enfraquecido à sucção da clorose
E já mesmo incapaz de sentir da nevrose
Um ímpeto, caí em agonia extrema.

Não sei! Meu coração não reza nem blasfema
Preso nos agulhões de mental anquilose
Que do fel da Descrença a derradeira dose
Bebi, quebrando então de poeta o meu diadema!

Altivo sonhador, cuja alma livre voa,
Como podes pedir ao verme da lagoa
Uma réstia de luz? A inspiração fugiu-me...

O quê escrever se já da morte ao frio beijo
Dos mistérios do ALÉM escuto o mago arpejo,
Visto que em tudo, em tudo o mundo vil traiu-me¹⁰⁷?

107 Cidade da Franca, 22.2.1906 – *idem*, 3.5.1908

Invulnerável

*De tantas pedras que atiram-me
Hei de fazer um altar!*

Tobias Barreto

Pouco me importa, ó cães, cáfila imunda,
Que atireis contra mim o limo sujo
Que tendes n'alma como um caramujo
Tem dentro em si a lesma nauseabunda!

Zombo dessa investida furibunda
De vossos dentes... zombo, mas não fujo,
Porque um homem não foge de um sabujo
E eu tenho pedras p'ra vibrar a funda.

Pouco me importa que, a calúnia armando,
Busqueis cuspir-me, com furor nefando,
O cru veneno da mais vil pocema...

Pouco dói-me o negror da ALEIVOSIA,
Porque reviverei ainda um dia,
Livre, bem livre de tão dura algema⁰⁸!

Ygino Rodrigues

Eremita

Aqui, neste deserto onde suspiro,
Nunca pode chegar o vão ruído
Desses e dessas que me têm traído...
Quem violará a paz do meu retiro?

Aqui vivo, aqui sofro, aqui expiro...
Se sofro, ninguém ouve o meu gemido,
Se como fera solto algum rugido,
Também ninguém o escuta e não deliro!

E altivo e só, aqui, neste deserto,
Como quem sente algum remorso aberto,
Sinto uma chaga viva, uma grilheta...

Todavia, não curvo-me ao ecídio,
Que isto é Thebaída, mas não é presidio,
Não sou forçado e sim anacoreta¹⁰⁹!

Ygino Rodrigues

Apóstrofe Cívica

*(Aconselhando ao povo abstenção, visto não existir
no Brasil a liberdade eleitoral)*

Ó massa eleitoral, é a ti que falar venho
Com voz quente qual brasa e dura como um repto:

Por que motivo, tu, povo imbecil, inepto,
Acostumado estás da escravidão ao lenho,
Sofrendo sem cessar, sem cessar explorado
E de joelhos sempre aos pés do potentado?
E nunca tens um só ímpeto de coragem,
De brio e sensatez contra a POLITICAGEM?

Por que motivo, tu, atrasando a conquista
Do cotidiano pão p'ra ti e p'ra teus filhos,
Vais, de um chefe qualquer ouvindo os estribilhos
Sedutores, votar em prol de um tipo egoísta,
Um quidam que talvez nem conheças, refugo
Que hoje é um pedinte humilde e amanhã teu verdugo?
Por que motivo, ó burro exausto, sem descanso,
Agüentas o chicote e a espora, humilde e manso?

Acaso esperas tu desse exército nulo
De figurões o bem para o Brasil inteiro?
Não vês que querem só extorquir teu dinheiro
P'ra gastá-lo em saraus e festins de Lucullo?
Resiste ao vendaval chamado DESPOTISMO
Que engazopa-te a vir co'o o mais alvar cinismo,
Prestando a falsa fé qualquer um compromisso!
Sê forte como o cedro e não como o caniço!

Esperas um Moisés, um Cristo, porventura,
Desses torvos zangões que pompeiam nas sedas?
Inf'liz! Só podes ter Neros e Balmacedas,
Calígulas cruéis de feia catadura!
Não votes, não! Abstém-te, ó Povo, eu te aconselho,
A ninguém dês teu voto e não dobres o joelho!

“Votar” é sancionar a tua escravidão,
Encara o teu porvir pela REVOLUÇÃO¹¹⁰!

Franca – 2 – Julho - 905

Ignóbil Déa

Quando ela se elevou do tremedal profundo
Onde jazia out'ora abandonada, infame,
Ninguém deixou de ir logo a fazer-lhe a reclame
E ela estendeu os pés à adoração do mundo!

Tudo ela empesta com seu bafo nauseabundo,
Silva como a serpente e como a onça brame!
Quem há que uma traição melhor do que ela trame
No berço da criança ou junto do moribundo?

Com seus lábios de mel, que ocultam mil ciladas,
Reza nas catedrais e mata nas estradas...
Dói seu sorriso como uma lâmina fria!

Sabe o leitor quem é essa deusa ou princesa
Que prega a caridade e só tem avareza
Mentindo sem cessar? É a deusa HIPOCRISIA^{III}!

Franca – 15 – 6° - 05

Teu coração

Milhões de mundos — ideal touriste —
Na asa da fantasia hei percorrido,
Como o judeu das lendas hei vivido
Nesta ou naquela estância alegre ou triste.

Acerba dor à qual ninguém resiste,
Como o prazer de festival ruído,
Neste agro caminhar tenho sentido
Deveras, como tu nunca sentiste!

Tendo explorado, pois, países tantos
Onde hauri o frescor dos agapantos
Ou a taça de fel da maldição...

Só encontrei um país, certo, encantado,
Misterioso país fortificado
Onde não pude entrar — TEU CORAÇÃO¹¹²!

Sonho

Beija-me o seio — esta ânfora nitente,
Repleta dos perfumes que te guardo!
Beija-me... e da Tristeza o negro fardo
Atira-me para longe eternamente!

Pois não vês que por ti palpita ardente
Meu coração, ó desditoso bardo?
Beija-me... e do Infortúnio o negro cardo
Hei de arrancar-te carinhosamente!

Assim falava, com sua voz de prata
(Voz mais doce do que uma serenata)
E tendo o ar de um serafim risonho...

Virgem morena... P'ra beijá-la eu ia...
Mas... nisto acordo... oh! Deus! Tudo o que eu via
Era o escárnio fantástico de um sonho¹¹³!

113 O Francano, 15.2.1902 – Cidade da Franca, 10.5.1908

Ontem, Hoje e Amanhã

- ou -

A Voz dos Espelhos

(ao distinto engenheiro Dr. Carlos de Camargo)

*Ontem, luz de fulgor na imensidade,
Hoje, sol descambando sonolento;
Amanhã, murcha c'roa de saudade,
Pó desfeito e depois o esquecimento.*

Austriclinio Villarim

Como arquiteto ideal do céu da mocidade,
Olho o Passado... e além... que vejo? Só ruínas!
O espelho desse tempo, imerso entre neblinas,
Diz-me: — Tudo findou-se e só tens a saudade! —

Eu interrogo então o espelho do Presente
Curvado aos trinta e três janeiros ou outonos
E ele me diz: — Avança, avança, combatente,
Embora só e preso à DOR , aos ABANDONOS! —

Enfim me diz a voz do espelho do Futuro
Mais triste do que o dobre, o soluçar de um sino:
- O livro do AMANHÃ é para ti escuro,
Não podes soletrar o verbo do DESTINO! —

Infância, Mocidade e depois a Velhice,
Eis as três estações que temos, ó viventes
(Correspondendo a três espelhos diferentes),
A primeira estação é aurora de meiguice...
A segunda é o crepúsc'lo em raios escarlates,
Primeiro, esperança e amor! Depois, dores, combates...

Mais tarde a neve fria
Dos desenganos,
Chegam os anos...
A cruz e a moradia
Do eterno esquecimento!
Depois? Nem um lamento,
Poeira ou vento!

Ontem, Hoje, Amanhã! São três espelhos
Que estão sempre a falar, moços e velhos¹¹⁴!

Franca – Janeiro - 05

114 Cidade da Franca, 19.1.1905

Oração fúnebre

*(Ao glorioso José do Patrocínio,
o imortal patriota brasileiro)*

Canto o famoso Abolicionista,
O paladino da africana raça!
O que temos agora? É só desgraça,
Mas sem os louros de uma só conquista!

Brasil, quem há que como tu resista
De mil labéus ao vendaval que passa?
Do teu luto o sendal não se adelgaça,
Teu brio antigo já não ergue a crista!

Aonde estão FEIJÓ e outros antigos
Qual TIRADENTES, contra os inimigos,
Fortes? Aonde CALABAR, PEDRO IVO?

Perdeste um outro dos teus filhos grandes,
ESSE que ergueu-se qual condor dos Andes,
JOSÉ DO PATROCÍNIO — O “Redivivo” —¹¹⁵!

Franca - 6 - 2 - 05

Rindo

*(Ao mestre “Xico”,
o cintilante cronista da “Cidade”)*

Havemos de morrer, rindo ou chorando,
Alegria ou Tristeza, é a mesma cousa!
Pois dão o mesmo resultado, e a lousa
De qualquer forma vai tudo aceitando!

Por conseguinte, eu ando rindo e quando
Algum tipo imbecil, um droga, um sousa,
Em cujo casco às vezes não repousa
Uma grama, sequer, de senso, uivando

Vem contra mim, conselhos me impingindo
De uma falsa moral muito batida,
Respondo com desprezo rindo!... rindo!...

Chorar próprio não é de boa gente
E rir, sendo o melhor prazer da vida,
Rio-me sempre escandalosamente¹¹⁶!

Franca – 1º – 5º - 05

116 Cidade da Franca, 4.5.1905

Lost Work

(Dos manuscritos de um REBELDE)

Poeta! Por que motivo ainda escreves,
Atirando no meio dos suínos
Pérolas e diamantes peregrinos,
Falando a mentecaptos e almocreves?

Gastar teu pensamento em vão não deves,
Ergue-te, herói, acima dos cretinos
Que, adulando mandões, bimbam sinos,
Sem jamais entender teus versos leves!

Crês achar fósfo'ro dentro desses crânios
Ocos? Não vêes que sobre os teus coetanos
Tu tens fatal superioridade?

Deixa esses vermes pútridos no abismo,
Que é trabalho perdido o evangelismo
Aos cegos que não querem claridade!¹⁷

Verbo escrito

Vou falar, porque sou a luz do Gênio,
De mil cousas, sobre altas novidades,
Como falam-se em todas as cidades
De “Taubaté — no esplêndido Convênio.” —

Vou falar muito bem, porque em proscênio
Desponta ao brilho das realidades
A fixação do câmbio e outras verdades,
Ocultas sob as trevas de um milênio!

Mas agora a minh'alma sob profundo
Pesar, de assunto que interessa o mundo
Todo, se inspira e fala por capricho...

Sobre o quê, meu leitor, embora fites
Nestas linhas o olhar?... Sobre “os palpites”
Porque falei, falamos sobre o BICHO¹⁸!

118 **Cidade da Franca**, 8.7.1906

Íntimo Júbilo

*(Ao meu prezado amigo,
o jovem e talentoso acadêmico Adriano Nicácio)*

Queres saber, amigo, o que arrebatava
O que inebria muitas vezes esta
ALMA, como se fora de uma festa
Haurindo o aroma e a lúcida cascata?

É o prazer que ELA tem, quando desata
P'ra o céu da "Fantasia", que a requesta,
As asas e da "inspiração", modesta,
Recebe em ósculos carícia grata.

O júbilo íntimo que eu sinto é quando
Idéias bem revéis estou caçando
Tenaz e ousado, em luta enfebrecida...

E consigo prender, nesse momento,
Uma rima feliz, um pensamento
E dou-lhes no papel a "Forma", a "Vida"¹¹⁹!

Prazer Satânico

(Impressões de uma câmara ardente)

Quando, grave, transpondo aquela porta,
Naquele quarto a vi, fria, estendida,
Pálido lírio sem calor, sem vida,
Morta, coitada, para sempre morta!...

De imensa dor que nada, então, conforta,
Vendo em tantos semblantes a sentida
Expressão que ao silêncio nos convida
E os próprios corações mais duros corta,

Sabes de que lembrei-me vendo aqueles
Albores virginais de encanto infindo
De um corpo digno de um pincel de Appelles?

Tive um prazer perverso, refletindo
Que não pude gozar, nunca, um só dia
Isso que o VERME em breve gozaria¹²⁰!

120 Cidade da Franca, 2.8.1906

O Poeta

Não é de prata ou ouro ou de diamantes
A c'roa posta na cerviz dos poetas,
Tão invejada por alguns patetas,
Mas é de espinhos crus e lancinantes,

O vero poeta nunca tem instantes
De felicidade, nunca tem completas
Suas aspirações... dores secretas
Acompanham seus passos vacilantes!

Passa na terra como um som ligeiro,
Sempre traído, sempre perseguindo
As borboletas de um sonhar fagueiro,

Ora sofre e parece estar sorrindo,
Ora ri-se e parece estar gemendo...
Só quando morre é que ele vai vivendo!²¹

Por quê?

Por que foges de mim, quando eu procuro
A luz do teu olhar sereno e brando?
Por que foges de mim quando esmolando
Teus sorrisos me ajoelho no chão duro?

Ai!... Por que és tão arisca? O teu escuro
Cabelo não me deixas beijar? Quando
Poderei em teu colo ir soletrando
O alfabeto do amor? Em que futuro

Remoto poderei nesse alvo colo,
Com alva lira que emprestar-me Apolo,
Soluçar cavatinas de Romeu?

Por que és arisca assim? Por que não deixas
Sob a noite das séricas madeixas
Tuas sonhar que já cheguei ao CÉU¹²²?

122 Cidade da Franca, 14.11.1907

Expição

Conspurquei, é verdade, essa candura
Que tu tinhas, imácula donzela!
Mas... no soluço lírico revela
Minha alma o atroz remorso que a tortura!

Vivo, ainda, já estou na sepultura...
Dir-se-ia sempre me apertar a goela,
Como em sonho que oprime, que flagela,
Um fantasma de feia catadura!

Tu, que jazes no véu do ESQUECIMENTO,
Se podes, lá, nesse último jazigo,
Escutar os meus ais, o meu lamento;

Tu, que em vida eras generosa e boa,
Ou cessa o meu suplício e me perdoa,
Ou dá que eu morra já p'ra estar contigo!¹²³

Ainda não morri!

*(a propósito de minha pretendida morte,
propalada gratuitamente por alguns ociosos boateiros)*

Ainda não morri! Não estou morto,
D'agouros maus dispenso a sombra escura;
Embora viva doente e sem conforto,
Ainda não desci à sepultura!

Ainda não morri! Neste meu horto,
Aonde bebo o fel da desventura,
Indiferente a tudo, sempre absorto,
Inda em meu corpo a vida está segura.

Querem que eu morra? Ah! Eu compreendo o gosto
Que terão de lançar sobre o meu rosto
Um punhado de terra, um torrão frio...

Mas não morri, hipócritas perversos,
Ainda continuo a fazer versos,
Portanto, ó mochos, cessai vosso pio¹²⁴!

Franca – 10 - 1902

124 O Francano, 25.10.1902

Tarde!...

Quando, rasgando, em ásperas veredas,
Meus pés nos espinhais e duros seixos,
De frio a tiritar, batendo os queixos,
Louco de fome e sede em sombras tredas,

Sonhava ouvir um roçagar de sedas,
Surgir um anjo, em lânguidos desleixos,
Que vinha a me mostrar sobre os seus eixos
Rodando a esfera d'alegrias quedas,

A luz da redenção achar não pude,
Ninguém veio arrancar-me dessa incude
Onde meu coração era batido!...

Moribundo era já quando vieste
À Vida me chamar, visão celeste
E só ouvir meu último gemido¹²⁵!

125 Cidade da Franca, 5.1.1908

Sonhando

Sonha, rapaz, enquanto é tempo ainda,
Sonha, que é muito bom sonhar na vida!
Nas verdes asas da ilusão querida
O sonho dá-nos f'licidade infinda.

Segue do sonho na fragata linda
Que tua alma se exulta agradecida;
Contra a dor sempre of'rece-nos guarida,
E dá-nos quase sempre a boa vinda.

Sonha, portanto, o sonho é um lenitivo;
Eu já não sonho mais... qual morto vivo
Este mundo atravesso — indiferente...

Do sonho já não vejo as mariposas,
Mas se pudesse, mesmo sob as lousas,
Eu quisera sonhar eternamente²⁶!

O Bicho

Creio no jogo estúpido do BICHO,
No avestruz, na águia, burro ou borboleta,
(Se bem que digam que tudo isto é peta)...
Jogo por ambição ou por capricho!

Ninguém pense, contudo, que é rabicho,
Mania de jogar, co'a alguma treta,
Porque mesmo co'empenhos ao Capeta,
Nunca posso ganhar... sempre m'espicho!

Contudo jogo, sempre que é possível,
Alguns tostões nas goelas dos banqueiros
Sempre cheias de sede inexaurível...

Nas dezenas, centenas ou no grupo
Uns cem mil réis ao menos nunca chupo
Para as contas pagar dos meus pedreiros²⁷!

Interpelação

Donzela branca como as açucenas,
Como o azeviche tens cabelos pretos,
Cabelos que me inspiram mil sonetos
E que têm a magia das sirenas!

Se eu pudesse voar, como as falenas,
Ou minha pena aqui, nestes quartetos,
Eu iria à janela onde irrequietos
Vão meus olhos buscar-te. Não m'acenas,

Não me olhas nem sorris, tão grave e séria
Como uma olímpica visão aérea,
E, todavia, creio ser benquisto

Pelos teus olhos... Amas-me ou não! Diz-me?
Dá-me o céu ou no inferno então m'abisme,
Pois não posso ficar perplexo nisto¹²⁸!

128 Cidade da Franca, 30.1.1908 – *idem*, 17.5.1908

Palpites

Inda dou neste número um palpite
Como darei mais outros não obstante
Tantos tribofes feitos com desplante,
Embora o povo bem logrado grite!

Os bicheiros não param um instante
E, apesar da cruel pindaibite,
Com fúria igual à de uma dinamite,
Sempre cavam o arame fascinante!

Mesmo com fome e sede, da Agonia
Nas vascas, joga o povo todo o dia,
Qual bicho da cidade, nos do mato...

Mas, se mesmo a inverter os telegramas,
Sempre ganha o banqueiro com seus tramas,
Súcia de bobos, compra só no RATO¹²⁹!

129 Cidade da Franca, 23.1.1908

Canção do Desespero

Eu tenho estado tantas vezes perto
Da f'licidade que me foge logo,
Minha alma é como um areal deserto
Queimado sempre de implacável fogo!

Eu já não tenho aspirações na vida,
Eu fujo até da sociedade em peso...
Ninguém me cura tão cruel ferida,
Eu ando sempre à desventura preso!

Tenho saudades de um país estranho,
Aonde em sonhos já vivi contente,
Parece o inferno o meu sofrer tamanho,
Causando assombros a qualquer vivente!

Por isso eu amo os vendavais revoltos,
Eu amo as noites de trevor medonho,
Que era uma deusa de cabelos soltos
A doce luz do meu antigo sonho!

Eu tenho estado tantas vezes perto
Da f'licidade que é de mim ausente!
Minha alma é como um areal deserto
Queimado sempre por um fogo ardente¹³⁰!

130 Cidade da Franca, 13.2.1908

Rebate Cívico

É preciso acordar, ó Povo Brasileiro,
Desse cruel letargo em que abismado jazes!
Teus pulsos p'ra quebrar algemas são capazes,
Impõe o teu valor ao universo inteiro.

É preciso rasgar o pavilhão grosseiro
Do despotismo. Então sofres e nada fazes?
Ergue-te, mocidade! Eia! Avante, rapazes!
Que este governo tombe ao sopro de um pampeiro!

Façamos um punhal de cada uma grilheta,
A dinamite, a bala, a sabre, a baioneta,
Marchemos sem pavor contra a vil opressão!

O Brasil morre à fome! O “Selo” nos oprime!
Pois se o luto do Povo é negro como o crime,
P'ra salvar o país surja a Revolução¹³¹!

131 Cidade da Franca, 6.2.1908

Amor ou Morte!

“Senhora, escuta-me! Eis-me a teus pés, de bruços,
Pedindo em vão a esmola de um sorriso,
A graça de um olhar, que é um paraíso,
Mergulhado entre prantos e soluções!

Da hipocrisia deixa esses embuços!
Curvas, qual flor batida do granizo,
A frente! Dá-me o amor que almejo e viso
E por ti eu afronto agudos chuços!”

Ela solevantou o corpo a meio
(E eu vi que arfava-lhe o nevado seio)
E disse com uma voz de gaturamo:

É que estimo-te muito, mas não te amo!
Então, disse eu, toma um punhal, Rosita,
E fere o peito que por ti palpita³²!

132 Cidade da Franca, 25.3.1908

O Menino Jesus

Nasceu em uma pobre estrebaria
Ele, o Rei dos judeus, meigo e sereno,
O profeta sem par, o Nazareno
Filho do Espírito Santo e de Maria.

O seu riso tão puro traduzia
A salvação de todo o orbe terreno,
Entretanto como era tão pequeno
No pequenino berço onde jazia!

Há quantos séc'los já que o louro Cristo
Morreu na cruz qual réprobo malquisto!
Há quantos séc'los! Entretanto agora

Parece que inda ecoa nos humanos
Ouvidos, através de tantos anos,
O consummatum est da final hora¹³³!

Hoje

Aos doze anos amei e fui traído,
Aos quinze comecei de poeta o fado;
Chego aos dezoito... e fiz-me então soldado...
Aos vinte e três já era um foragido.

E do destino sempre perseguido,
Vivendo sempre a amar sem ser amado,
Agora aos trinta e dois eis-me chegado
E inda não sei p'ra que fui eu nascido!

E se do amor jamais banhou-me a espuma,
Fortuna nunca achei em parte alguma...
Não tenho amigos, nem do arame a luz!...

E contudo o meu nome faz estrondo!
Serei muito feliz inda transpondo
Os trinta e três, a idade de Jesus¹³⁴!

134 Cidade da Franca, 2.4.1908

No Reino do “Silêncio”

Morrer assim... quem não gozou na vida?!
Com certeza que dói no pensamento
Esta lembrança atroz que num momento
Nos varre a última ilusão querida!

Com certeza que verga combalida
Nossa alma ao peso de atro desalento
Imaginando no aniquilamento
Sempiterno e que a Morte espreita a Vida.

E hei de morrer também!... É triste,
Mas é verdade atroz! Tudo o que existe
Paga um tributo à Terra fria e dura!

E hei de cair também!... Porém eu creio
No espírito imortal que volta ao seio
Da Luz donde saiu como alma pura¹³⁵!

Hóstia Ideal

Bom dia! Moro aqui, minha vizinha!
Como passou a noite? — Mal! Não sabes
Que dentro deste coração tu cabes?
No entanto és tão arisca e tão mesquinha!

Bem sei que és poeta zombeteiro; adivinha,
Sonhador, muito embora tu te gaves
De ter astúcia adivinha... adivinha... — acabes!
... O que tenho a te dar... — E a alva mãozinha

Abrindo, aquela mão pura e mimosa,
Oscula e solta uma ave que, amorosa,
Veio aos meus lábios, trouxe-me um nectário...

O que ela tinha p'ra me dar, leitores?
Uma hóstia ideal em comunhão d'amores:
Um beijo! E o portador foi um canário¹³⁶!

136 Cidade da Franca, 23.4.1908

A Cruz

Musa das solidões, harpa-eólia do deserto,
Vésper do meu passado, estrela sonolenta,
Pela última vez, — vai-te, vai-te, sedenta
Garimpeira da Luz! — Disse e fiquei incerto.

Entretanto, da Glória a visão, — pálio aberto —
Ainda me acenava, em risos vinolenta,
Dos altos camarins do Sol onde se argenta
Toda a volúpia astral dos eleitos, por certo.

Quis reincinerar no satânico fogo
Tua alma, ó minha lira e súplice te rogo
Desse crime o perdão, ó filha audaz do Gênio!

Já eras comburida ao ósculo da pira,
De atro infortúnio e eu vou crucificar-te, ó lira,
Pois para o teu grandor é estreito este proscênio¹³⁷.

137 Cidade da Franca, 26.4.1908

Alma Eleita

Quer me creiam, quer não, eu sou profeta!
Fadjei-me da vida aos vaticínios...
E dizer quantos são os apolíneos
Raios não se ouve a minha voz discreta!

Oh! Que missão terrível e secreta
Esta que educa os corações virgíneos
Para que o olhar de um Deus bom ilumine-os
Do berço ao túmulo, de um início à meta!

Longe dos climas célicos, aonde
O infinito Poder de nós se esconde,
A Alma em exílio, ó Dor, como tu zurzes!

E, carne e trapos arrastando a custo,
Tu vais, pobre alma, trêmula de susto,
Olhando o Azul e indiferente às urzes¹³⁸!

138 Cidade da Franca, 30.4.1908

Soneto
(Amar sempre)

Amar sem que ninguém perceba ou veja,
Amar sem ser amado é sorte dura,
Com certeza que dói e à sepultura
O homem conduz por mais forte que seja!

Se a brisa mansa, que passando beija
A sua face cheia de frescura,
Te revelasse acaso o que deseja
Minha alma entregue às vascas da loucura,

À brisa mensageira não darias,
P'ra suavizar as minhas agonias,
Acolhimento favorável, terno?

Tenho sede de amor!... Dá-me uma esmola!
Minha alma está de luto, me consola,
Que amar sem ser amado é o próprio inferno¹³⁹.

139 Cidade da Franca, 14.6.1908

Soneto
(Ó deidade gentil)

Ó deidade gentil dos meus sonhos,
Se tu soubesses da paixão ardente
Que faz sofrer meu coração doente,
Se soubesses dos meus fundos pesares...

Se tu soubesses que por ti os ares
Eu encho com meus ais de dor pungente,
De mim terias pena certamente.
De mim, perdido naufrago nos mares!

Mas, não sabes, rainha das sereias,
Ou finges não saber!... Se não me odeias,
Ah! Então, co' o desprezo tu me feres!...

E eu sofro, por amar sem ser amado,
Eu sofro, porque sou um condenado
A amar-te mais que a todas as mulheres¹⁴⁰!

140 **Cidade da Franca**, 18.6.1908

Flor do Vício

É flor, porém não é flor impoluta,
A legenda bem sei da “Flor do Vício”,
- De queda em queda a um fundo precipício
Rolou... jaz numa escuridão de gruta.

A Honra não a ouviu e nem a escuta
Essa que fez o hediondo sacrificio
Da carne em flor a um repugnante ofício
Satisfazendo uma paixão tão bruta!

Mulher que abandonou o esposo e a filha,
Foi flor das salas onde já não brilha,
É flor que serve para um cemitério...

Em sua frente, outr’ora tão virgínea,
“Flor do Vício” hoje ostenta da ignomínia
As flores: são os beijos do Adultério — ¹⁴¹!

Página Íntima

Amei (p'ra que mentir?) muitas donzelas,
Umás bonitas, sim, outras formosas!
Sonhei, é certo, um tálamo de rosas
Mais quente do que o seio das estrelas!

Talvez por tanto amar, tanto querê-las,
Embalado de idéias vaporosas,
Hoje padeça dores horrorosas?
Não! Sou REVEL, não choro por perdê-las!

Por isso reneguei todo o passado!
Rude e brutal como um feroz soldado
Escarrei nesse vil Romanticismo!

Amei, parece até um pesadelo,
Mas tendo agora um coração de gelo,
Deu-me Diógenes o seu Cinismo¹⁴²!

142 Cidade da Franca, 23.7.1908

O Destino

Quando ele apareceu e se mostrou ao mundo,
Tendo um livro na mão e cego como Homero,
Tudo tremeu ao ver esse perfil severo,
Desde o infante a vagir até o moribundo.

Ele é um Deus que não ri e nem é iracundo,
Faz o bem, faz o mal, como faz o anjo e um Nero,
Sua vontade é lei, quando diz “mando e quero!”
Tudo obedece desde o sol ao mar profundo.

Tem força universal que tudo agita, impele,
Faz a ventura deste, a desdita daquele,
Ouve a canção da Dor e da Alegria o hino...

Foi ele que escreveu o presente, o passado,
E o futuro também em seu livro encantado,
Todo o mundo o conhece, o seu nome é “O Destino”¹⁴³!

Ariel

143 **Cidade da Franca**, 7.3.1907. Depois publicado com o nome do autor, em **Cidade da Franca**, 1.5.1909

Iracema

(De José de Alencar)

Lira sem par e varonil que falas
Como os clarins do indômito Mavorte
E, melancólica, também a morte,
Bem como a vida, do teu seio exalas,

Soluça, agora, em rimas cor de opalas,
O nome de IRACEMA, a flor do norte,
Índia morena de soberbo porte,
Muito mais bela que uma flor das salas!

Soluça como a vaga sobre a praia
Ou como a cavatina da jandaia...
Ergue um suspiro em vez de uma pocema

P'ra cantar, qual sereia ou qual Uiara.
O nome da serrana tabajara,
P'ra alcandorar o nome de IRACEMA¹⁴⁴!

Tântalo

*(Àquela, peregrina encarnação de formosura venusta,
sobre cujo seio os meus olhos, turvos pela neblina do
PECADO, atiram, às vezes, as envenenadas frechas do
desejo feroz como um lobo faminto!...)*

Quando eu te vejo para mim sorrindo,
Alva do albor imáculo de um lírio,
Nem imaginas como o meu martírio
Cresce na sede de um desejo infindo!

É que és tão caroável como um lindo
Anjo descido do cerúleo empíreo
E ao ver-te sinto as garras de um delírio
Que me estrangula, ameaçador rugindo!

E então, nos estos da paixão terrível,
Dói-me saber que enfrenta um “impossível”
Minha alma como Tântalo sedenta...

Que uma gota d’amor, nem por esmola,
Tu me dás!... e pois, nada me consola,
Se nada espero e o meu desejo aumenta!¹⁴⁵

Nihil!

Tentando aprofundar, co'o bisturi da mente,
A causa primordial de toda a Natureza,
As cousas do Universo, eu senti indefesa
Tombar minha razão exânime, impotente.

Metafísica, em teus umbrais cheguei demente
E achei mistérios mil de horrenda profundeza
(Onde não entra um só raio de luz acesa)
Tudo escuro como um apocalipse ingente!

Muitas contradições achei nas Escrituras,
A ALMA sempre a fugir da ANÁLISE às torturas,
Sempre a HISTÓRIA a fulgir de fábulas doirada...

Não descobrindo DEUS, esse x do infinito,
Recuei espavorido a soltar este grito:
"Parece-me que há só de positivo o Nada"¹⁴⁶!

146 Cidade da Franca, 10.5.1906

Suprema Ventura

*(Arremedo de Rabelais dedicado ÀQUELA que, superior
a todas as Frinés e Helenas, calunia triunfalmente no
andar do meu Ritmo)*

*Morrer junto de ti p'ra mim seria
O termo dos meus lutos estrelados.*

Ernesto Correia

Cinco minutos só que nos teus braços
Eu pudesse, uma vez, febricitante,
Aliviar (ó venturoso instante!)
Minha sede de beijos e de abraços,

Cinco minutos só que os próprios laços
(Como numa infernal visão de Dante)
Rompendo da Razão, pudesse, aflante,
Dar-te o meu coração feito em pedaços...

E eu me crera outro Deus num paraíso
Cujo reflexo baila em teu sorriso
E em teu olhar de eflúvio langoroso!

Sim! Eu, quebrando da Razão a algema,
Teria em tais minutos a suprema
Felicidade em frenesi de gozo!¹⁴⁷

Epigrama

Um advogado, célebre na história,
Morreu. É muito natural a morte.
Foi ele ao céu pedir, sem passaporte,
P'ra que ali dessem-lhe um lugar de glória.

“Quero o bilhete, deixe de vanglória,
Ou os cinco mil réis!” Foi desta sorte
Falando Pedro..., ao ver do cujo o porte
E a sua pretensão muito irrisória!

Replica o tipo: “Eu tenho bons conceitos,
Fui na Terra advogado de mil pleitos,
Com fome aqui mandei muito viúva!”

“Advogado? — diz Pedro —, fica quieto
Que aqui não entras nem por um decreto,
Vai e tira o cavalo teu da chuva”¹⁴⁸!

148 Cidade da Franca, 8.2.1906

A Alguém...

- ou -

O Teu Corpo...

O teu corpo, de linhas harmoniosas,
Mais alvo do que o corpo das bacantes,
Faz-me lembrar as árvores gigantes
Das antigas florestas silenciosas.

Como as folhas que abrigam docemente
Os troncos nus do sol vibrante e loiro,
O teu cabelo, sensual e ardente,
Cobre-te os seios com folhagens d'oiro.

E a tua boca, oh, flor dos meus desejos
É como um belo ninho, delicioso,
Onde se escuta o gorjear saudoso
De uns passaritos que se chamam – beijos¹⁴⁹.

“Nota da redação: não nos ocorre de pronto o nome do inspirado vate que concebeu tão belíssimas quadras. Pouco importa. Nem por isso fugiremos ao prazer de inseri-las aqui em amor ao mavioso gênero de literatura poética”.

149 Sob o primeiro título, no **Cidade da Franca**. 26.8.1906, sem assinatura e sem nota. Sob o título “O Teu Corpo”, nova publicação em 1.12.1907, igualmente sem assinatura e com a “Nota da redação”.

Paz Varsoviana

O Sabino Loureiro está raivoso,
Porque a “Cidade” agora deu-lhe um trote;
Coitadinho! devia de ir p’ra o pote
Mestre Xico, o cruzeta cabuloso.

Pois se o homem pela paz anda afanoso,
Prega a concórdia, é bom que isto se note,
Que mais quer Mestre Xico, qual chicote
A flagelar os outros impiedoso?

No entanto é incoerente esse Loureiro,
Pois aconselha a paz e quer primeiro
Que morra este jornal, desapareça!...

Já se vê que ele quer a tirania
E, assim sendo, também um belo dia
É capaz de exigir nossa cabeça¹⁵⁰!

Xico III

150 **Cidade da Franca**, 12.8.1906

Uma visão

- ou -

Poema impossível

*(Ao prestimoso amigo Sr. Fulgêncio de Almeida,
exímio cultor da literatura leve e galante)*

*Tive um dia uma idéia de pintar-te
Oh! que idéia infeliz, que eu tive então!
Gastei tempo, papel, inspiração
E no álbum pude só assassinar-te!*

Aristides Costa

Eu quisera compor agora um poema loiro
Como o cabelo d'ELA,
Cabelo onde rebrilha em cascatas todo o oiro
Dos raios de uma estrela!

Poema que fosse igual aos de Heina e Lamartine,
De Tasso ou de Ossian,
Cujo ritmo sonoro e cristalino tine
Com harmonia sã!

Mas é um grande primor de tanta formosura,
De tanta perfeição,
Que a mente até vacila e embalde se tortura
E a pena cai da mão!

Seu pezinho chinês foi feito (com que mimo!)
De rosas e luar...
E a sua doce voz seduz mais do que um hino
De sereias do mar.

O sedutor olhar e o mágico sorriso
Que essa deidade tem
Fazem qualquer mortal sonhar o paraíso
E as venturas d'além!

Ela é, como o gracil buriti do deserto,
De porte senhoril!
Tem nos lábios a cor rubra de um cravo aberto
E a frescura d'Abril!

Tem essa deusa fina a cintura, delgada
Como um anel talvez!...
Mãos mimosas como as de um querubim ou fada,
Em sua pequenez!

Das baladas azuis do soluçante Reno
Esse ideal rouxinol
Poderia emprestar-me o seu acorde ameno,
Vibrante como o sol.

P'ra decantá-la como esse santo profeta,
O bardo-rei David...
Como eu quisera ser pintor, músico e poeta,
Por ELA eu fora um Cid!

A sua frente augusta e bela, onde um diadema
Fulgiria tão bem,
Tem a pureza ideal dos sonhos d'Iracema,
Dos lírios de Salem.

Seus ombros têm o alvor do mármore da Grécia,
Outros assim não há!
Vi-a uma vez; minh'alma entanto não esquece-a,
Ah! Nunca a esquecerá!

Ah! Que martírio é ter uma vontade intensa
Do IDEAL reproduzir
E quase sempre achar uma barreira imensa,
Que tudo faz cair!

Ah! Foi uma visão como essas das Mil e uma
Noites orientais...
Ninguém há que no verso ou na tela resuma
Traços tão divinais!

Foi apenas um sonho e em sonho tão ligeiro
Foi somente que A vi...
Por impossível, pois, esse poema tão fagueiro
Compor não consegui¹⁵¹!

151 Cidade da Franca, 3.2.1907

Devaneios

(A Saturnino Fernandes)

Eu amo o claro, sedutor ribeiro
Que, feiticeiro, suspirando mágoas,
Desliza manso, sob um bosque umbroso,
No colo airoso de argentinas águas!

Amo o formoso resplendor da lua
Quando flutua na amplidão celeste,
Amo a chorosa juriti que voa
E o eco povoa da soidão agreste!

Eu amo o sol quando abandona a terra,
Doirando a serra, ensangüentando o espaço,
Eu amo o cedro que ao tufão resiste
Sombrio e triste qual gigante d' aço!

Eu também amo um alazão feroso,
Ginete airoso que sacode as ancas;
Eu amo a noite constelada e pura
E a noite escura sem estrelas brancas!

Eu amo o zéfiro que vai, fugace,
De um lago a face acariciar tão lisa;
Amo o perfume que trescala a rosa
Tremendo airoso ao bafejar da brisa!

Eu amo a virgem do sertão, risonha,
Porque ela sonha, tem visões divinas...
Eu amo a serra onde as onças gemem,
Aonde tremem cerrações, neblinas!

Eu amo as flores, amo o céu, o campo,
O pirilampo de lanterna andeja,
Eu amo a nuvem que no azul perpassa
Cheia de graça se outra nuvem beija!

Eu amo a linda borboleta lesta
Que voa, em festa, no vergel cheiroso,
O colibri tão delicado eu amo
E o gaturamo de cantar mavioso!

Eu amo o bosque secular aonde
Geme e se esconde o zabelê plangente;
É um passarinho de tristeza tanta
Quando descanta que comove a gente!

Eu amo a ema pernilonga, ousada,
Quando arrojada nas campinas corre;
Amo o soluço da guitarra, quando
Cavatinando em serenata morre!

Eu amo tudo que a natura ostenta,
Bela, opulenta desde a terra aos céus...
Da natureza no grandioso seio
Soletro e leio um grande nome: "Deus"¹⁵²!

Alceste

Necropolitano

Para esses que ora o derradeiro sono
Gozam tranqüilamente, carcomidos,
Sob as ervas, dos vermes denegridos,
Quer nascessem na lama ou sobre um trono

Que o mundo vai deixando em abandono,
Que vão ficando já tão esquecidos...
Para esses - vencedores ou vencidos
Na luta em que eu também me desmorono,

Estas catorze lágrimas espalho,
Catorze versos que eu escrevo – orvalho
Que rega o pó do cemitério mudo.

Padecem como nós ou são felizes
Esses que estão debaixo das raízes?
Não sei! Às almas livres eu saúdo¹⁵³!

153 **Cidade da Franca**, 28.5.1905, em artigo que explica ser este poema integrante do livro *Trinos e Trenos*

À Bala

Correm dias de negra desventura
Magoando o coração dos brasileiros.
As bocas infernais de mil morteiros
Mandam bravos heróis à sepultura.

P'ra que transborde a taça da amargura,
Só basta que soldados forasteiros
Pisem o chão de nossa pátria pura.
Eis que alguém dos navios estrangeiros

Pergunta, com orgulho, ao Presidente
Como receberia a frota armada
Que havia de mandar ao continente...

A alma do valente ao peito estala
O punho do soldado estreita a espada...
A voz do Marechal responde: À BALA¹⁵⁴!

154 Museu José Chiachiri, pasta de poesias recortadas de jornais, sem indicação de fonte.

Tortura

Não poder percorrer a etérea altura
Como em sonhos já tenho percorrido,
Sentir-me ao limo vil sempre jungido,
É cousa que me aflige e me tortura!

Ver sempre o dia suceder à escura
Noite... ora ouvir a Dor dar um gemido,
Ora a Alegria em túrbido alarido...
É cousa que me aflige e me tortura!

Sentir a fantasia andar de rastros,
Inerme p'ra se erguer, alar-se aos astros,
É cousa que me aflige e me tortura!

É um castigo talvez que Deus me inflige?
Certo é que me tortura e que me aflige,
Se isto é viver, a vida é uma tortura¹⁵⁵!

155 Tribuna da Franca, 7.7.1907

Enfim!...

*(À minha dileta companheira e
colaboradora no “Livro da Vida”)*

Enfim posso dizer que agora és minha
Posso dizer enfim que conquistei-te!
Sobre as ondas de mágico deleite
Minha alma a tua hei de sentir vizinha!

Agora já não temo essa mesquinha
Campanha de imbecis! Enfim se estreite
Nosso amor e a homenagem pura aceite
Deste que te elegeu sua rainha!

Posso agora dizer – Tu, que és tão boa,
Agora alguns agravos me perdoa,
Se é certo que eu deveras agravei-te!

Não houve agravos, foram só fumaças
De arrufos passageiros! Foram graças,
Pois conquistado fui e conquistei-te!¹⁵⁶

Conjugo

(Ex-”Leão d’Oeste” ou “Alceste”)

Pecados mortais

I

Soberba

Eu sou soberbo, para que negá-lo?
É por isso que eu sofro horrivelmente
A necessária expiação, ausente
De um Céu... e sempre, sempre a desejá-lo!

Fui fulminado, com medonho abalo,
Por esse Céu que eu amo loucamente
E que eu odeio simultaneamente...
Da Blasfêmia é no ritmo que eu falo!

Se às vezes fico humilde, é aleivosa,
Porque ando sempre, seja noite ou dia,
Sofrendo o peso de uma dor acerba...

Satanás ou irmão do Anjo Maldito,
Sempre a sofrer, galopo no INFINITO
E o meu ginete chama-se SOBERBA¹⁵⁷.

Ariel

157 **Cidade da Franca**, 9.8.1906

II

Avareza

Sou avarento, dizem geralmente
Com razão, pois deveras sou avaro,
Tudo que há de valor subido e raro
Eu quisera guardar p'ra mim somente!

Piedade de ninguém minha alma sente,
(Se é que tenho alma, o que duvido, é claro)
E é o meu maior pesar, profundo, amaro,
Não levar o que é meu p'ra tumba algente.

Nem sequer meu chapéu levar eu posso
Do cemitério para o horrendo fosso...
Tenho de aqui deixar minha riqueza...

Por causa desse monstro que co'a adunca
Garra me rói e não me deixa, nunca,
Monstro que eu amo e chama-se AVAREZA¹⁵⁸.

Ariel

III

Luxúria

Pelo que é belo quem não tem desejos,
Pensando na “Mulher”, que é a mais perfeita
Beleza terreal que nos deleita,
De saciar-me de abraços e de beijos?

Ouvi, Frinés e Helenas, os harpejos
Da “Volúpia” que canta satisfeita!...
Em frente à Carne para o Gozo eleita
De que val a Virtude e os seus motejos?

Quando, ao ler dos romanos e dos gregos
O requinte dos lúbricos conchegos,
Ouço a Besta sensual rugir com fúria...

Amo-te mais, feroz monstro esfaimado
Que os bobos chamam sempre de Pecado
E eu chamo simplesmente de Luxúria¹⁵⁹.

Ariel

159 Cidade da Franca, 17.8.1906

V

Gula

Amo o bom prato, a guloseima fina,
Iguarias, menus deliciosos...
De assados, de perus, leitões gostosos
Desperta o cheiro em mim fome canina!

Gosto da mesa lauta, papa fina
Bem regada com vinhos capitosos
Ou mesmo parati dos mais famosos,
Sou comilão, gastrônomo por sina.

Sou mais forte no garfo, quando engulo,
Do que o próprio Gargantua, que Luculo,
Comigo ao copo só o inglês regula!

Indigestões e brigas agüentado
Tenho, mas sempre escravo do pecado
Mortal e feio que se chama GULA¹⁶⁰!

Ariel

VI

Inveja

Tenho inveja dos ricos potentados
Que de tudo que é bom estão gozando,
Enquanto que eu vegeto me arrastando
Na atroz miséria, entre outros desgraçados.

Invejo homens sadios, alentados,
Pois não tenho saúde, ando penando...
Miserável pigmeu, ando invejando
Sempre o talento de homens ilustrados.

Eu invejo o Saber como a Saúde,
A Força alheia como a Juventude,
Que o Infortúnio após mim sempre corveja...

Eis porque vivo acabrunhado, inerme,
Pisado sempre como ignóbil verme,
Sempre roído pelo aguilhão da INVEJA¹⁶¹!

Ariel

161 Cidade da Franca, 20.1.1907

VII

Preguiça

Tenho a indolência de um burguês pançudo,
Amo as comodidades sãs e amenas,
Quer deitado em colchão fofo de penas,
Quer em rede macia qual veludo!

Tudo que possa incomodar-me, tudo
Que me perturbe as reflexões serenas,
Um leve rumor d'asas de falenas
Não quero, estando solitário e mudo!

Detesto esse alarido, esses rumores
Da faina do Trabalho e os seus rigores...
Do TRABALHO jamais entro na liça!...

Dormir bem de manhã, dormir a sesta,
Do mundo é o melhor gozo, a melhor festa,
Embora digam lá que isto é “PREGUIÇA”¹⁶²!

Ariel

162 Cidade da Franca, 27.1.1907

Musa triste

Minha musa não é como ninfa
Que se eleva das águas, gentil!...
Co'um sorriso nos lábios mimosos,
Com requebros, com ar senhoril!
G. Dias.

Perambulando além, pela amplitude]
Do Infinito azulíssimo, em procura
Da inspiração original e pura
Que soe dar vida às cordas do alaúde,

A minha musa nada que transude
Néctar divino encontra... (que tortura!)
Subiu, sobe, suarenta de amargura
E volta após dessa jornada rude!

Dos tempos idos já não tem o assomo
Febril, ousado p'ra a epopéia como
Também em madrigais não se inebria...

E, assim, nessa apatia ela fenece
Triste, tão triste a inf'liz que até parece
Uma lágrima, um crepe, uma elegia¹⁶³!

Ariel

163 Cidade da Franca, 3.3.1907

Lendo Shakespeare

I

*(A propósito de Henrique, príncipe de Galles,
companheiro de orgias de Falstaff)*

Devasso folião que nas orgias
Gostava sempre de fazer figura,
Como Falstaff de feia catadura,
Perdendo em cabarés noites e dias,

Sempre em extravagantes companhias,
Em delírios febrentos de loucura,
Ia Henrique do Vício atroz d'escura
Fauce nas bordas escorregadias!

O rei contra escoceses em combate
Estava, quando surge e ali se bate,
Salvando a nau do reino que ia a pique,

Esse príncipe estróina e libertino...
"Oh! Como é grande a força do destino
Que assim te redimiu, Príncipe Henrique¹⁶⁴!

Ariel

Lendo Shakespeare

II

Hamlet

O' sublime figura da Tristeza,
Alma de sonhador, alma de asceta,
Certo, no olhar do sol ou d'um cometa
Tinhas a luz que banha a natureza.

Do mistério do Além tu eras presa,
O Sonho te afligia qual grilheta,
Tu buscavas um x, verdade ou peta,
Sedenta de infinito, alma indefesa!

Bem como o Amor, a Dúvida cegou-te
E mais sofrias dentro dessa noite,
Ao ver o fraticida rei, teu tio...

Feliz foste em morrer sem ver a tua
Noiva já morta, Ofélia branca e nua,
Das águas a boiar no leito frio¹⁶⁵!

Ariel

165 Cidade da Franca, 14.3.1907

2

Poemas de “Pampeiros”¹⁶⁶

166 Pampeiros, 1895. Poemas coligidos por Gilberto Mendonça Teles em: Memórias goianas, 2: poetas goianos, século 19. Goiânia: UCG, Centro de Cultura Goiana. 1984. p. 147-166.

Ninita
(Recuerdo)

A Arthur Lobo

Desmaiava o luar sobre o estendal das águas
Onde iam seus clarões estertorando em mágoas.
Da floresta enlaçada em virides esteiras
O perfume sutil subia às ribanceiras.
Flores de cambará mais brancas do que a prata
Juncando o estreito trilho que atravessa a mata,
Tinham na candidez mansa das pétalas finas
O bíblico esplendor das jóias levantinas.
Suavíssimos rumores de harmonia intensa
Corriam pelos ares. Na ramagem densa
Dos esveltos bambus de quando em quando vinha
O eco de um ruflo de asas... Qualquer avezinha
Que, assustada ao tropel de meu ginete ardente,
Fugia cautelosa. Às vezes, de repente
O ginete estacava, tinha uma surpresa,
Perfilava as orelhas e a escura devesa
Seu olhar invadia, claro como o aço
Ao sol e eu fustigava-lhe, rompendo o espaço.

Como é doce um luar nessas noites serenas
De ridos florestais no país das falenas!
Como se eleva a alma, saturada em ondas
De harmonia e de paz a rir, por sob as frondas
Dos jatobás que se erguem com aspecto ufano,
Firmes domo titãs e velhos como o oceano!

Cheguei ao velho rancho onde bailava outrora
Em cada flor um riso, em cada riso a aurora
Dos lábios de Ninita. A linda moreninha
Que junto do curral sempre esperar-me vinha,
Saltitante e louçã como azuis borboletas!
E um cravo ou uma rosa, um bouquet de violetas
Como ela me trazia sempre alvoraçada
Agitando de longe sua mão delicada!

Tudo findou-se ali! No deserto retiro
Dir-se-ia soluçar a alma de um suspiro,
De saudades chorei... Ninita já não era...
Foi-se o anjo do lar, só via uma tapera!
Quantas recordações em borbotões doídos
No coração me vinham acordar gemidos...
Quantos prazeres mortos eu evocava em pranto,
Imaginando ainda ver Ninita a um canto
Juntinha do fogão; e eu sonhava os lampejos
De seus olhares quentes, prenhes de desejos!
E olhando para mim, fingia que escutava
A história que seu pai com chiste ali contava.

E os caipiras da roda ouviam sentados
Aqueles lindos contos dos tempos passados!
Lá fora, a escuridão criava à sua sombra
Avantesmas e monstros que iam pela alfombra
Vagarosos, sutis e sob seus lençóis brancos
Ficar de espreita junto aos cupins e barrancos
Ao tardio viajor perdido nas veredas
Onde vêm se cruzando rastros de onças tredas.

Além, entre moutões de espesso catingueiro,
Ao luar alvejava cruz tosca e sombria...
Era ali que dormia o sono derradeiro
Ninita, a roceirinha que eu amei um dia.

A Esmo...

Não sei o que escrever! A inspiração de outrora
Me abandonando só, já não me anima agora.

Só vejo no jardim de minha fantasia
Boninas desfolhadas pela ventania...
-Trenos fundos de dor, saindo pela boca
De uma ferida aberta. Desgrenhada e louca
Já paira sobre mim, como um espectro escuro,
A desdita cruel, nublando o meu futuro
E os sonhos meus eu vi, em lágrimas desfeito,
Transformarem-se em cardos. Pesa-me no peito
Como um bando agoureiro de corvos famintos,
A Lembrança vivace de anelos distintos.

E, em bando, vão gemendo minhas fundas máguas
Como o alcion melancólico ao longo das águas,
O mar às vezes geme, também sente dores,
Mas não se curva humilde aos rábidos furores
De infrene temporal e como um clown hercúleo
Ergue o dorso e sacode um estendal cerúleo.
Inquieta como as ondas do mar que se agita
A lira é o lenitivo do bardo sem dita!

Mas porque me curva? O gênio triunfante
Cintila como o sol, impávido, arrogante,
Mais puro que o sorrir das brancas alvoradas,
Serenos como a lua em noites desoladas,
Altivo como a águia que à mercê do vento
Solta as asas, librando no azul do firmamento.

A brisa da manhã e a viração tardia
Roçando em minha lira, ouvem-lhe a sinfonia
E vão, arrebatando a nota peregrina,
Levar o meu segredo às flores da campina.
As estrelas do céu, o murmurar do rio,
Dos pássaros na mata o brando desafio,
O rugir do trovão a negra tempestade,
Um raio que recorta o azul da imensidade,
O vento, vergastando, a noite, os arvoredos,
Tudo isto, para mim, tem mágicos segredos
Desditoso ou feliz, eu sinto refrigérios
Namorando a Natura e lendo seus mistérios.
Sei que a lira é uma cruz e a glória um calvário,
Mas trilho resoluto o duro itinerário,
Ashaverus maldito, eu sigo o meu caminho
Sem um pouso achar, sangrando os pés no espinho,

Indiferente à dor. E a saraiva inclemente
Desse indiferentismo atroz e constringente
Já não me oprime o peito preparado à luta.

Como um raio de luz que sai da pedra bruta,
Do coração do vate, em ondas sonoras,
Nascem as cavatinas doces e amorosas!
E a musa varonil que não ri e nem chora
Me diz saudoso adeus, vai-me fugindo agora...

Ela

(impressões do circo)

Moreninha catita, elegante,
Foi no circo que eu vi-te, menina...
Tu brilhavas ali, minha amante,
Qual estrela, qual pérola fina!

Teus olhinhos tão vivos, fagueiros,
Cintilantes de amor e inocência,
Como dois querubins feiticeiros
Vêm doirar minha triste existência.

Moreninha elegante e catita,
Eu te vi e fiquei logo preso...
Pois tu és tão mimosa e bonita,
Que de amores por ti morro aceso,

Quem me dera saber o teu nome,
P'ra fazer-te um acróstico logo;
Ah! Bem sei que este amor me consome,
Pois teus olhos, menina, têm fogo!

Não me importa que zombes, morena,
De meus dias findar pelos teus...
Pois serás sempre, oh linda pequena,
Minha fada, meu íd'lo, meu Deus!

Trinitas invicta

É uma Trindade santa, majestosa, augusta,
Sulcando o céu da História em marcha triunfal;
Oriente dos Séculos, a frente adusta
Beijam-lhe as ovações do preto universal.

São três anjos que vão guiando a Humanidade,
São três mães do progresso acalentando o mundo;
É uma árvore ideal que afronta a imensidade
E a cuja sombra vela o espírito fecundo.

A primeira é a Idéia – a colossal torrente –
Que do seio divino arroja áureas folhetas,
Que avança pelo mundo, tempestuosa, ardente,
De luz superior ao brilho dos cometas.

Foi ela que criou o ferro sanguíneo,
A pólvora, o canhão, o Pégaso – vapor -;
Mostrou-se a Gutenberg, Colombo o visionário,
Arquimedes e Newton, cheia de esplendor.

Animou Tiradentes, Viriato e Wallace,
Surgindo majestosa e cheia de altivez...
Sempre o mundo lhe vê o cintilar vivace,
Messageira de Deus, criou – Noventa e Três -!

A outra deusa santa – A Imprensa soberana –
É o porta-voz do mundo, o estrídulo clarim,
Que à peleja convida a multidão insana
E que grava o terror nos olhos de Caim!

A Imprensa denuncia o crime oculto à sombra
E fulmina o impostor, o fariseu das praças;
Seu penetrante olhar a escuridão assombra,
É uma trombeta bélica inflamando as massas.

A augusta irmã da Imprensa é a Liberdade santa
Que não conhece freios e que rompe os diques
Que o despotismo põe. De algemas não se espanta,
Não beija a mão dos reis, tiranos e caciques.

Caminha a liberdade rompendo o nevoeiro,
Exalando, a sorrir, emanações divinas ...
Nada lhe tolhe o passo de veloz pampeiro.
A liberdade tem as asas peregrinas.

A Liberdade vai, transpondo mil barrancos,
Voando da planície ao cume da montanha;
Sorri junto a Fortuna, em horizontes brancos
E junto do infeliz em lágrimas se banha.

Ela deu um alerta à América nascente
E pra abater o jugo da Espanha e do Inglês
Nas Índias levantou Tippos-Saeb ardente,
No México o perfil heróico de Juarez!

Deusa santa! Fizeste aniquilar-se Nero,
E as cruzadas cristãs contra o impostor Mafoma:
E arremessaste um dia o ascético Lutero
C'um látego de luz na senzala de Roma!

Uma – produz a Idéia lúcida e fecunda,
Outra – espalha a semente: a Imprensa triunfante!
E a Liberdade rega a planta que se inunda
De seiva e de calor e cresce vicejante.

Salve! Salve, Trindade, farol do universo!
O homem acorda à luta quando houve teu grito;
Eu te incenso nos sons humildes de meu verso, -
És a pedra angular de um templo de granito.

E embora te conspurquem o formoso brilho,
Oh filha do Genial sonhador Gutenberg!
Da Glória e do Porvir iluminas o trilho,
Dos romeiros do Ideal és o sagrado albergue.

O Lar em festa

Abre-se em áureas pétalas, sorrindo,
Mística flor nos lábios de um infante...
Foi uma nova estrela irradiante
Que surgiu da família no céu lindo!

E essa criança imacula, vagando,
Canta um hino desp'rança nesse instante,
Traz um porvir no riso fascinante
E na frente um laurel vem-lhe fulgindo.

Alvoroça-se o lar cheio de galas,
Pejam o espaço misteriosas falas
Enchendo os pais de júbilo profundo...

“O que é?” pergunta a brisa aos passarinhos
e lhe responde a música dos ninhos:
“É um anjo que do céu baixou ao mundo.”

Na Mata Virgem

(A Arthur Costa)

Tudo é silêncio e paz nesta floresta enorme,
O passarinho dorme, a viração não geme...
Não surge a lua esplêndida nos céus serenos,
Nem uma folha ao menos de mansinho treme!

Neste tristor selvático a poesia morre,
A solidão percorre o anelito das feras...
O grilo canta além, debaixo da folhagem,
Que lúgubre paisagem de sombras severas!

Tudo aqui apresenta-se de aspecto duro,
Vejo no bosque escuro fantasmas sombrios...
São visões do temor...Meu coração se oprime,
Trêmulo como vime, sinto calafrios.

O meu ginete rompe os ângulos da estrada,
De narina inflamada e luzidias ancas;
Coroadas de orvalho as folhas do caminho
Têm um riso escarninho, trêmulas e brancas.

Mas eu sou sertanejo e atravesso a devesa,
Me afugenta a tristeza um cigarro cheiroso...
E, ruminando idéias, p'ra encurtar as horas,
Fumo e cravo as esporas no alazão feroso.

Como é bela, flutuando através da neblina,
Do meu ginete a clina dourada e comprida!
Vamos meu alazão! Sacode a ferradura,
Bebamos a frescura da mata florida!

Melancólica eu ouço recortar os ares,
Chorando mil penares, a voz do aldeão...
Saudoso bandolim geme ao longe e soluça...
E o terror se debruça sobre a solidão!

Cintila o azul. Da lua o alvo rosto que assoma
Das árvores na coma tremeluz incerto...
Meu alazão galopa co'uma fúria insana
E ruge a suçuarana no fundo do deserto!

A Esperança

A Galvão

A esp'rança é o meigo lenitivo santo
Que nos alenta, que nos traz a crença...
Formoso sol de perenal encanto
Que nos derrama claridade imensa.

É quem no imenso turbilhão da vida
Apona o rumo ao viajor sem norte,
Santelmo rútilo, ideal guarida
Do que braceja nas marés da sorte!

Se neste mundo, em divagar, mesquinho,
Da dor tragamos a feral cicuta,
A Esp'rança vem, com maternal carinho
Nos dar alívio e confortar na luta!

Quando sofremos, suspirando amores,
Ânsias cruentas de voraz desejo,
É quem nos lança matinais fulgores,
Quem nos envia um carinhoso beijo!

Triste viúva que debalde clama
De atra miséria na asfixiante vasa
Acha esse alento que a Esp'rança inflama,
Dorido pranto à doce Esp'rança casa!

A mãe que chora seu filhinho morto
De dor tamanha sob o peso duro,
A Esp'rança vem oferecer conforto,
Servir de bálsamo sagrado e puro.

O pobre órfão que de pé, coitado!
Percorre o mundo, esse areial infundo...
Espera sempre p'ra um porvir dourado,
Da vida encara o vendaval sorrindo!

À luz da esp'rança, a felicidade paira
Sobre os mortais e os corações inunda...
Somente o poeta que infeliz desvaira,
Sente os espinhos de uma dor profunda!

A Esp'rança foge-lhe...Por quê? Mistério!
Triste, sem crenças, sem amor, sem ninho,
Passa na vida qual fantasma aéreo,
E condenado a vegetar sozinho!

Cordis Umbra

A Caldeira Filho

Há muito que meu peito é um antro onde dormita
Um coração que amou, sofreu, caiu na luta...
Minha estrela de outrora, fúlgida, impoluta,
Ocultou-se no véu de uma nuvem maldita.

Dentro de um apertado círculo gravita
Minha alma indiferente que já não escuta
A harpa eólia do amor e jaz qual pedra bruta,
Pois não canta, não ri, não chora e nem se agita.

E assim, alheio a tudo, contemplando as ondas
Da estupidez humana em cabeças redondas
Cheias de presunção e ocas de saber...

Não se me dá que o mundo espedaçado grite
Sem lei, sem Deus, queimado pela dinamite,
Pois a ninguém pedi p'ra me fazer nascer!

3

Poemas publicados em Goiás¹⁶⁷

167 Poemas coligidos por Gilberto Mendonça Teles em: Memórias goianas, 2: poetas goianos, século 19. Goiânia: UCG, Centro de Cultura Goiana, 1984. p. 169-181.

Fastos da História Goiana
19 de Fevereiro

Ontem o povo gemia
Sentindo da tirania
A vergasta dura e fria
Acoutar-lhe os membros nus!
E o bandolouvaminheiro
Do despotismo traíçoeiro
Perdido num mar sem luz!

Exulta agora
Oh, sociedade
Raiou a aurora
Da liberdade!

Alevantai vossas frentes,
Contemplai ao longe os montes,
Lá no azul dos horizontes
Já despontou novo sol!
Foram-se as pesadas brumas,
Não há mais trevas algumas,
Nosso batel nas espumas
Navega à luz de um farol!

Oh, soberana
Imprensa audaz
Hosana! Hosana!
Salve, Goiás!

Foi-se a quadra maldita
Em que a multidão aflita
Jazia, como proscrita
Sem direitos e sem lei...
Em que o capricho nefando
De um déspota ia arrastando
A pátria ao jugo execrando,
A escravidão de uma grei!

Goiás, conquista
Alto brasão
Quebrando o jugo
Dessa opressão.

Talvez que hoje arrependidos
Soltem ais enternecidos
Os homens amadurecidos
Da junta do recavém...
E aos filhos degenerados
Goiás anima com brados,
Esquece insultos passados
E perdoa-lhes também.

O povo move
O pé ligeiro
A dezenove
De fevereiro;

Treme e se humilha
Sente terror
A camarilha
Do grão senhor!
Fazem alarmas,
Tentam fugir...
Depõem as armas
Sem resistir!

Triunfa o povo
Da oligarquia
Registra a história
O grande dia¹⁶⁸!

Dilema da Vida

A....

Criança! A vida é luta encarniçada,
É um circo de leões e de cordeiros,
Os homens, como abutres carniceiros,
Se estrangulam na arena ensangüentada.

Disputando uma efêmera pousada,
Queremos todos nós ser dos primeiros
E o ser besta de carga ou cavaleiros,
Ser vítima ou algoz, qual mais agrada?

Sem tréguas, sem quartel, sem piedade,
Tudo que opõe-se à tua felicidade
Tenta vencer! Que tua mão não trema!

Os fracos tombam, ouvem sempre vaias,
Busca ser forte para que não caias,
Pois matar ou morrer, eis o dilema¹⁶⁹.

169 *Jornal de Goyaz*, 21.3.1893

Vênus Imperfeita

Os teus olhos tão negros, luzidos
Como as ondas que brilham no mar,
Têm um imã que atrai meus sentidos,
Têm um mago condão de enganar.

São estrelas que em noites amenas
Brincam rindo na cúpula azul,
São gentis, irrequietas falenas
Procurando as florestas do sul.

Teus cabelos, então, que beleza!
Noite escura no bosque cerrado;
Dão-te um ar senhoril de princesa
Afangando teu seio nevado.

Tuas faces, macias e lisas
São mais puras que a luz matinal.
São mais frescas que o sopro das brisas
Ciciando em florido rosal.

Tua boca – romã bipartida
É um escrínio de opalas mitentes
E os teus lábios são uma guarida
De sorrisos e beijos ardentes.

O teu seio de cútis tão lisa
Alvo ninho --- dois cisnes lá estão!
Sob o fino crochê da camisa
Como tremem de amor e paixão!

Tua fina cintura semelha
O poético hastil de açucena,
É mais frágil que uma asa de abelha
Esvoaçando na veiga serena.

Tua fala de acentos lascivos
Doce favo de mel que inebria!
Oh! São tantos os teus atrativos
Que tu vences a própria poesia!

Post-scriptum

Mas agora de prantos me inundo
Me esqueci de cantar teu pezinho;
Não há nada perfeito no mundo,
O teu pé quererá um versinho?

É um pedaço de pé tão mimoso
Como as lajes do alto da serra;
Oh! Que pé machacaz e assombroso,
Mete medo às botinas da terra!

Teu pezinho elegante uma meia
Em dezoito minutos rebenta,
Teu pezinho, oh galante sereia
Só se ajusta na forma quarenta¹⁷⁰!

170 *Jornal de Goyaz*, 4.4.1893

Vita Nuova¹⁷¹

Quando desdobrará as rutilantes asas
Sobre nós um futuro d'áurea fortaleza?
'Té quando gerará encarcerada e presa
a alma universal sobre este chão de brasas?

Oh sol que vais dourando as alvadias casas
E as altas catedrais dom fúlgida viveza,
Quando nossa alma irá se reunir acesa
À diamantina luz que ao Espírito casas?

O mundo já aprendeu o calvo abecedário
De milhões de doutrinas, já inventou mil coisas,
O mundo já está farto de ímpeto sanguíneo,

De vinho e de mulher! Como as mariposas,
O racionalismo galopa incendiário
Buscando a Luz que a nós se esconde além das lousas¹⁷².

171 Há outro poema com o mesmo título, publicado por **Tribuna da Franca**, 8.12.1907.

172 **O Goyaz**, 12 3.1892

Félix de Bulhões

Foi ele o jornalista hercúleo e sertanejo
Lutando face a face contra a tirania,
Contra os grilhões do despotismo
Sondava as multidões, ouvia o rumorejo
Da população e os fundos ais de quem gemia
Descia a revolver o abismo.
Era da Liberdade o indômito sicário:
Espargia o fulgor de um ímpeto incendiário
Sua pena – poderosa clava
No céu de sua fantasia mil castelos
À sua pátria erguia em horizontes belos
Soberbos planos desenhava.
E trovador de peito ardente que suspira
Também vibrava as cordas de maviosa lira
Subia a escada do Parnaso
E então que sonora enchente de alvas rimas
Manava de seu estro; compunha obras primas
Mesmo da vida já no ocaso.
Foi ele o paladim que, ousado, grave e sério,
Aos déspotas mandões, despidos de critério,
Lançava em prol do povo, o guante
E as sátiras que arremessava como afronta
Aos adversários seus doíam como a ponta
De um estilete lancinante.
Ele enxugou também o pranto dos escravos
Viu correr como o sangue de Jesus nos cravos
O sangue da raça de Cham.

Lendo cheio de horror os dramas da senzala
Correu como um campeão na arena a libertá-la
Aquela raça – com afã.
Mas como a aurora que abre as portas do levante,
Foge e passa, deixando o sol surgir brilhante,
Assim também ele passou;
Como o trovão longínquo que uiva pelo espaço
E cala-se ante o raio – rápido estilhaço
Assim também ele calou.

Quvia-se o tropel feliz da nova era
Despontava um botão de nova primavera,
Mas o sabiá já não gemia,
Dormitaram os ecos. A própria floresta
Como que ao sol formoso recusara a festa
Soluçando funda elegia.

A idéia que do peito arremessou um dia
Cresceu, fortaleceu mesmo na penedia
Do coração de fé despido
E quando aproximava-se a estação ditosa
Do fruto despontar da urna primorosa
Já era ele ao mundo ... um foragido.

Mineiro audaz, eleva cantando a picareta
No ventre do rochedo um túnel rasga o atleta
Que avançava jamais exausto
Por onde passara em busca de um tesouro
Os filhos do porvir, o exército vindouro
Mas o herói tomba em holocausto.

Qual crivo ameaçador de pontiagudas lanças
As idéias aviventou, criou esp'ranças
Calcando o embuste e a estupidez
E o fantasma do mal, o espectro da ignorância,
Essa hidra clerical, corruptora da infância
Combateu com intrepidez.

Alma de Prometeu, coração de Vesúvio,
Preso num cárcere de lodo e santo eflúvio
Buscava de um país mais rico
É assim que a águia nos páramos azuis adeja
E ao próprio sol soberba qual noiva deseja
Beijar com a ponta de seu bico.

Ele que abriu ao coração do nosso povo
Nesse ardente areal – um horizonte novo
Da mais pura democracia
Não viu despontar a aurora redentora
Em que se realizou a crença salvadora
Quando a República surgia.

Como um novo Moisés, os seus Israelitas
Penetraram sorrindo como almas benditas
Nos arraiais de Canaã
E ele o infatigável combatente forte
Cumprido tinha seu papel. Fechou-lhe a morte
O quadro da nova manhã.

Lutou por uma idéia, trabalhou constante
Mas a fatalidade irônica, insultante
Para o túmulo o arrebatou
Já quase no momento em que a explosão da mina
Anunciava ao Brasil a estrela peregrina
Que no seu pavilhão pousou.

Repousa sossegado à sombra harmoniosa
Da saudade – que orvalha-te a memória-rosa
Na urna de nossos corações
Para ti os lauréis da tua antiga crença
Para nós a vida, a luta, uma peleja intensa...
Gênio! Protege de teu berço as gerações¹⁷³!

173 O Goyaz, 29.3.1892

A Humanidade

Sabeis vós o que é a vida, a atividade humana
Girando eternamente numa luta insana
De alevantar no mundo as grandes maravilhas
Que o tempo atira ao pó e a cinza das Bastilhas
Arrancando de uma pirâmide sublime
Os poemas diamantinos, divinais que imprime
Em seus anais eternos a imparcial história
Salpicados de sangue e luz, de lodo e glória?
Indo ao passado cheio de trevas e brilhos
Tirar para o porvir os luminosos trilhos
Onde se ajuntarão numa mesma memória
Os gritos do vencido aos louros da vitória?
Teremos para apoteosar os grandes vultos
Dos mais fortes Titãs, daqueles Prometeus
Que vão desafiando o raio ao próprio Deus
Conquistar a Imortalidade, palmo a palmo,
De coração ousado, olhar sereno e calmo:
César, Aníbal, Viriato e Bonaparte,

E outros tantos portentos da bélica arte,
Sócrates e Platão, Rousseau, Voltaire, Erasmo
E outros gênios tamanhos que o ideal marasmo
Rasgam do nosso espírito à luz que irradia
Da soberana e salutar filosofia,
Gutenberg e Arquimedes, Newton, Galileu
E tantos inventores que o mundo acolheu,
Virgílio, Homero, Dantes, Camões e Quevedo,
Byron, Musset, Hugo e outros que o segredo

Conquistaram da entrada no arraial das musas
E de tantos heróis em multidões confusas
Nas letras e nas artes e em qualquer ciência
Cujo dom lhes aprouve dar à Providência,
Astrônomos, filósofos, heróis, poetas,
Médico, inventores, mártires, profetas –
Os privilegiados que c'rou de glória
Uma fama imortal que lhes guarda a memória
Enquanto que ora jazem gélidos, inermes,
Talvez em pó, seus corpos – o jantar dos vermes.

II

Mas ah! Os grandes feitos, as ações de glória
Tudo que se escreve nos anais da história
Não são obras de nós, apenas – instrumento
Do poder superior que rege o firmamento,
Que manda em tudo, desde a corrente do Nilo
'Té a pequena voz metálica do grilo;
Que dá bênçãos de paz, dando também a guerra
(Pois lágrimas, sangue e suor rega-se a terra!)
Consentiu que Caim, o primeiro assassino
Derramasse do irmão o sangue purpúreo
E que atendendo ao sangue que clamou vingança,
Também deu ao Maldito a rosa da esperança;
Que um dia ordenou a pobre Humanidade
Na torre de Babel ler o fim da vaidade
Que chama os justos e abençoa os inocentes,
Deixando os maus em prantos e ranger de dentes!

Que arrebatou Elias em ardente carro
E prendeu os espíritos em vasos de barro.
E presos nos grilhões do tentador malino,
Que seria de nós sem o Mártir Divino?
Sim! Foi ele – o Unigênito, o Cordeiro imáculo.
Aquele louro infante, aquele bom oráculo
Mestre das multidões no templo e nos caminhos
Aquele Rei c'roado de cruéis espinhos
Que dignou-se encarnar e vir ao mundo um dia,
Para livrar seus filhos que Satã prendia.
E passeou nas ruas e ensinou ao povo
Uma doutrina sã, um mandamento novo
E alevantou finados e curou enfermos
Nas praças e no templo, no mar e nos ermos
E freqüentou fariseus e publicanos
Gentios e judeus, gregos, samaritanos!
Entretanto a judéia, a infeliz Judéia
De sangue c'roou a rútila epopéia,
Pois negou a seu Deus, não recebeu a luz,
E depois de o cravar nos braços de uma cruz
Após cruéis tormentos, medonhos insultos
E zombarias de uma multidão de estultos
E terrível como um bandido extraordinário
Assassinou Jesus no monte do Calvário!

III

Mas era mister que assim mesmo se cumprisse
O que o profeta da Escritura Santa disse.
Nascer, viver, lutar, morrer como um atleta,
Eis o destino humano sobre este planeta.

A carne de ilusões mundanas não se farta
Com que pesar doloroso ela não se aparta
Do espírito de luz, o seu farol antigo!
Não deseja dormir no último jazigo
Não deseja o descanso e nos finais gemidos
Sente ainda saudades de seus bens queridos!
E como a trança mádida das nuvens frias
Logo nos penetrais das solidões sombrias,
Oh! Dói decerto como um íntimo desgosto
Esta lembrança de sentir por sobre o rosto
Dos vermes tumulares o cruel açoite
Na escuridão, no horror dessa profunda noite!
E a Terra, recebendo a semente da vida,
Sentindo-se cada vez mais fortalecida
Do ventre colossal torna arrojado ao mundo
Matérias novas de um fermento velho imundo!
De um cadáver lançado à sepultura nasce
Uma viçosa planta ou flor, depois que um pó desfaz-se
Em seiva abraçará aos verdejantes campos,
As rochas de cristal aos lindos pirilampos.

IV

E a alma, o imortal espírito divino,
Buscaremos em vão seu último destino.
Partícula de Deus, voltará a seu todo?
Ou voltará talvez aos páramos do lodo
E num vaso carnal de novo se encarcere
E da mulher conceita nas entranhas gere
A criança inocente que ao depois se embala
E qual botão sorrindo a divindade exala?

Pois pertenceu a Deus e pertenceu ao homem
E aos vasos corruptíveis que no pó se somem
Qual ferrugenta folha de uma espada aguda
Que prova lixa, areia e afinal se demuda
De limpa, reluzindo, desafiando o espelho...
Oh Onipotente! A teus pés dobre o joelho¹⁷⁴.

174 O Goyaz, 8.4.1892

O Ouro e o Ferro

Simbolizou-se outrora o mito da Justiça
Com dois gládios em cruz, na escura Média-Idade,
E a Inocência, o Amor, o Dever e a Verdade
Ia-se, o peito nu, defender numa liça.

Vertendo rubro sangue que ninguém cobiça,
Dois campeões, frente à frente, ferem-se à vontade,
Um perece, ora pois! Vingou-se a sociedade
E aos pés do vencedor eis a razão submissa.

Mas hoje é nas encostas ávidas do Foro
Que está nosso paládio. O Direito descansa
Na atitude beatífica de um Salomão...

O ferro decaiu, cedendo o império ao ouro,
Quem lança mais dinheiro à concha da balança
É sempre vencedor, sai salvo da questão¹⁷⁵.

175 Registrado na Antologia Goiana, de Veiga Netto

O Azul

O azul soberbo é o riso do infinito
Vibrante, belo e cheio de mistérios.
O azul que cobre o chão dos cemitérios
Cobre também as rochas de granito.

O azul é o ninho jovial, bendito,
Onde cantam os pássaros sidéreos
Desatando serenos refrigérios
À doce luz que soltam como um grito.

Canta o Sol aurifulvo quando nasce,
Bem como um rouxinol, uma sereia...
Almo, rasgando um círculo vivace;

E à noite, quando nasce a lua cheia
E o asterismo tremula fugace,
Que música celeste! O azul gorjeia¹⁷⁶!...

A Pinta Preta

A pinta preta que tu tens no rosto
É uma pinta mimosa e tão pequena
Que te dá mais encanto e mais amena
Graça, qual nuvem leve em céu de agosto.

Faz um soldado abandonar seu posto,
Faz queimar-se na luz uma falena,
Invejam os anjos da mansão serena
A pinta preta que tu tens no rosto.

E eu imagino até, bela menina,
Que Deus de ti, um dia, enamorou-se
E chorou de pesar e de desgosto...

Chorou... e a branca lágrima divina,
Gota do céu, caindo, transformou-se
Na pinta preta que tu tens no rosto¹⁷⁷...

¹⁷⁷ Registrado por Quintiliano Jardim; registrado na Antologia Goiana, de Veiga Netto

Lembrança

*(Ao velho amigo e
conterrâneo Hermenegildo de Bessa)*

*Saudade, gosto amargo de infelizes
Delicioso pungir de acerbo espinho!*

GARRET

Neste leito, onde a dor me prende, eu vejo
Do meu passado os dias amargurosos,
Bem como alguns minutos venturosos,
Desfilarem-se em túrbido cortejo.

Ora, um furtivo abraço, um casto beijo,
Ora, instantes cruéis e tenebrosos
De martírios ocultos! Hoje os gozos
Frívolos, vis da terra não almejo!

Vejo o passado assim: misto de flores
E de espinhos, de trevas e fulgores,
Da nostalgia à luz crepuscular...

E, às vezes, minha mente esvai-se e cansa
Correndo, perseguindo uma lembrança
Que brilha e torna logo a se apagar¹⁷⁸!

Eco do Passado

Arquiteto ideal de loucas fantasias,
Meu coração, aberto ao misticismo puro,
Sonhou outrora ver, nas arcas do futuro,
Glória, ventura, amor – arco-íris e harmonias;

E nessa quadra azul de tantas alegrias,
Infeliz acreditei, acreditei seguro
Um diamante encontrar em tremedal impuro,
Ou uma flor viçosa em broncas penedias...

Mas hoje que os serenos devaneios da alma
Ma abafou a razão, fria, severa e calma,
Ceifando, uma por uma, as minhas ilusões,

Só me resta uma crença dessa idade de ouro,
Guardei no coração apenas um tesouro:
O Triforme imortal, o Deus das tradições¹⁷⁹...

179 Anuário histórico, geográfico e descritivo do Estado de Goiás, de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. O nome do poeta aparece grafado Ygino.

Parte III |

1

Estudos, citações e referências ao poeta

São poucos os escritos sobre o “*malogrado poeta goiano*”. Além dos elogios fúnebres publicados em jornais da Franca no ano de sua morte, e da campanha para a construção de um mausoléu, vamos encontrar pouco mais de uma dezena de autores que se reportaram ao poeta, com o registro de alguns dados biográficos (havendo desacertos de datas e de fatos), a reprodução de alguns poemas e raras análises literárias.

A ausência de comentários críticos deve-se, talvez, à não preservação dos livretos – certamente brochuras impressas em papel de má qualidade - aliada à dispersão dos poemas, publicados em jornais de circulação restrita.

A contribuição mais significativa partiu de Gilberto Mendonça Teles (Teles, 1964, p.69-72; Teles, 1984, p. 145-181); e o texto mais curioso é o de Victor de Carvalho Ramos, que não economizou críticas aos poemas, os quais, diz ele, “*não se recomendam nem pela inspiração, nem pelo rigor da forma*”, condenando-os igualmente pela falta de originalidade (Ramos, 1968, p. 56-57).

Reproduzimos a seguir onze textos que se referem a Ygino Rodrigues, contribuindo com informações sobre sua vida e obra. Observem-se, em diversos deles, incorreções quanto a datas de nascimento e morte do poeta, fatos de sua vida, seqüência de publicação das obras.

1. Versos Diversos

É sob este título que Ygino Rodrigues, fértil e maturo poeta goiano, atualmente com residência na Franca, bela e culta cidade paulista, acaba de dar à luz da publicidade o seu último livro de versos.

Nos tempos que vão correndo, em que uma vaidade ridícula e uma descabida ambição de renome se constituem a causa da publicação de tantos e tantos livros detestáveis, que a crítica severa e imparcial vê-se na contingência de desprezar, porque não pode e nem deve tomá-los a sério, verdadeiras pachouchadas que geram doce comiseração quando não despertam ásperas crispações de revolta; nestes tempos, em que é raríssimo um número de jornal que não estampe uma baboseira qualquer, sem arte e sem gramática, com o falso rótulo de Versos, - empolga-nos um justo entusiasmo eletrizante, quando vemos um trabalho como o que Ygino Rodrigues acaba de lançar à publicidade, mais um raro escrínio de fúlgidas pérolas que se recolhe às já opulentíssimas arcas da literatura pátria.

O mimoso livrinho impresso nas oficinas a vapor dos srs. Rosenhain e Moyer, em São Paulo, prima, não só pela confecção tipográfica, que não pode ser mais caprichosa e artística, como pelas preciosidades que enfeixa.

Esses dezoito sonetos se nos afiguram um punhado de estrelas refulgentes, numa nesga de céu primaveral, luminosamente azul...

Lemo-los dum só fôlego, com o interesse que sempre nos despertam as produções do simpático poeta goiano... Lemo-los e relemo-los com entusiasmo sempre crescente, e tão profunda e grata impressão gravaram em nosso espírito, que muitos deles ficaram a ressoar dentro de noss'alma, harmoniosamente como uma inefável música sacra na nave silente e ampla duma catedral...

Desde os nossos verdes anos que conhecemos o autor dos Versos Diversos. Foi lá na poética capital goiana, na encantadora cidade banhada pelas águas de prata do murmuro Rio Vermelho e circundada de montanhas aspérrimas, cada qual mais alterosa, cada qual de perfil mais belo e capri-

choso, rebentos da majestosa Serra Dourada, que tivemos o prazer de vê-lo a vez primeira, ocasião em que escrevia versos satíricos numa seção humorística do Estado de Goyaz, de propriedade do cônego Ignacio Xavier da Silva, talvez o melhor periódico que já teve o nosso Estado.

Criança ainda, as suas produções literárias já revelavam o papel saliente que teria de representar mais tarde na literatura pátria.

Todos lhe admiravam o precoce e promissor talento poético. Quantas vezes Carvalho Ramos¹⁸⁰, o fecundo cantor d'Os Gênios, da Goiânia e da Epopéia de 1º de Junho, o adorável e erudito Carvalho Ramos, não nos dissera em palestra íntima que, apesar de adversário de Ygino Rodrigues, admirava-lhe o másculo talento poético, fadado para futuras glórias.

Pobre e desprotegido em sua terra natal, o jovem e mavioso poeta dos Versos Diversos, o exímio cultor da divina arte de Apolo, há muito que vive no exílio, ora aqui, ora ali, sempre em luta pela vida, tragando sempre o fel acre das amarguras.

Como todos os homens de cerebração privilegiada, o poeta goiano é, na mais lata acepção dos termos, um desorientado e um leviano. Se um tico-tico, seja-nos permitida a comparação, lhe almoçasse o juízo, se juízo fosse coisa que se prestasse à refeição de tico-ticos, estamos certos de que o modesto e sóbrio animalzinho ficaria em jejum; mas, em compensação, como todos os sonhadores, como todos aqueles cujo espírito paira lá na esfera azul e luminosa das ilusões, possui um coração de ouro – arca santa onde se aninha todo o bando azul dos sentimentos afetivos...

Hoje está de tenda assentada lá na Franca, onde, se-

180 Trata-se do poeta Manuel Lopes de Carvalho Ramos (1864-1911), pai dos escritores Victor e Hugo de Carvalho Ramos.

gundo consta, acaba de contrair núpcias. A culta sociedade paulista, se é que o adorável boêmio goiano ainda não passou por uma transformação radical, deve relevar-lhe as leviandades, tendo sempre em consideração que é um talento digno das homenagens dum meio que se recomenda pela cultura intelectual.

Entediados com a leitura dessas baboseiras com o rótulo de Versos que pululam como cogumelos, numa febre inexplicável de publicidade, nas gazetas e nos livros, assinadas por indivíduos que entendem que lira e picareta são uma e a mesma coisa, que tendo nascido para domadores de burro se julgam com o direito de cavalgar o árdego e esquivo Pégaso, como se fosse o alado cavalo das musas um sendeiro de carroça, - imenso foi o nosso prazer, quando percorremos as vistas pelas dezoito encantadoras páginas do mimoso livrinho de Ygino Rodrigues.

Bem-vindos os Versos Diversos, cuja leitura nos varreu d'alma, como um forte jato de luz radiosa, as sombras do desgosto e do tédio¹⁸¹...

Ricardo Paranhos¹⁸²
Do Goyaz e Minas

2. Poeta Morto

Foi em 1903 a última vez que o vi.

181 PARANHOS, Ricardo. "Versos diversos". **Cidade da Franca**, 15.6.1905

182 Ricardo Paranhos (1866-1941), poeta, é de Catalão, GO.

Estava muito magro, o rosto socavado, coberto de um livor esverdeado e os olhos com um brilho sinistro.

Como sempre ébrio, bastante ébrio e falando caver-nosamente, arrastando as palavras.

Devia restar-lhe pouco dos pulmões, que grande parte já havia deitado pela boca – foram tantas as hemoptises!

Mesmo assim, não cessava de falar, quase sempre a sós, com gestos desordenados.

Fazia-lhe mal aquele excesso, ele mesmo o sentia, ar-fando de cansaço, tossindo a cada frase.

Essa derradeira vez que o encontrei foi num restau-rante, tomando aguardente aos copos, sua bebida predileta, a branquinha, como ele a apelidava, longe dos fregueses, num canto, solitário e abandonado das gentes.

Atraiu-me a atenção sua voz estragada e a tosse que, nesse dia, vinha em acessos desesperados.

Não o reconheci logo, a tísica devastara-lhe horrivel-mente o físico e transformação acentuada se fizera na sua fisionomia.

Foi mister recorrer ao garçom, um italianozito que es-corchava a língua com barbarismos e solicismos.

Custei a apanhar-lhe dos lábios o nome pedido, en-quanto que embriago, vagabondo e outros epítetos saíam-lhe com todas as sílabas, espevitadamente.

O Higino! Infeliz boêmio! como está acabado! exclamei, dirigindo-me para ele.

Já não me conhecia; o álcool havia anuviado aquela memória prodigiosa.

Além disso, era corrido muito tempo que não nos ví-amos, dez anos talvez, talvez mais: fora ali por 93 ou 94, quando viera desse Goiás tropical, trazendo o cérebro ar-dendo em fantasias e o coração aflorado de esperanças, fan-tasias, falenas doiradas que espalhara a mãos cheias numa

prodigalidade nababesca por jornais e folhetos; esperanças, minaretes aurilavrados erguidos nos seus sonhos de poeta e desfeitos ao sopro das desilusões, amontoadas dolorosamente sobre a sua alma sensitiva e boa.

Não lhe foi fácil reconhecer-me; só o conseguiu depois de reconstruir-lhe uma página do passado, querida para nós ambos.

Levantou-se então, cambaleante, arrastando cadeiras, quebrando copos, e veio para mim abrindo os braços esqueléticos e compridos. Apertei-o num abraço carinhoso, sentindo no rosto o bafo quente e cheirando a aguardente de sua boca.

Depois, afastando-se um pouco, disse-me com aquela sem cerimônia que lhe afugentara os amigos:

“Passa-me uma de cinco aí, é para o vício”.

Dei-lha.

“Agora, para que não me acoimes de filante, retorquiu, leva isto que nada vale”.

Eram dois folhetos – “Dinamites” e “Flores do Deserto”, que ele trazia sempre no bolso do casaco ensebado e puído nos cotovelos para impingir, como dizia, ao burguês e sustentar o vício.

Agradei. Quis palestrar com ele, saber de sua vida; foi impossível, estava intolerável e banalíssimo. Deixei-o, penalizado de seu estado, de sua saúde, certo de que não o tornaria a ver.

Viveu ainda bastante; a enfermidade foi cruelíssima poupando àquela vida dois anos mais, vindo a morrer por uma manhã invernosa, triste, sem um gazilar de pássaro, sem um raio de sol, num hospital, onde lhe cerraram as pálpebras para a “grande viagem” as mãos fidalgamente mimosas de uma irmã de caridade.

Hoje, revendo velhos papéis, deparam-se-me os dois

folhetos e me lembrei, saudoso, do Higino Rodrigues.

Reli-os; primeiro, As Dinamites, uma versalhada revolucionária, escrita sobre os joelhos, cheia de adjetivos vermelhos, com rimas explosivas no fim de cada verso. Deviam ser mesmo assim aquelas estrofes, eram dedicadas à memória de Floriano, o super-homem, por quem ele tinha uma admiração fanática.

Depois, as Flores do Deserto, de um lirismo plácido, repleto de sua alma apaixonada e já descrente.

Fez-me mal a leitura dos últimos versos, porque neles ouvi as inspirações do vencido, senti o soluçar do abandonado, a par das blasfêmias berrantes do que passara cantando sem ser compreendido pelos de sua época.

E ele foi tudo isto, e no entanto possuía um talento formoso servido por um cérebro ardente e fecundo, que os vapores alcoólicos aniquilaram, mais a descrença no futuro e o indiferentismo dos seus contemporâneos.

Seria o maioral dos poetas da terra que o legendário Anhanguera descobriu, se a sua inteligência encantadoramente fantasista dispusesse de uma vontade poderosa que lhe tivesse evitado a queda na voragem dos vícios.

Ainda assim ele está na vanguarda dessa plêiade de bardos goianos da antiga e atual gerações e versos como estes, vibrados pelo seu pentacórdio, agora emudecido, hão de por força ganhar a posteridade, porque não empalidecem ao lado das mais mimosas produções do parnaso brasileiro:

A Pinta Preta

A pinta preta que tu tens no rosto
É uma pinta mimosa e tão pequena
Que te dá mais encanto e mais amena
Graça, qual nuvem leve em céu de agosto.

Faz um soldado abandonar seu posto,
Faz queimar-se na luz uma falena,
Invejam os anjos da mansão serena
A pinta preta que tu tens no rosto.

E eu imagino até, bela menina,
Que Deus de ti, um dia, enamorou-se
E chorou de pesar e de desgosto...

Chorou... e a branca lágrima divina,
Gota do céu, caindo, transformou-se
Na pinta preta que tu tens no rosto...

E no entanto quem escreveu estes delicados carmes, repassados de um lirismo tão suave, jaz, confundido entre as valas comuns de um cemitério paulista, talvez sem ter o seu nome num braço de cruz protetora, assinalando a sua última morada.

Foi um desgraçado na vida! Quem sabe se não será um esquecido na morte! (*Revista Oeste, Goiás, v.3, n. 14, p. 33, mar. 1944. Traz a seguinte nota: Quintiliano Jardim, que subscreve o artigo "Poeta morto", se enquadra no rol dos lídimos valores da intelectualidade do Brasil Central. Príncipe dos jornalistas triangulinos, poeta inspirado, diretor de "Lavoura e Comércio", diretor da rádio-emissora de Uberaba, Quintiliano Jardim consagrou a sua existência aos altos misteres da inteligência e apresenta, hoje, um farnel de amplísimos serviços prestados a toda a região do interior brasileiro. Goiás, principalmente, muito lhe deve pela defesa de seus interesses, que incessantemente tem feito pelas colunas de seu vitorioso diário. O artigo "Poeta Morto", que honra esta revista, sobre um poeta goiano, tão inspirado e tão infeliz, foi escrito em novembro de 1908 e*

publicado na revista "A Instrução", que então se editava em Uberaba, da qual era redator um poeta goiano: Arlindo Costa.).

Quintiliano Jardim

3. Hygino Rodrigues 1869 – 1903

Poeta nascido em Goiás no ano de 1869. Filho de família humilde, mas dotado de rara inteligência, Hygino estudou sozinho o curso primário ingressando no secundário aos quinze anos de idade, após brilhante exame. Terminando o curso no Liceu de Goiaz o poeta tornou-se soldado do Exército. Desgostoso, mais tarde abandonou a carreira das armas e retirou-se de Goiás. Desde então a sua vida tornou-se um martírio contínuo. Perseguido por cruel moléstia esteve em Uberaba, Minas, em 1896, seguindo depois para Franca, em São Paulo, onde veio a falecer a 20 de novembro de 1903.

Obras

Hygino Rodrigues foi um revoltado. Doía-lhe nalma a hipocrisia da sociedade. Pelos seus versos notamos bem a profunda tristeza, ocasionada, talvez, pela moléstia que tão cedo o levou.

Suas obras foram publicadas pela Tipografia Jardim, em Uberaba, de propriedade do sr. Quintiliano Jardim.

São elas, entre dezenas de artigos e poesias espalha-

das nos jornais de Goiás e de Minas:

Flores do Deserto – poesias - cheias de lirismo.

Pampeiros – poesias - também cheias de lirismo.

Dinamites – poesias – como o nome indica, neste volume o poeta fulmina a sociedade, as religiões, os costumes e os preconceitos. Foi o seu último livro. A poesia que estampamos sob o título “Lembrança” o poeta a compôs no leito mortuário em memória de um seu amigo de infância residente em Goiás¹⁸³.

Veiga Netto

4. Higinio Rodrigues

Que agradáveis momentos me propiciou, em um dia destes, à noite, o meu assíduo companheiro de jornal, José do Nascimento!

Estava em casa a passar a vista sobre os jornais, quando aparece no desvão da porta o Nascimento, exclamando naquele tom muito seu: Olá Celestino, então está saboreando as notícias lá de baixo, não é mesmo?!

Entregou-me ele uma folha lá de sua amada terra – O Francano – que traz um artigo de sua pena comentando a poesia goiana e referindo-se especialmente aos brilhantes poetas Xavier Junior e Guilherme Xavier. Abordou, também, a minha poesia, mais por liberalidade de sua parte do que por merecimento da minha, pois sei que estou muito longe de poder figurar ao lado daqueles grandes beletristas

183 Veiga Netto. Antologia Goiana, 1943

goianos. Enfim, são coisas de coração amigo.

Como já disse, fiquei a ouvir o jornalista dissertando sobre a sua vida atribulada, ora vivida sob a influência bucólica das paisagens agrestes de nossas fazendas, ora exercitada no bulicício da cidade, sempre às voltas com a meninada que vê nele um grande amigo e mestre. E não são só os meninos que crêem no Nascimento, já se formou uma crença, uma lenda mesmo sobre a maneira daquele educador ensinar, chegando a ponto de muitos fazendeiros transferirem residência para a cidade a fim de que seus filhos participem das aulas do mestre.

Depois de falar sobre as coisas do nosso meio, transportou-se para as de sua terra, relatando-me episódios da vida de Higino Rodrigues a quem tanto admira. Narrou-me como foi escrito o primoroso soneto “A Pinta Preta”. Próximo à casa onde residia o poeta havia um botequim cujo proprietário tinha uma filha muito bonita, com uma pintinha preta a enfeitar-lhe as faces rosadas.

Se não me engano, chamava-se ela – Joaninha. Um belo dia chega o boêmio à venda e lá encontra sozinha a moça que lhe pede: você precisa fazer uns versos para mim. Pois não, menina. Ponha aí um trago de caninha para mim. Joaninha serviu-lhe um cálice de pinga amarelinha, ainda com um rosário de bolhas nas bordas, como a mostrar que era boa mesmo.

O poeta olhando o cálice sobre a mesa, pediu: Traga um pedaço de papel! Foi-lhe dado um pedaço de papel de embrulho. Fitando, ora as faces da moça, ora a dose de pinga, o poeta de um jato escreveu o magnífico soneto: A Pinta Preta que tu tens no rosto. Esplêndida obra prima.

Assim é que ele escrevia; de uma só vez, como esses médiuns psicógrafos.

Com esse e outros fatos da vida do poeta goiano, o

Nascimento me distraiu por mais de uma hora. Fiquei pesadoso quando ele anunciou que se ia.

Ao despedir-me do jornalista à porta da rua, pensei comigo: o homem conversa como escreve. Que palestra admirável¹⁸⁴!

Celestino Filho

Transcrito do jornal "O Liberal" de Morrinhos, Goiás

5. Ygino Rodrigues (o poeta esquecido)

Ygino Rodrigues é o poeta esquecido da Franca. Goiano de nascimento, para aqui veio na flor da mocidade, aqui viveu seus dias de poesia e de lirismo e aqui morreu. No cemitério de Franca se encontra o seu túmulo, e a lápide, expressiva homenagem da Franca, mostra ao povo quem foi o vate que tão cedo desapareceu dentre os vivos. Livros publicados, versos do mais puro lirismo, ou então sarcásticos, irônicos sempre demonstraram o espírito inquieto do grande poeta, hoje tão esquecido que a nova geração pouco conhece até seu nome. Boêmio, sem qualquer apego aos preconceitos, Ygino Rodrigues viveu, por assim dizer, no doce aconchego da Musa. Escreveu versos a torto-e-direito, sem jamais preocupar-se com outra coisa que não fosse poesia. A tudo e a todos respondia em versos. Se da alma lhe brotavam jóias literárias como "A Pinta Preta", "Ato de Contrição", "Via Crucis", também o verso jocoso e irreverente era a sua arma nos ataques aos seus adversários.

184 **O Francano**, 1.7.1951. O autor é Pedro Celestino da Silva Filho, nascido em Corumbaíba, em 1915.

Em versos brigou com muita gente em Franca e a todos tinha respostas ritmadas desconcertantes. Brigou com o intendente Álvaro Abranches, brigou com o gaúcho Sabino Loureiro, brigou com muitos, mas as suas respostas aos ataques eram sempre com versos. Bendito seria o mundo se, para os tapas as respostas seriam com flores!

Um dia, lá pelo ano de 1904, o Intendente da Franca, o jornalista-prefeito Álvaro Abranches, invadiu-lhe a casa. Ygino Rodrigues protestou em versos, desta forma:

Eu e o Sr. intendente

*O intendente assaltou, feroz e duro,
A minha casa, vindo pela frente,
Enquanto sua esposa, sutilmente,
Entrou pelo quintal, saltando um muro!*

*Ninguém pode dizer que está seguro
Hoje na Franca! O "Pau" ameaça a gente
Sob esta ditadura do intendente
Que ora faz da política um monturo!*

*Pois compromete os brios do partido,
Da imprensa atira à lama a honestidade,
Bras-dessus, bras-dessous com Seu Cardoso;
Em minha própria casa perseguido,*

*Para quem apelar? Esta cidade
É sertão inda do "Capim Mimoso"?*

Brigando com Sabino Loureiro, o poeta gaúcho, naquele tempo professor municipal e que vivia em boa paz com o situacionismo, Ygino escrevia-lhe os seguintes versos:

Resposta a Uruguaiano Brasiliense

*Alma de lodo, coração de hiena,
Perfil de Jano e Jano até na fala,
De náusea até a viração se cala
Quando tu passas, tipo de Perpena!*

*Jamais busquei no anonimato a amena
Sombra para ferir como uma bala
Traíçoeira. És só fidalgo na senzala,
Como mostrado tens com tua pena!*

*Que mal já te fiz eu para comprares
Questões alheias? Vindo com teus ares
De fanfarrão estás cumprindo uma ordem?*

*És mesmo uruguaiano e não Brasília,
Nem a gramática do próprio Abílio
Sabes, adulando outros que me mordem!*

Mas são dele também estes versos de dor e de angústia:

Dor e desprezo

*Eu tenho nojo e horror desta vil horda
Que só me pede escritos para a imprensa
E nada... nada dá-me em recompensa,
Só me of'rece o punhal, o tiro e a corda!*

*Mesmo que vejam-me do abismo à borda,
Sofrendo o horror da inf'licidade intensa,
Porque minha alma livre não incensa,
Bezerros d'ouro, ela jamais acorda!*

*Não acorda p'ra ouvir meus ais, meu treno,
E enquanto a Dor propina-me um veneno
Sempre, nenhum prazer minha alma aquece;*

*Vingo-me, desprezando essa horda à toa,
Bebendo pinga, seja ruim ou boa,
Que não bebe por gosto quem padece!*

E ao final, nesta homenagem ao poeta esquecido, o seu maravilhoso

Ato de Contrição

*Eu sei que Deus é bom, que é infinito
Há de lenir-me o sofrimento em breve,
Hei de ficar mais puro que a neve,
Pelo perdão que peço-lhe contrito.*

*Eu sei que Deus escuta a voz do aflito,
Violar o seu poder ninguém se atreve;
Minh'alma há de subir qual pena leve,
Pois eu creio em Jesus e em seu rito.*

*Arranca-me Senhor deste planeta,
Onde arrasto duríssima grillheta,
Onde em seis lustros quase não vivi.*

*Dá-me forças no transe derradeiro,
Como as tiveste embaixo do madeiro.
Dá-me coragem para chegar a Ti¹⁸⁵!*

José Chiachiri

185 Chiachiri, José. "Ygino Rodrigues, o poeta esquecido". Vilafranca, n. 16, jun. 1960

6.

Contemporâneo de Félix de Bulhões, houve outros poetas, que embora não tendo a mesma participação política e literária, alguma coisa de positivo fizeram para o início de nossas letras. Alguns nem chegaram a deixar livros publicados. Outros, como YGINO RODRIGUES, Goiás (1869-1906), conseguiram chegar até nossos dias, sendo alguns de seus versos ainda hoje lembrados. Tendo tido uma existência atribulada, com muitas privações, veio acabar os seus dias numa Casa de Misericórdia, em Franca, São Paulo. Sobre ele escreveu Veiga Neto: “Hygino Rodrigues foi um revoltado. Doía-lhe nalma a hipocrisia da sociedade. Pelos seus versos notamos bem a profunda tristeza, ocasionada, talvez, pela moléstia que tão cedo o levou.” Além de poesias que ficaram esparsas, as mais das vezes satíricas, e dos artigos que ficaram em jornais do Triângulo Mineiro, sabemos que Ygino deixou-nos vários livros: Dinamites, Trinos e Trens, Versos Diversos, Pampeiros e Flores do Deserto, quase todos publicados pela Tipografia Jardim, em Uberaba. Não pudemos conseguir a data em que foram publicados, possivelmente na última década do século passado. A sua poesia, tocada às vezes de certo lirismo ingênuo, é quase sempre impregnada de um tom brincalhão, revelando no amor aos heróis e às potências espirituais, uma provável leitura dos poetas naturalistas. Tinha mesmo um certo gosto pelos temas filosóficos, escrevendo versos como:

O racionalismo galopa incendiário

Buscando a Luz que a nós se esconde além das lousas,

em que, ao lado do vocabulário romântico, vão-se alinhan-

do as idéias realistas que já começam a infiltrar-se na literatura goiana. Sua linguagem, sob o ponto de vista gramatical ou estilístico, não foi das mais corretas, no que de certo modo se identificava com alguns dos poetas românticos. Ygino Rodrigues é, como Félix de Bulhões, mais conhecido por um ou dois poemas, permanecendo a maior parte de sua obra completamente desconhecida. Os seus livros já não se encontram mais. Mesmo em Franca, onde faleceu, ninguém os possui, mas todos se lembram, com simpatia, do “malogrado poeta goiano”. Conta-se que aos trinta anos desposou uma viúva rica, de sessenta e cheia de filhos, os quais vieram a impedi-la de viver em companhia do poeta, enxotando-o de casa. Ygino era, entretanto, um tipo popular, respeitado e admirado pelo seu talento poético. As informações sobre ele são hoje raríssimas, fato que nos leva a transcrever as que conseguimos recolher. A mais importante, talvez, é a que se encontra no Cemitério da Saudade, em Franca, SP. Ao lado direito de quem entra existe o túmulo do poeta. Simples e sóbrio, encimado por uma coluna de mármore branco, em que se encontra um livro aberto, com o seguinte epitáfio, que acreditamos sejam dois de seus próprios versos:

Passou sobre a terra
Cantando e sofrendo.

Logo abaixo vem a frase latina – Ex tumulo vita. Na lápide, gravada a inscrição:

“Repousam aqui os despojos do malogrado poeta goiano Ygino Rodrigues. Tombou, sobraçando a lira, ainda na primavera da vida e legando às letras pátrias o fruto do seu estro – Tributo do povo de Franca”.

E, ao lado, rodeando a lápide, em alto relevo, os livros acima mencionados. No Almanaque de Franca, publicado em 1912, aparece também um artigo do professor Honório Guimarães, de Uberlândia, revelando-nos um aspecto da personalidade do autor de “A Pinta Preta”. Ei-lo na íntegra:

“Quem na bela Franca não se lembra do Ygino Rodrigues, tão esquisito quanto genial, esquisito ao ponto de subtrair ao nome a letra inicial e genial até a concepção de Filósofo e Boêmio./ Era goiano o desventurado poeta cujos restos mortais a minha terra guarda com respeito e carinho, num sepulcro que os francanos lhe mandaram erguer./ **A Princesa do Oeste Paulista** foi a pátria adotiva do grande vate, nos seus últimos anos de existência consagrados à intimidade dos seus inúmeros admiradores, que era toda uma população./ Como poeta, Ygino foi e é o que a crítica, a mais severa, já disse – um gênio artístico, uma superior organização de espírito, bardo eloqüente dado às canções patrióticas, numa lira de heroísmo que lhe valeu a consagração dos Dynamites e Pampeiros e outros volumes hoje, mais do que nunca, bem dispostos e bem guardados nas estantes dos letrados./ Como boêmio, Ygino tinha partidas que valiam um tesouro. Sabia cavar e cavava com tanta habilidade, que a vítima sangrava sem sentir nem resistir./ Lembro-me de uma dele, que o correr da pena só permite referir de leve. Certa vez, na estação de Franca, eu desembarcava e comigo, do mesmo carro, um coronel, fazendeiro respeitável, que o Ygino abordou com as **Flores do Deserto** à mão:/ - Meus respeitos, coronel, boa saúde, Minha Senhora.../ - Não, sô Ygino, eu desta vez não fico... de outra sim... Nem dinheiro trocado.../ - Perdão, coronel, quero apenas oferecer-lhe de presente um exemplar do meu novo trabalho, modesta prova de estima com que poderia retribuir a sua proteção aos outros meus livros... Faça o favor de acei-

tar.../ - Obrigado. E o coronel, triunfante em se livrar da facada, abotoou o jaquetão comprido, em cujo interno e externo bolso guardara o livro do poeta./ - Coronel, concluiu modestamente o Ygino, em tom de comover, tenho fome e quero que me empreste cinco pelo amor de Deus e de seus filhos.../ Não preciso dizer que o fazendeiro, apertado no meio de gente que enchia a plataforma, amigos que o cercavam, meteu a mão no bolso, sacou do lenço o bolo de notas e escorregou para o gentil poeta uma pelega de 5\$000... E após, o boêmio dava-lhe as costas, tomando a direção de um quiosque.../ Vai para cinco anos, se não me trai a memória, o Ygino Rodrigues, tuberculoso, magro e triste, agonizava num leito da casa de misericórdia de Franca, onde lhe chegavam os recursos mandados pelos amigos e pela esposa – uma senhora que o amava santamente e muito”.

Como este artigo foi escrito em 28 de abril de 1911, podemos datar a morte do poeta entre 1905 e 1906, e não em 1903, como o fez Veiga Netto, na Antologia Goiana. A sua morte repercutiu entre os nossos escritores e Augusto Rios, em Bouquet, dedicou-lhe uma sentida “Nênia”. Na revista Vilafranca, número 16, de julho de 1960, José Chiachiri, diretor do Museu de Franca, escreveu uma bela página sobre Ygino Rodrigues, informando que “escreveu versos a torto e a direito, sem jamais preocupar-se com outra coisa que não fosse poesia...” E acrescenta:

A tudo e a todos respondia em versos. Se da alma lhe brotavam jóias literárias como “A Pinta Preta”, “Ato de Contrição”, “Via Crucis”, também o verso jocosos e irreverente era a sua arma nos ataques aos seus adversários. Em versos brigou com muita gente em Franca e a todos tinha respostas ritmadas desconcertantes. Brigou com o intendente Álvaro Abranches, brigou com o gaúcho Sabino Loureiro, brigou com muitos, mas as suas respostas aos ataques eram sempre

com versos. Bendito seria o mundo se, para os tapas as respostas seriam com flores!

Um dia, lá pelo ano de 1904, o Intendente da Franca, o jornalista-prefeito Álvaro Abranches, invadiu-lhe a casa. Ygino Rodrigues protestou em versos, desta forma:

Eu e o Sr. intendente

O intendente assaltou, feroz e duro,
A minha casa, vindo pela frente,
Enquanto sua esposa, sutilmente,
Entrou pelo quintal, saltando um muro!

Ninguém pode dizer que está seguro
Hoje na Franca! O “Pau” ameaça a gente
Sob esta ditadura do intendente
Que ora faz da política um monturo!

Pois compromete os brios do partido,
Da imprensa atira à lama a honestidade,
Bras-dessus, bras-dessous com Seu Cardoso;

Em minha própria casa perseguido,
Para quem apelar? Esta cidade
É sertão inda do “Capim Mimoso”?

Mais adiante José Chiachiri cita a resposta ao poeta gaúcho, Sabino Loureiro, chamando-o de Jano e lhe criticando inclusive o estilo, como se pode ver no último terceiro:

És mesmo uruguaiano e não Brasília,
Nem a gramática do próprio Abílio
Sabes, adulando outros que me mordem!

Não perde também a vasa em criticar os jornais da época que, tal como ainda hoje (a não ser nas grandes cidades), teimam em receber publicações sem a preocupação da recompensa pelo trabalho intelectual:

Eu tenho nojo e horror desta vil horda
Que só me pede escritos para a imprensa
E nada... nada dá-me em recompensa,
Só me of'rece o punhal, o tiro e a corda!

Deste modo, vê-se que Ygino Rodrigues, apesar do seu descuido formal, era um poeta com muito de humano e trágico e que procurava fazer de sua poesia um instrumento direto de atuação no seu meio social. Apesar de viver fora de Goiás, é um poeta nosso e cuja obra – numerosa para a época – nada fica a dever à de Félix de Bulhões¹⁸⁶.

Gilberto Mendonça Teles

7.

“... destacaríamos apenas Higinio Rodrigues e Manoel Lopes de Carvalho Ramos, constituindo e sustentando, com o dito Félix de Bulhões, o tripé do ciclo histórico do Goiás-Império, no setor cultural da poesia. Higinio, de obras desaparecidas (“Dinamites”, “Trinos e Trenos”, “Versos Diversos”, “Pampeiros”, “Flores do Deserto”), passagem romântico-naturalista, despreensão formal, talvez nos lembresse a observação de Henri Lefreve (“Metaphilosophie”),

¹⁸⁶ TELES, Gilberto Mendonça. A poesia em Goiás: estudo/antologia, 1964; segunda edição, 1983

de que o mundo reúne o técnico, o mimético e o poético, e este último é necessário para se evitar a robotização do homem pelo homem, advinda da mimésis da técnica, - daí o núcleo social da inspiração desse poeta”¹⁸⁷.

Jerônimo Geraldo de Queiroz

8. Higinio Alves Rodrigues

1872 – Filho de Salvador José Venâncio e de dona Luísa Alves Barbosa nasce na cidade de Goiás. 1879 – Sob a proteção de seu padrinho – Tomás Fonseca, inicia o primário. 1884 – Ingressa no Liceu, onde ostenta inteligência incomum. 1887 – Começa a versejar. – Em setembro assina, com outros colegas, uma representação dirigida ao Presidente da Província, solicitando a revogação de Ato que punha em vigor o Regulamento da Instrução Pública de 1886. 1888 – Inscreve-se nos preparatórios de Português, Francês, Aritmética e Inglês, após terminar o Liceu. 1889 – Voluntariamente, assenta praça no 20 de Infantaria e requer a Escola Militar. 1890 – É submetido a exame físico e intelectual. Não alcançando vaga no mencionado educandário, permanece no 20 como cabo de esquadra, ingressando então na boemia. 1891 – Dá baixa no Exército. 1892/93 – Colabora ativamente na “Gazeta de Goiás” de monsenhor Inácio Xavier da Silva. 1894 – Muda-se para Uberaba, passando, em seguida, para São Paulo e Rio de Janeiro, onde trabalha como redator do “Nacional”. Volve a S. Paulo, indo fixar-se em Franca. 1904 – A 10 de fevereiro casa-se em Franca, conforme certidão abaixo, passada no Cartório Civil de

187 QUEIROZ, Jerônimo Geraldo de. Evolução cultural de Goiás, 1970

Pessoas Naturais: “Certifico que, sob nº 1.575, às fls. 194 do livro “B”, nº 4, de casamentos, consta o assentamento de Higino Alves Rodrigues e dona Maria Teresa Espíndola, contraído perante o M. Juiz de Casamentos, cidadão Firmo Augusto Ulhoa Cintra, em 10 de fevereiro de 1904, sendo o contraente jornalista, com 32 anos de idade, natural da Capital de Goiás, domiciliado e residente nesta cidade, filho de Salvador José Venâncio e de dona Luísa Alves Barbosa, a contraente proprietária, viúva, com 45 anos de idade, natural desta cidade, onde é domiciliada e residente, filha de Tomás José da Costa e de dona Luísa da Conceição...” – Nota do “Lavoura e Comércio”, de Uberaba, em outubro: “Acha-se há dias nesta cidade o talentoso publicista Higino Rodrigues, que nos deu o prazer de sua visita. S.S^a vem a esta terra a fim de angariar assinaturas para a publicação de seu romance Justiça Reta”. 1907 – A 3 de julho falece na Santa Casa de Franca, vitimado por tuberculose pulmonar, estando o óbito registrado sob nº 4.420, fl. 97, livro C-5.

Outras Informações

O povo francano erigiu-lhe um belo mausoléu, com a seguinte inscrição: “Repousam aqui os despojos do malogrado poeta goiano HIGINO RODRIGUES. Tombou sobraçando a lira, ainda na primavera da vida e legando às letras pátrias o fruto de seu estro – tributo do povo de Franca”. Ainda aparecem no túmulo os títulos de suas obras: Pampeiro – Dinamites – Flores do Deserto – Trinos e Trenos e Versos Diversos.

Auto-retrato, em versos:

Aos doze anos amei e fui traído,
Aos quinze comecei de poeta o fado;
Chego aos dezoito... e fiz-me então soldado...
Aos vinte e três já era um foragido.

E do destino sempre perseguido,
Vivendo sempre a amar sem ser amado,
Agora aos trinta e dois eis-me chegado
E inda não sei p'ra que fui eu nascido!

E se do amor jamais banhou-me a espuma,
Fortuna nunca achei em parte alguma...
Não tenho amigos, nem do 'arame' a luz!...

E contudo o meu nome faz estrondo!
Serei muito feliz inda transpondo
Os trinta e três, a idade de Jesus!

Apreciações

a. De Honório Guimarães: "... Como poeta Higino foi e é o que a crítica, a mais severa, já disse – um gênio artístico, uma superior organização de espírito, bardo eloquente dado às canções patrióticas..."

b. De Eduardo Artur Sócrates: "Não são muitos os filhos de Goiás que se têm dedicado às letras com sucesso imediato, por isso é lastimável vê-los cair feridos pela morte implacável. A morte de hoje é do talentoso poeta e jornalista de fibra, Higino Rodrigues, um rapaz nascido na roça, de pais modestos e cujo talento desabrochou à sombra da

proteção de seu padrinho, o finado capitão Tomás Fonseca. Desde a escola primária Higino revelou a sua brilhante inteligência, que fulgurou no Liceu, onde foi dos mais distintos alunos.

Por escassez de meios, não pode prosseguir os seus estudos tão bem iniciados e entrou na vida prática, brandindo a sua pena máscula.

Deixou seu Estado e veio para São Paulo, donde partiu mais tarde para esta Capital (Rio) a incorporar-se à redação do “Nacional”, dirigido por Aníbal Mascarenhas, Lindolfo Azevedo e Henrique Câncio. Tornou depois a São Paulo onde teve vida agitada. Pela enfermidade que lhe destruiu o organismo, baqueou Higino Rodrigues aos golpes do infortúnio, mas deixando de seu grande talento expressivas provas...”

Humberto Crispim Borges

Retrato da Academia Goiana de Letras, 1977

9.

HIGINO ALVES RODRIGUES (Ygino Rodrigues), Goiano, de Goiás Velho, 1869, escreveu, entre outros, “FLORES DO DESERTO”, “DINAMITES”, “PAMPEIROS”, viveu em Uberaba e Franca, Jornalista, Militar, um dos patronos na Academia Goiana de Letras, presente em várias antologias de poesia e prosa, verbete do livro **RETRATO DA ACADEMIA GOIANA DE LETRAS**, de Humberto Crispim Borges e na **ANTOLOGIA GOIANA**, de José da Veiga Jardim Netto, bem como na **SÚMULA DA LITERATURA GOIANA**, de Augusto Goyano e Álva-

ro Catelan, em A POESIA EM GOIÁS, de Gilberto Mendonça Teles.

Mário Ribeiro Martins

Estudos literários de autores goianos, 1995

10. Ygino Rodrigues (1869 – 1906)

Veiga Netto ainda grafa Hygino Rodrigues, mas foi o próprio poeta quem eliminou a letra inicial do seu nome, ficando controvertida, no entanto, a data de sua morte, se 1903, 1906 ou 1907. Para a Enciclopédia de literatura brasileira, o poeta morreu neste último ano e teria nascido em 1872 e não 1869. Pelo fato de seus livros terem desaparecido misteriosamente, a cronologia de sua vida ficou algo tumultuada e seus poemas sendo apenas recolhidos de antologias e publicações avulsas.

Hygino Alves Rodrigues nasceu em Goiás, dizem que estudou sozinho o curso primário e aos quinze anos estava matriculado no ginásio no Lyceu de Goiaz, “após brilhante exame”. Era a hora de servir ao Exército e o poeta torna-se soldado aos dezoito anos, como lembra num soneto. “Aos vinte e três já era um foragido”, sentindo-se perseguido pelo destino, que o marcará, finalmente, “por cruel moléstia”, que o matará antes dos quarenta anos.

A “moléstia que tão cedo o levou” nunca é referida diretamente pelos seus econômicos biógrafos. Mas se sabe que ele, no começo do século XX, está residindo em Franca, São Paulo, após uma estada em Uberaba, Minas Ge-

rais. Na cidade paulista chegou a ter certa notoriedade como poeta, “tão esquisito quanto genial”. Pois “a pátria adotiva do grande vate” ergueu-lhe um túmulo com lápide e tudo.

De que vivia Ygino Rodrigues? Parece que de vender seus livros, todos impressos pelo Sr. Quintiliano Jardim, de Uberaba, e de algumas “fachadas” jocosamente aplicadas, pois, a despeito da vida dramática que levava, era meio brincalhão, o que deixa às vezes transparecer em sua poesia. Poesia lírica, romântica, com a veemência do discurso nacionalista de seus pares da época.

Já internado, tuberculoso, numa Casa de Misericórdia, de Franca, recebia também ajuda “de uma senhora que o amava santamente e muito”, como lembra Honório Guimarães. É que o poeta tinha se casado com uma viúva rica, muito mais velha e cheia de filhos, que terminaram por enxotá-lo de casa.

Francisco de Assis Almeida Brasil

A Poesia goiana no século XX: antologia, 1997

11. O malgrado poeta goiano

O título está no epitáfio do túmulo de Ygino Rodrigues (na cidade de Franca, a Princesa do Oeste Paulista), que viveu apenas 37 anos (1869-1906).

O que acontece é que estou respondendo a uma carta que vai ter o seu aniversário agora, no dia 18, do admirador e estudioso de Ygino Rodrigues, o juiz de Direito aposentado Carlos Alberto Bastos de Matos, residente na velha Villa de Franca do Imperador.

Na carta ele diz que pretende escrever alguma coisa

sobre o poeta goiano, que lá se aportou em 1895 (ou 96), onde viveu, atribuladamente, seus últimos anos de vida, sempre revoltado contra a hipocrisia da sociedade. Diz que já recolheu todas as suas poesias publicadas nos jornais francanos, nos primeiros anos do século 20. Também já levantou os processos-crime nos quais se envolveu o poeta. Deseja salvar, do esquecimento, grandes poesias, algumas excepcionais.

Vou enviar-lhe os dados principais de três livros importantes da nossa literatura, que talvez já os tenha: Antologia Goiana, de Veiga Netto; A Poesia em Goiás, de Gilberto Mendonça Teles, e Retrato da Academia Goiana de Letras, de Humberto Crispim Borges.

Deverei fazer uma propositura na próxima reunião da Academia, para que um grupo de acadêmicos, em sintonia com o dr. Carlos Alberto, vá àquela cidade para uma visita-homenagem, embora superpóstuma, ao mausoléu do nosso poeta, no Cemitério da Saudade, onde se fixará uma placa alusiva e depositará uma corbeille de flores.

Nascido na capital de Goiás, no século passado, não se tem registro do dia e mês, e, também, em controvérsia, o ano: 1869 a 1872, e morreu a 3 de julho de 1906, havendo registro também de 1903, depois de sofrer uma fatal tuberculose pulmonar, internado na Santa Casa de Misericórdia daquela cidade (Capital do Calçado).

O povo de Franca erigiu-lhe um suntuoso mausoléu, onde se lê: “Repousam aqui os despojos do malogrado poeta goiano Higino Rodrigues. Tombou sobraçando a lira, ainda na primavera da vida e legando às letras pátrias o fruto de seu estro. Tributo do povo de Franca”. Ainda estão no túmulo os títulos de suas obras: Pampeiro, Dinamites, Flores do Deserto, Trinos e Trensos e Versos Diversos.

Seu auto-retrato: Hoje – “Aos doze anos amei e fui

traído/Aos quinze comecei de poeta o fado/Chego aos dezoito... e fiz-me então soldado/Aos vinte e três já era um foragido./E do destino sempre perseguido/Vivendo sempre a amar sem ser amado,/Agora aos trinta e dois eis-me chegado/E inda não sei p'ra que fui eu nascido!/E se do amor jamais banhou-me a espuma/Fortuna nunca achei em parte alguma.../Não tenho amigos, nem do 'arame' a luz!.../E contudo o meu nome faz estrondo!/Serei muito feliz inda transpondo/Os trinta e três, a idade de Jesus!"

Patrono da Cadeira 24 da nossa Academia, ocupada pelos josés: primeiramente pelo cônego José Trindade da Fonseca e Silva; depois, por José Peixoto da Silveira e, atualmente, por José Normanha de Oliveira.

Como disse na semana passada que bastaria a página Buriti Perdido para consagrar Afonso Arinos, também apenas o poema Raça, de Demóstenes Cristino e o soneto A Pinta Preta, de Ygino Rodrigues, para consagrá-lo.

Macktub¹⁸⁸!

Bariani Ortencio

188 ORTENCIO, Bariani. "O malogrado poeta goiano". O Popular, Goiânia, 8 fev. 2002, p. 6

Notícias e elogios fúnebres

A morte de Ygino repercutiu na imprensa de Franca. A **Tribuna da Franca**, edição de 7.7.1907, trouxe em primeira página o artigo abaixo, de responsabilidade da redação:

Ygino Rodrigues

Acaba de descer à modesta cova rasa do nosso campo santo o corpo inanimado de Ygino Rodrigues.

Quem o não conheceu, porventura, nesta zona?

Ninguém, ao certo. Que ele, perambulando errante pelas ruas de todas as cidades desta zona, encheu-as com o arruído de seu nome, como encheu com o seu vulto intelectual um bom capítulo da literatura indígena e, podemos dizê-lo, nacional, porque Ygino Rodrigues foi, realmente, um poeta.

Foi um poeta, dizemos, e não um fazedor de versos. Ele nasceu artista, honrando a terra goiana, nas suas estrofes divinamente inspiradas, que ele escrevia para aí, ao correr da pena, sobre os joelhos, sem o cuidado da forma e sem o buril que dá ao cristal o brilho do diamante.

Os versos de Ygino Rodrigues têm o valor intrínseco do Fundo e a beleza da Forma pura, não coadas embora no cadinho do esmero: são diamantes sem lapidar, que brilham, não podendo esconder sob a crosta tosca, às vezes, a jóia que procura guardar, como que usurariamente...

A sua musa, quando não era condoreira, nunca descia ao nível dos pântanos.

O seu estilo era terso, vivo, ardente “como um ferro em brasa”, às vezes, e mavioso e lírico, vezes outras...

É que em cada um dos seus versos vibrava a alma amargurada ou revoltada da vítima.

Eis o Intróito do último livro que publicou e dedicado ao povo de Franca:

*Os versos que ides ler, leitores e leitoras,
Versos feitos de luz e de trevores feitos,
Não têm emanações acariciadoras,
Não são áureos na forma e no fundo perfeitos...*

*Ora eles timbre têm de vozes gemedoras,
Ora, cantam, gazis pássaros satisfeitos...
Ora, eles têm de Romeu alegre o canto ameno,
Ora, eles têm de Eurico o amargurado treno.*

*Choram na mandolina intensa da Tristeza
E cantam na guitarra ardente da Alegria!
Veze têm o esplendor musical da devesa,
Veze, a roxa unção d'atra melancolia,
São baladas azuis dignas d'uma princesa
São blasfêmias cruéis que solta uma enxovia...
D'eleitos serafins são preces, são diademas,
De reprobos também são uivos e pocemas!*

*Deixai passar o meu harpejo solitário,
Embalado no vosso imáculo carinho...
Tem a vida o Tabor e tem o seu Calvário,
Como a rosa também tem o perfume, o espinho...
Forasteiro infeliz a seguir meu fadário,
Esta lembrança deixo à beira do caminho:
"Trinos e Trenos"! Eis convosco o meu abraço
a dádiva singela e humilde que vos faço.*

Mal sabia ele que os seus Trinos e Trenos [ilegível] quatro ventos da publicidade e com que pagava ele um tributo de amor a Franca, onde passou os seus últimos tempos:

*"Trinos e Trenos"! Eis convosco o meu abraço
a dádiva singela e humilde que vos faço.*

Abraço último, abraço derradeiro sim, poeta, mas não "dádiva singela e humilde", que ela é fidalgo presente, filho do talento e da imaginação do artista!

E o povo de Franca soube corresponder à magna

nimidade do brinde, depositando sobre o modesto ataúde do cantor a rica coroa de saudades, e levando-o pela sua elite social, à última morada.

Ygino Rodrigues foi, talvez, uma vítima da escola de Byron.

Daí, quem sabe ele não compreendesse a poesia, sem a boemia incorrigível que tem por teto as tavernas e por banca de trabalho a mesa dos botequins e a sarjeta das ruas...

Mas quem sabe também se ele foi quem foi, arrasado pela Dor e pela Desdita insuperável que encontrou na existência, para ele madrasta?...

Talvez ele tivesse, e tinha-as com certeza, razões profundas para dizer:

*Vingo-me, desprezando essa horda à toa,
Bebendo pinga, seja ruim ou boa,
Que não bebe por gosto quem padece!*

Ele foi quase um incompreensível, para todos e para si próprio:

*Confesso que ninguém me compreende,
Visto que eu mesmo não me compreendo,
Levo a existência aos trambolhões, sofrendo
Co' a masc'ra de um sorriso de duende!*

*Quem quiser ler minha alma nada entende,
Ruge lá dentro um vendaval tremendo!
E eu sinto que já vai se enfraquecendo
A luz, que extinta, ali não mais se acende!*

A vida foi-lhe um grande sudário de sofrimentos, embora ele, resignado ou altivo, dissesse a um amigo:

*Não creias que vivi sempre esquecido
Da inf'licidade no terrível ermo,
Passando como um pobre foragido
Que busca alívio ao coração enfermo!*

(...)

Não creias que eu não tive uma quimera
Tive amor, tive fé, tive entusiasmo...
Mas hoje oculto a dor que me lacera
Sob a pompa escarlate do “Sarcasmo”!

Ygino Rodrigues era um crente.

De quase todos os seus escritos ressalta essa verdade. Além do belíssimo Ato de Contrição, que domina, honrando-a, esta modesta homenagem¹⁸⁹, ele canta hinos a Maria Santíssima e a Jesus, nos seus livros...

Eu amo tudo que a natura ostenta,
Bela, opulenta desde a terra aos céus...
Da natureza no grandioso seio
Soletro e leio um grande nome: “Deus!”

Se o Céu pertence, como cremos, àqueles que passaram sofrendo sobre a terra, ele – esse pobre Ygino Rodrigues que aí viveu ao relento, ao sol, à chuva e ao frio, crendo sempre e nunca desesperando – lá foi receber o prêmio dos seus padecimentos, a palma do seu quase martírio!

E assim terminou os seus dias, numa alcova reservada da Santa Casa de Misericórdia, no dia 4, esse amigo que, se não teve quem no último transe lhe fechasse os olhos, foi, entretanto, pranteado pelo povo bom, de quem ele era querido e festejado e de quem ele, não raro, fugia, esquivo e original...

A Tribuna da Franca espalha sobre a terra ainda úmida do seu túmulo, goivos e saudades...

Notas Avulsas

De suas obras publicadas, lembramo-nos, no momento, das seguintes: Dinamites, versos de propaganda

¹⁸⁹ A Tribuna da Franca trazia, em primeira página, esse poema de Ygino Rodrigues.

nacionalista, 3 volumes, Pampeiros, Versos Diversos, Flores do Deserto, Faíscas, Indiretas, sonetos satíricos, Cantos e Contos, Trinos e Trenos, além de grande número de folhetos de versos e novelas, publicados em diversas épocas.

Colaborou em quase todos os jornais desta zona, que são repositório de verdadeiras jóias, em prosa e verso.

A sua colaboração nesta Tribuna daria um grosso volume de ótimas produções.

O seu enterro, que se realizou às 5 horas da tarde, foi grandemente concorrido, apesar do péssimo tempo que então fazia.

As alças do caixão eram disputadas com interesse pelos amigos que queriam prestar-lhe a última homenagem.

A Banda do Grêmio, que compareceu espontaneamente, executou tocante marcha fúnebre durante o trajeto, escrita pelo seu diretor, sr. Oscar Lousada naquele dia, especialmente para esse fim.

A Estudantina Francana compareceu também incorporada, com o seu estandarte coberto de crepe.

Sobre o caixão foi depositada uma rica coroa, de cujas fitas pendia a inscrição: Recordação do povo da Franca.

À beira da sepultura usou da palavra A. de Castro, que produziu tocante e eloqüente oração necrológica, e a banda do Grêmio executou ainda uma vez a marcha fúnebre, enquanto o caixão, depois de ser aberto para que os amigos contemplassem pela última vez a face pálida do morto, descia à cova¹⁹⁰...

Ainda no número de 7 de julho, a **Tribuna da Franca** publicou artigo datado de 5, escrito por A. de Castro (Armando de Castro Quintanilha), o mesmo que fizera o discurso ao pé da sepultura:

190 **Tribuna da Franca**, 7.7.1907

Ygino Rodrigues

Para a TRIBUNA

Associo-me sinceramente à homenagem que hoje presta a Tri-buna ao meu mal-aventurado amigo Ygino Rodrigues.

Aquela alma inquieta que tanto lutou por um ideal que ela mesma não sabia definir e explicar, aquele cérebro, onde tantas vezes, desencadeou-se a procela indômita dos pensamentos desvairados, mas gigantescos e estóicos, aquela alma enigmática, que a si mesmo se desconhecia, há de por certo amar o repouso final de seu alquebrado corpo.

Ontem, ao enviar-lhe o último adeus, eu disse que ele desejava o terreno descanso da campa.

Desejava-o sim, e eis como ele formula esse anelar em um de seus mais belos sonetos:

Tortura

*Não poder percorrer a etérea altura
Como em sonhos já tenho percorrido,
Sentir-me ao limo vil sempre jungido,
É cousa que me aflige e me tortura!*

*Ver sempre o dia suceder à escura
Noite... ora ouvir a Dor dar um gemido,
Ora a Alegria em túrbido alarido...
É cousa que me aflige e me tortura!*

*Sentir a fantasia andar de rastros,
Inerme p'ra se erguer, alar-se aos astros,
É cousa que me aflige e me tortura!*

*É um castigo talvez que Deus me inflige?
Certo é que me tortura e que me aflige,
Se isto é viver, a vida é uma tortura!*

Se isto é viver, a vida é uma tortura! Dizia ele, e não é isso um dito de poeta.

Todos sabemos que lhe era a existência cruento sacrifício.

Nem mesmo a luz vivíssima de seu alevantado talento, nem mesmo a chama de iluminado que lhe ardia na noite escura e torva de seu atormentado cérebro, como um sol a esplender, entre negras e pejudas nuvens, sentia-se bem, achava-se feliz, presa no cárcere de sua matéria frágil e incapaz de lutar contra o mal que lhe ia sorrateiramente minando a vida.

E ele compreendia isso e ele reconhecia-se impotente para reerguer-se:

*Sentir a fantasia andar de rastros,
Inerme p'ra se erguer, alar-se aos astros,
É cousa que me aflige e me tortura!*

Era uma alma que errara a sua rota e por isso exclamava:

*Tenho saudades de um país estranho,
Aonde em sonhos já vivi contente,
Parece o inferno o meu sofrer tamanho,
Causando assombros a qualquer vivente!*

Errara sim o seu destino, uma inteligência que nascera para percorrer as eternas alturas da fantasia iluminada e que se sentia jungida ao limo vil de sua pecadora matéria.

Mas a sua alma resplandecente e pura aí ficará imperecedoiramente palpitando nas páginas eloqüentes de seus livros.

Non omnis moriar¹⁹¹.

A. de Castro
Franca, 5.julho.907

191 Tribuna da Franca, 7.7.1907

E a coluna “Coisas do Arco da Velha”, da **Tribuna da Franca** do mesmo dia 7 de julho, tinha o seguinte teor:

Morreu Ygino Rodrigues.

Como há de minha pobre pena, sem cometer grande sacrilégio, correr hoje pela pauta do branco papel, sem mudar de rota?...

Como há de ela traçar períodos álacres dos acontecimentos do dia, esquecendo-o, a ele, ao Ygino?...

Ah! Não!... Que se eu, desvairado, quisesse praticar tão negra ação, ela, a minha pobre pena, a mesma que, desalinhada, confusa, incompetente, falha e obscura, acaba de dedicar-lhe as pobres linhas da redação; ela, sim, a minha pobre pena se recusaria nobremente, emperando severa sobre o papel, a traçar outras palavras que não fossem umas últimas notas de Dor, pelo desaparecimento dele...

Não!... A minha pobre pena vai ela mesma correndo célere, sem que eu próprio saiba porque, deslizando satisfeita de cumprir o seu dever neste momento.

E a tinta, então, essa se transformaria em lágrimas, gotejante, viva, a tremer, escorrendo a custo, se eu não lhe satisfizesse a obrigação que ela tem de enegrecer tudo hoje, num luto pesado e sentido por ele, pelo nosso Ygino?

Ah! É que tudo aqui lembra-o. O tinteiro, a pena, a tinta e a caneta, que foram companheiros dele e que são nossos companheiros, estão a recordá-lo num concerto uníssono de Dor, numa nênia plangente de sino a dobrar...

Então, se os objetos inanimados assim procedem, eu, que tenho uma alma para sentir, um coração para chorar, haveria de profanar esta página, ocupando-me de outro assunto?

Eu, que já me sentei nos bancos colegiais onde ele era o mestre, haveria de esquecê-lo neste momento?

Não!

Acredite quem lê por acaso estas linhas tristes e desconexas da pena a correr, que o papel que estou ene-

greco foi salpicado de lágrimas, por esse pobre Ygino que baixou à terra fria.

Descanse em paz o meu querido amigo e mestre¹⁹².

Francisco Cunha

O semanário **O Janota** também publicou em primeira página, igualmente no dia 7 de julho de 1907, artigo de Maneco Mandiroba sobre Ygino Rodrigues:

PIPAROTES

Não é nas tintas rubras da aurora que molho a minha pena hoje; é nos aljôfares do pranto da Musa que, lá nas margens do infinito, jaz, de joelhos, sobraçando a lira envolta em crepe, plangendo dolorosamente um filho dileto que a cova voraz tragou.

Quedou-se para além das sombras do sepulcro uma estrela da grande constelação da nossa literatura.

Morreu Ygino Rodrigues, esse boêmio extraordinário do nosso meio, cujo o desaparecimento o povo francano inteiro deplora, porque apesar da sua despreocupação social, ele tinha a grandeza enaltecadora do talento.

Era um boêmio, era um nome e uma individualidade mental.

Poeta nato, de uma poesia original toda sua, pois que nada lia, por isso nada imitava, sabia cristalizar num soneto o que seu coração via e o que sua alma sentia.

Cronista, burilava em palavras chistosas, pela nossa imprensa, crônicas que alegravam ao espírito.

Crítico, escrevia sempre apreciando os fatos acima das paixões partidárias, com sentimento de equidade.

Produziu diversos livros de poesia, salientando-se os “Trinos e Trenos”, onde, sob o título “Canção do Desespero”, o poeta mostrava o desapego que tinha por

este mundo, dizendo:

*Eu já não tenho aspirações na vida,
Eu fujo até da sociedade em peso...*

Sabia adaptar à rima qualquer assunto, fazendo-o em linguagem singela, sem esses pedantismos empolados e contrafeitos de poetas imitadores.

Era um poeta e um indiferente.

Parecia passar por tudo e por todos com indiferentismo, não sentindo as carícias da brisa a beijar-lhe as faces, nem temendo a lufada cavernosa e brutal do vendaval que, bramindo, ia, pouco a pouco, conduzindo-lhe o corpo fraco ao abismo tremendo da morte. Desde muito enfermidade cruel o abatia, tendo ele certeza da proximidade do fim de seus dias, pelo que repetia sempre a frase: “Em breve minha alma deixará esta torre de argila que se chama corpo”.

Foi o Ygino Rodrigues um monolito arrancado das montanhas goianas que, passando luminoso sobre a imprensa francana, foi quedar-se, ali, na Necrópole fria.

O povo desta terra acompanhando-o à última morada, fez uma consagração ao mérito.

Eu, escrevendo estas linhas, tento entretecer uma singela coroa de infindas saudades, colhidas no jardim de meu coração, para pousá-la sobre a lousa fria e muda que acaba de fechar sobre uma lira partida pela mão cruel da morte¹⁹³.

Maneco Mandiroba
(**O Janota**, 7.7.1907)

Em outra página, o mesmo número de **O Janota** traz uma notícia do passamento, em texto sem assinatura:

193 **O Janota**, 7.7.1907

Hygino Rodrigues

Depois de longos dias de incessante sofrimento, num leito de dor, a 4 do corrente desapareceu do número dos vivos, entre os lençóis da caridade pública, o talentoso poeta goiano Hygino Rodrigues.

Nascido em Goiás, foi o Oeste de São Paulo a sua residência predileta e também o seu túmulo, a sua morada eterna.

Escreveu diversas obras, colaborou em muitos jornais, tendo também redigido alguns com invejável aptidão.

Os últimos anos de sua existência passou-os nesta cidade como um perfeito boêmio.

Ao seu enterramento que teve lugar às 5 horas da tarde, apesar do tempo frio e chuvoso compareceu grande número de pessoas, notando-se representantes de todas as camadas sociais.

Falou à beira da sepultura o inteligente moço Armando de Castro Quintanilha que, em palavras repassadas de fundo pesar, comoveu a todos os presentes.

O seu necrológio, tão cheio de dados, certamente será desenvolvido pelos nossos colegas locais, os quais, mais do que nós, são competentes para descrever o que foi a vida desse sonhador. Cinco dias depois, a 11 de julho de 1907, traz a Tribuna da Franca comentários de Francisco Cunha às homenagens prestadas ao poeta:

Coisas do Arco da Velha

Toda a gente deu por muito bem empregada a homenagem que a Tribuna prestou em sua última edição ao malogrado poeta Ygino Rodrigues.

Eu há muito tempo não tenho ocasião de observar fenômeno assim.

Em se tratando de assuntos tais, por maiores que sejam os merecimentos do homenageado, sempre há de aparecer alguma alma daninha, que se não conforme com a consagração prestada.

Sempre há de haver alguém, para reprová-la, achá-la exagerada, favorecedora de dotes e qualidades que o anfitrião não possuía.

Sempre alguém aparece, tendo vontade de atirar-nos à cara a pecha de insensatos e incensadores póstumos.

Ygino Rodrigues teve essa felicidade, de ver repetida na boca do povo, quiçá em maior dosagem, a exploração das homenagens que recebeu da imprensa.

E nós tivemos também essa felicidade de termos interpretado o sentimento geral do povo bom, dizendo dele o que ele merecia.

Nem uma leve palavra de censura, nem um gesto de enfaro.

Cada um dos que nos encontravam no domingo, corria a nós, prazenteiro e satisfeito, a dar-nos parabéns pelo que havíamos feito.

Que fizemos a justiça que merecia o inditoso poeta goiano, era a sentença que brotava em todos os lábios...

E acrescentavam outros conceitos, demasiado gentis, pela parte material e intelectual daquela modesta página.

Pois bem. Antes assim.

Estamos satisfeitos, repletos de contentamento ante essa sagração popular, que tanto engrandece a nossa boa intenção.

Obrigados, dizemos a todos.

Obrigados, por nós e por ele.

E ficamos mais arraigados na convicção de que o verdadeiro soberano sábio e justo é o – Povo¹⁹⁴.

F.C

Encerrando os textos referentes ao falecimento de Ygino, publicados em julho de 1907, transcrevemos um poema de Francisco Cunha, que saiu na primeira página da **Tribuna da Franca**, no dia 11:

194 **Tribuna da Franca**, 11.7.1907

Ygino Rodrigues

No 7º dia do seu falecimento

Ao mestre, Dr. Júlio Cardoso

Desse que à terra mãeolveu, ao seio,
Sem conforto gozar na humana vida;
Desse que dorme agora, como o creio,
No sossego da paz tão merecida;

Desse que sucumbiu na ingrata lida,
Em cujo ardor a morte o colher veio,
E que da ingente luta – não vencida –
Numa tarde hibernal caiu ao meio;

Desse pobre cantor que emudeceu
E cuja alma foi cantar hinos no céu;
Com imáculo respeito augusto e santo,

Na cova rasa e nua, sem um ramo,
Estas quatorze linhas eu derramo,
Quatorze lágrimas de sentido pranto^{195!}

Francisco Cunha

3

O Mausoléu

Quintiliano Jardim, em artigo publicado em novembro de 1908, supõe que Ygino “jaz, confundido entre as valas comuns de um cemitério paulista, talvez sem ter o seu nome num braço de cruz protetora, assinalando a sua última morada”. E arremata: “Foi um desgraçado na vida! Quem sabe se não será um esquecido na morte”¹⁹⁶!

Mas não! Franca não abandonou “seu” Poeta! Apenas quatro meses após sua morte, iniciou-se uma campanha na cidade, para a construção de um “modesto mausoléu”, um monumento condigno para aquele que, com sua veia poética, encantou os francanos.

Os jornais de 14 de novembro de 1907 traziam a notícia:

Ygino Rodrigues

Maneco Mandiroba, cintilante cronista e colaborador do nosso prezado colega ‘O Janota’, teve a feliz lembrança de abrir entre os admiradores do saudoso e malogrado vate nacional, cujo nome encima estas linhas, uma subscrição para o fim de ser-lhe erigido modesto mausoléu que perpetue a sua memória. Tal subscrição tem alcançado inteiro êxito, constando da lista a contribuição de mais de duzentos mil réis. Aplaudindo tão justa homenagem, esperamos que de pronto fique inteirada a quantia que falta para a realização do nobilíssimo tentamen¹⁹⁷.

Ygino Rodrigues

Por iniciativa do nosso colega de imprensa Fulgêncio de Almeida, abriu ‘O Janota’ uma subscrição a fim de ser adquirido um modesto mausoléu, para ser ereto no tú-

196 JARDIM, 1908, p. 34.

197 **Cidade de Franca**, 14.11.1907, p.1

mulo do saudoso poeta Ygino Rodrigues. Estamos certos de que a generosa idéia será benevolmente acolhida pela população francana¹⁹⁸.

Este mesmo número da **Tribuna da Franca** estampava, ainda na primeira página, a seguinte:

Crônica

Ygino Rodrigues, o infeliz e sublime poeta que os francanos jamais esquecerão, pois que dele todos devem guardar, já não direi eterna saudade mas viva lembrança; o vate ardente dos Dinamites, o cantor suave dos Trinos e Trensos, vai alfim dormir o seu último e grande sono ao abrigo de modesto mausoléu, graças à generosidade de corações amigos e à bondade de almas bem formadas.

E bem merece esse pretoito o autor do Ato de Contrição.

Não que o mármore que vai cobrir-lhe o jazigo sirva para mais enaltecer o seu nome; não que o saudoso poeta necessite de pompas e ostentações para que a sua lembrança e a sua obra permaneçam intangíveis desafiando o tempo no seu constante caminhar, na sua ação corrompedora e no seu imutável desígnio de tudo fazer esquecer.

O principal valor desse mausoléu que a piedade de uns e o espírito de justiça de outros vão erigir à memória querida desse ilustre patricio que viveu de toda gente mal compreendido, como ele mesmo diz em seus versos, às vezes sarcásticos e outras saturados de um misticismo dolente e pungitivo, mas que legou às letras pátrias preciosos tesouros de subido apreço; o principal mérito desse mausoleu está em que atestará ele às gerações futuras os sentimentos afetivos, a pureza de pensar dos que tiveram a nobre iniciativa de fazê-lo erigir.

Ao poeta, que vegetou em meio da tortura, tendo

198 **Tribuna da Franca**, 14.11.1907, p.1

sempre a alma ensombrada pelo desgosto, pouco importa agora essa homenagem, pois que não mais sente a dor lacerar-lhe a alma sob a pompa escarlata do Sarcasmo e não poderá nunca mais cantar em estrofes divinas o Azul.

A ele pouco interessa que a sua sepultura tenha custosos mármore ou que sirva-lhe de cúpula amiga a vasta amplidão dos céus onde cintilam as grandes estrelas que apaixonadamente cantou em noites de vigílias.

Se alguém tem a lucrar com a ereção desse mausoléu, certo que será a população francana, que por essa forma dará de si eloqüente prova de bondade e gratidão, não deixando que a enxada inconsciente e desapiedada do coveiro revolva cínica e indiferente a humilde cova que encerra os restos preciosos do insigne trovador que por muitos anos aqui existiu tudo cantando e deixando em cada uma de suas estrofes o característico do seu sentimento carinhoso para com os habitantes e as belezas desta terra que ele tanto amou e enalteceu ao som triste de sua melodiosa lira.

E se outro mérito não tivesse a idéia de dar-se ao bardo sonhador um túmulo compatível com os seus merecimentos, bastaria para torná-la digna da benevolência de todos que aqui vivem o fato de ter o excêntrico mas amoroso poeta dedicado ao povo desta terra a sua última obra, Trinos e Trenos, certamente aquela onde ele se revelou mais crente e religioso e por isso mesmo mais leal e sincero.

Para lembrar os que leram os dulcíssimos versos que serviram de dedicatória ao aludido livro, que chamarei poema da Dor, e torná-los conhecidos dos que ainda não sentiram a fragrância, a pureza de sentimento, o suave sabor que transpiram desses versos que formam uma canção tão íntima e tão alada que bem traduz toda a delicadeza da alma do poeta, aqui os transcrevo certo de que presto com isto comum serviço ao seu emérito autor e ao povo a quem foram dedicados:

Os versos que ides ler, leitores e leitoras,
Versos feitos de luz e de trevores feitos,
Não têm emanações acariciadoras,
Não são áureos na forma e no fundo perfeitos...,
Ora eles timbre têm de vozes gemedoras,
Ora cantam, gazis pássaros satisfeitos...
Ora eles têm de Romeu alegre o canto ameno,
Ora eles têm de Eurico o amargurado treno.

Choram na mandolina intensa da Tristeza
E cantam na guitarra ardente da Alegria!
Veze têm o esplendor musical da devesa,
Veze, a roxa unção d'atra melancolia,
São baladas azuis dignas d'uma princesa
São blasfêmias cruéis que solta uma enxovia...
D'eleitos serafins são preces, são diademas,
De reprobos também são uivos e pocemas!

Deixai passar o meu harpejo solitário,
Embalado no vosso imáculo carinho...
Tem a vida o Tabor e tem o seu Calvário,
Como a rosa também tem o perfume, o espinho
Forasteiro infeliz a seguir meu fadário,
Esta lembrança deixo à beira do caminho
:“Trinos e Trenos”! Eis convosco o meu abraço
a dádiva singela e humilde que vos faço.

Quem aqui morando e se recordando do autor destes versos tão verdadeiros e sentidos, se negará de contribuir para o mausoléu que se projeta levantar sobre o túmulo onde dorme o último sono esse Ygino Rodrigues que, mesmo depois de morto, parece ainda estar vivendo entre nós, atravessando em noites invernosas, cheio de imprecações e martírios, as nossas desertas ruas para no dia seguinte, modesto e tímido, aparecer-nos aparentemente satisfeito e emoldurado na sua despreziosa modéstia?

Não, não creio que haja entre nós alguém que, podendo furtar aos seus prazeres um pouco de ouro, se negue a concorrer para que no nosso formoso Campo Santo tenha morada decente e perpétua esse sublime poeta que, quase

obscuramente aqui finou-se, mas que inegavelmente foi um dos nossos mais característicos e talentosos literatos.

Por essa forma pagará o povo de Franca dívida de honra ao seu poeta e amigo, concorrendo ainda para que no âmago sinistro e abominável da vala comum não desapareçam para sempre os restos mortais do mavioso vate goiano, os quais, tanto quanto os dos seus maiores êmulos, devem ser conservados como relíquias amadas para glória da Pátria e estímulo às gerações vindouras¹⁹⁹.

J.L

Com efeito, a subscrição para a construção do mausoléu de Ygino contou com o imediato apoio da população. Comerciantes, intelectuais, estudantes, todos se empenharam na campanha; o “Grupo Dramático Francano” ofereceu parte da receita de um espetáculo “à comissão encarregada da construção de um mausoléu sobre a campa do inspirado poeta sertanejo Hygino Rodrigues²⁰⁰.

Affonso de Carvalho resumiu: “e é fama que não houve em Franca uma só bolsa que negasse seu óbolo para execução da piedosa idéia”²⁰¹.

O túmulo de Ygino, “ao lado direito de quem entra” no cemitério da Saudade, tem o número 645.

É “simples e sóbrio, encimado por uma coluna de mármore branco, em que se encontra um livro aberto, com o seguinte epitáfio (...): ‘Passou pela terra / Cantando e sofrendo’. Logo abaixo vem a frase latina – Ex tumulo vita. Na lápide, gravada, a inscrição: ‘Repousam aqui os despojos do malogrado poeta goiano Ygino Rodrigues. Tombou, sobraçando a lira, ainda na primavera da vida e legando às letras pátrias o fruto do seu estro – Tributo do povo de

199 **Tribuna da Franca**, 14.11.1907, p. 1.

200 **Cidade da Franca**, 25.12.1907, p. 1.

201 Carvalho, 1912.

Franca''''²⁰².

Vêm-se ainda, gravados em alto relevo, os títulos de alguns livros: Pampeiros, Trinos e Trenos, Flores do Deserto, Versos Diversos, Dinamites.

202 Teles, 1964, p. 70.

Bibliografia

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. Anuário histórico, geográfico e descritivo do Estado de Goiás. Uberaba: Livraria Século XX, 1910.

BORGES, Humberto Crispim. Retrato da Academia Goiana de Letras. Goiânia: Ed. Oriente, 1977.

BRASIL, Francisco de Assis Almeida (Org.). A Poesia goiana no século XX: antologia. Rio de Janeiro: Imago; Goiânia: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1997.

CARVALHO, Affonso J. de. A Franca: esboço de história e costumes. São Paulo: Ed. Escolas Profissionais Salesianas, 1912.

CELESTINO FILHO (Pedro Celestino da Silva Filho). "Higino Rodrigues". O Francano, Franca, 1º jul. 1951.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

CHIACHIRI, José. "Ygino Rodrigues, o poeta esquecido". Revista Vilafranca, Franca, n.16, jun. 1960.

CORALINA, Cora. Poemas dos becos de Goiás e estórias mais. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965.

JARDIM, Quintiliano. "Poeta morto". Revista A Instrução, Uberaba, 1908; artigo republicado na revista Oeste, Goiás, v. 3, nº 14, p. 33, março de 1944.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. Viagem ao Araguaia. Parte I, Considerações administrativas sobre o futuro de Goiás. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957.

MARTINS, Mário Ribeiro. Estudos literários de autores goianos. Goiânia: Ed. FICA, 1995.

MATOS, Carlos Alberto Bastos de. "O poeta da 'Pinta Preta'". Diário da Franca, Franca, 30.11.1999, p. 10.

ORTENCIO, Bariani. "O malogrado poeta goiano". O Popular, Goiânia, 8 fev 2002, p. 6.

PARANHOS, Ricardo "Versos diversos". Cidade da Franca, Franca, 15 jun. 1905.

QUEIROZ, Jerônimo Geraldo de. Evolução cultural de Goiás. Goiânia: Instituto Goiano do Livro/ Gráfica Oriente, 1970.

RAMOS, Victor de Carvalho. Letras goianas: esboço histórico. Goiânia: Instituto Goiano do Livro, do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, 1968.

TELES, Gilberto Mendonça. A poesia em Goiás: estudo/antologia. Goiânia: Imprensa Universitária, UFG, 1964. Segunda edição, na série Estudos Goianos, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1983.

TELES, Gilberto Mendonça (Org.). Memórias goianas, 2: poetas goianos, século 19. Goiânia, Universidade Católica de Goiás, Centro de Cultura Goiana, 1984.

VEIGANETTO (José da Veiga Jardim Netto). Antologia Goiana (Tomo I): prosadores, jornalistas e poetas falecidos/1838-1943. Goiânia: Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, Prefeitura Municipal de Goiânia, 1944.

Índice dos Poemas

Poemas publicados em jornais de Franca

1. Carne!	30
2. Ato de Contrição	31
3. Acte de Contraction	32
3. Flor de Maio	33
4. Original	34
5. De luto!	35
6. Monólogos místico-espíritas	36
7. Lucis lacrima	37
8. Trilogia mística	38
9. Monólogos místico-espíritas II	39
10. Mãos	40
11. A Divina Virgem	41
12. Soneto Elegíaco	44
13. Rompimento	45
14. Não creias	46
15. Metamorfose	48
16. Saudade (fragmento)	49
17. Dor e Desprezo	50
18. Espoletas I	51
19. Espoletas II	52
20. Sem título	53
21. Moeda falsa	54
22. O chuchu branco	55
23. Parabéns	56
24. Anátema	57
25. Fumaças	58
26. Vindicta	59
27. Noturno	60
28. ?	61
29. Mímo	62
30. Acróstico	63
31. Através do Azul I	64
32. Através do Azul II	65
33. Através do Azul IV	66
34. Eu e o Sr. Intendente	67

35. Vandalismo	68
36. Resposta a Uruguaiano Brasiliense	69
37. Psique	70
38. Por Goiás!	71
39. Jeremiada I	72
40. Jeremiada II	73
41. Os olhos flamejantes	74
42. Marte e Vênus	75
43. Covinhas	76
44. Delito Mental	77
45. Ignota Déa	78
46. Campaspe	79
47. Cápuia	80
48. Conselho de Guerra	81
49. Intróito	82
50. O "Cid"	83
51. O Futuro Presidente	84
52. Em continência!	85
53. Ao Mais Digno! - d' après l' histoire	86
54. No hospital	87
55. Inferno	88
56. Sol Nascente	89
57. Última Súplica	90
58. Vita Nuova	91
59. A Guiomar	92
60. Não aceito!	93
61. Epigramas I	94
62. A taça	95
63. Diógenes	96
64. A grande viagem	97
65. Anquilose	98
66. Invulnerável	100
67. Eremita	101
68. Apóstrofe Cívica	102
69. Ignóbil Déa	104
70. Teu coração	105
71. Sonho	106
72. Ontem, Hoje e Amanhã - ou - A Voz dos Espelhos	107
73. Oração fúnebre	109

74. Rindo	110
75. Lost Work	111
76. Verbo escrito	112
77. Íntimo Júbilo	113
78. Prazer Satânico	114
79. O Poeta	115
80. Por quê?	116
81. Expição	117
82. Ainda não morri!	118
83. Tarde!	119
84. Sonhando	120
85. O Bicho	121
86. Interpelação	122
87. Palpites	123
88. Canção do Desespero	124
89. Rebate Cívico	125
90. Amor ou Morte	126
91. O Menino Jesus	127
92. Hoje	128
93. No Reino do “Silêncio”	129
94. Hóstia Ideal	130
95. A Cruz	131
96. Alma Eleita	132
97. Soneto (Amar sempre...)	133
98. Soneto (Ó deidade gentil...)	134
99. Flor do Vício	135
100. Página Íntima	136
101. O Destino	137
102. Iracema	138
103. Tântalo	139
104. Nihil!	140
105. Suprema Ventura	141
106. Epigrama	142
107. A Alguém - ou - O Teu Corpo	143
108. Paz Varsoviana	144
109. Uma Visão - ou - Poema Impossível	145
110. Devaneios	148
111. Necropolitano	150
112. À Bala	151

113. Tortura	152
114. Enfim!	153
115. Pecados mortais - I Soberba	154
116. II Avaréza	155
117. III Luxúria	156
118. V Gula	157
119. VI Inveja	158
120. VII Preguiça	159
121. Musa triste	160
122. Lendo Shakespeare I	161
123. Lendo Shakespeare II – Hamlet	162

Poemas de “Pampeiros”

124. Ninita (Recuerdo)	165
125. A Esmo	168
126. Ela	170
127. Trinitas invicta	171
128. O Lar em festa	174
129. Na Mata Virgem	175
130. A Esperança	177
131. Cordis Umbra	179

Poemas publicados em Goiás

132. Fastos da História Goiana: 19 de Fevereiro	183
133. Dilema da Vida	186
134. Vênus Imperfeita	187
135. Post- scriptum	189
136. Vita Nuova	190
137. Félix de Bulhões	191
138. A Humanidade	195
139. O Ouro e o Ferro	200
140. O Azul	201
141. A Pinta Preta	202
142. Lembrança	203
143. Eco do Passado	204

Impressão e Acabamento





Carlos Alberto Bastos de Matos
(31/12/1946 - 4/8/2004)

Formado em Direito pelo Largo de S. Francisco (Turma de 1974), começou a carreira como servidor público no Tribunal de Justiça de São Paulo. Aprovado em sucessivos concursos, foi delegado de Polícia, promotor de Justiça e juiz de Direito. Foi professor da Faculdade de Direito de Franca e imortal da Academia Francana de Letras, ocupante da cadeira nº 20, cujo patrono é o poeta Ygino Rodrigues. Como historiador, foi o responsável pela coordenação e edição do Almanaque Histórico de Patrocínio Paulista, publicado em 1985. Organizou a 2ª edição, ampliada, de "Nirvana", livro de poesias de Jorge Falleiros, cuja 1ª edição data de 1925. São de sua autoria, também, os "Apontamentos sobre a história da comarca da Franca".

“Como poeta Ygino foi e é o que a crítica, a mais severa, já disse – um gênio artístico, uma superior organização de espírito, bardo eloquente dado às canções patrióticas.”

Honório Guimarães

“Como todos os homens de cerebração privilegiada, o poeta goiano é, na mais lata acepção dos termos, um desorientado e um leviano.”

Ricardo Paranhos

“Ygino Rodrigues foi um revoltado. Doía-lhe nalma a hipocrisia da sociedade.”

Veiga Netto

“A tudo e a todos respondia em versos. Se da alma lhe brotavam jóias literárias como ‘A Pinta Preta’, ‘Ato de Contrição’, ‘Via Crucis’, também o verso jocosos e irreverente era a sua arma nos ataques aos seus adversários. Em versos brigou com muita gente em Franca e a todos tinha respostas ritmadas desconcertantes.”

José Chiachiri

“Ygino Rodrigues, apesar do seu descuido formal, era um poeta com muito de humano e trágico e que procurava fazer de sua poesia um instrumento direto de atuação no seu meio social.”

Gilberto Mendonça Teles

“Foi um desgraçado na vida! Quem sabe se não será um esquecido na morte!”

Quintiliano Jardim

ISBN-978-85-61707-00-2



9788561707002